



Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura

Fernanda Alcina de Abreu Ribeiro Carvalho Machado

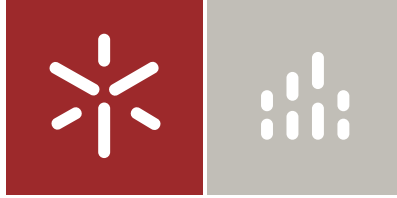
O Não-Lugar do Género

Fernanda Alcina de Abreu Ribeiro Carvalho Machado O Não-Lugar do Género

UMinho | 2018

abril de 2018





Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura

Fernanda Alcina de Abreu Ribeiro Carvalho Machado

O Não-Lugar do Género

Dissertação de Mestrado  
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao  
Grau de Mestre em Arquitectura  
Área de Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do  
Professor Doutor José Manuel Ramos Couto Capela

# DECLARAÇÃO

NOME: Fernanda Alcina de Abreu Ribeiro Carvalho Machado

ENDEREÇO ELETRÓNICO: fernandaalcina.93@gmail.com

TELEFONE: 931304071

BILHETE DE IDENTIDADE/CARTÃO DE CIDADÃO: 14466745

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O Não-Lugar do Género

ORIENTADOR: Professor Doutor José Manuel Couto Ramos Capela

ANO DE CONCLUSÃO: 2018

CICLO DE ESTUDOS INTEGRADOS CONDUCENTES AO GRAU DE MESTRE  
EM ARQUITETURA – ÁREA DE CULTURA ARQUITETÓNICA

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO  
APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO  
ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 30 de Abril de 2018

Assinatura: Fernanda Alcina Machado

*Rodrigo, Lara*



## NOTA PRÉVIA

- (i) Todo o trabalho desenvolvido acerca da questão de gênero assenta numa única premissa: o conceito de liberdade.
- (ii) A carência de valores humanos – que se instauraram no meio de forma ambígua – gerou um questionamento deste conceito.
- (iii) O erro deste questionamento traduz-se muitas vezes num desejo de retorno à falsa sensação de paz estabelecida noutros tempos.
- (iv) Este questionamento proporciona-se pelas características implícitas no conceito: a liberdade reduz-nos ao mínimo denominador comum, ser(mos) humanos. Concebe-nos iguais (ou pelo menos, tenta).

Vejamos: os tempos atuais exigem liberdade, proveniente de um compromisso moral feito algures no passado, mas impõem mais do que isso. Impõem responsabilidade, essa que retira a liberdade do campo anárquico e a coloca numa conduta social, permitindo a projeção das nossas ações nos outros. Na questão de gênero cabemos todos, porque a todos diz respeito. Desta forma, a teoria de performatividade de gênero estabelece-se, no trabalho em curso, como a única forma possível de entender esta questão. Ao longo da análise dos discursos feministas, a minha experiência e determinações pessoais levaram-me a considerá-lo por vezes redutor e exclusivo: qualquer teoria feminista que restrinja a categoria de gênero ao sistema binário é limitativa. Não pretendo, desta forma, desconsiderar as teorias feministas elaboradas até então, sendo grande parte dessas mesmas teorias fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.





## RESUMO

Esta dissertação articula um conjunto de ideias que, na sua totalidade, propõem uma reflexão sobre o gênero e a arquitetura. “Não-Lugar de Gênero” será o termo utilizado para lhe fazer referência.

Ao longo da dissertação articulam-se duas abordagens distintas: uma que dá protagonismo ao indivíduo enquanto ser ativo na determinação da sua identidade e outra que considera as conjunturas sociais que influem e, deste modo, condicionam a sua identidade. Articulação entre ambas permite construir um argumento acerca da performatividade de gênero – segundo as premissas da filósofa Judith Butler – em que gênero deriva de uma construção social, decorrente das práticas culturais, contextualizadas num discurso histórico específico. O objetivo, para além de expandir o campo contextual daquilo que tradicionalmente se entende por “gênero”, é a anulação da categoria do “outro”.

Considera-se a reciprocidade da relação entre o indivíduo e o espaço: a arquitetura muda conforme o indivíduo e a sua esfera social, e os indivíduos veem o seu comportamento moldado pela arquitetura.

A hipótese aqui defendida é que a sociedade contemporânea é produtora de infinitas identidades derivadas de performatividades e, neste sentido, “O Não-Lugar do Gênero” permanece como um modelo ativo que oferece um modo mais compreensivo de entender os novos modos contemporâneos de identificação com o lugar.

Palavras-chave: Gênero, Feminismo, Performatividade, Espaço fenomenológico, Espaço disciplinar, Boudoir, Não-Lugar.



# ABSTRACT

This dissertation articulates a set of ideas that, in their totality, propose a reflection about gender and architecture. “The Non-Place of Gender” will be the term used to describe it.

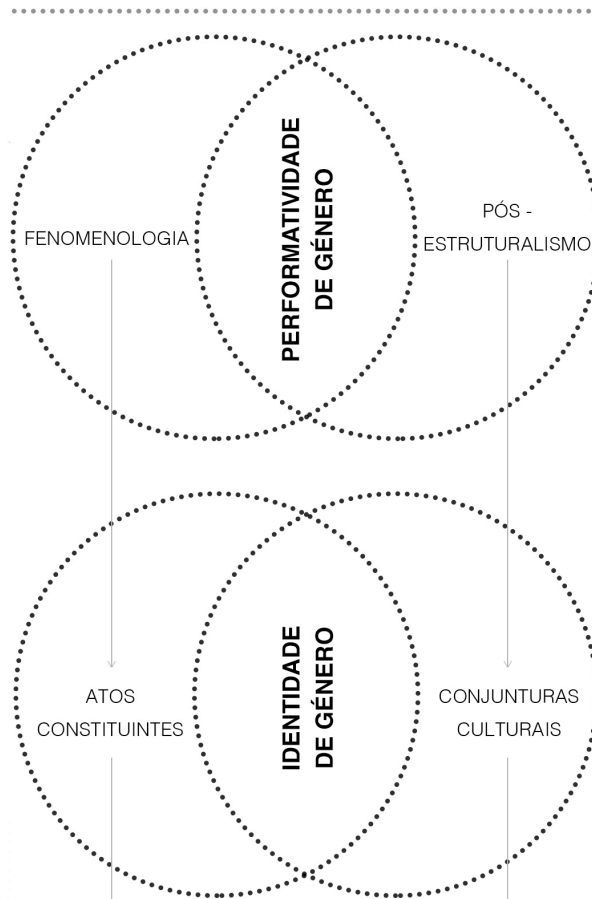
Throughout the dissertation there are two different approaches: one that gives protagonism to the individual as an active being in the construction of its identity and another that considers the social conjunctures that influence and condition its identity. Reviewing both allows for the argument relating to performativity of gender – according to the premises of the philosopher Judith Butler – in which gender derives from a social construction, due to cultural practices, contextualized in a specific historical discourse. The intention being, besides expanding the contextual field of what is traditionally understood by gender, the annulment of the category of the “other”.

Consider the reciprocity between the individual and space: architecture changes according to the individual and its social sphere, and individuals see their behavior shaped by architecture.

The hypothesis here defended is that contemporary society is the maker of infinite identities derived from performativity and, this way, “The Non-Place of Gender” remains an active and comprehensive model in understanding the new ways of identifying with a place.

Key-words: Gender, Feminism, Performativity, Phenomenological Space, Disciplinary Space, Boudoir, Non-Place.

PARTE I.  
GÉNERO



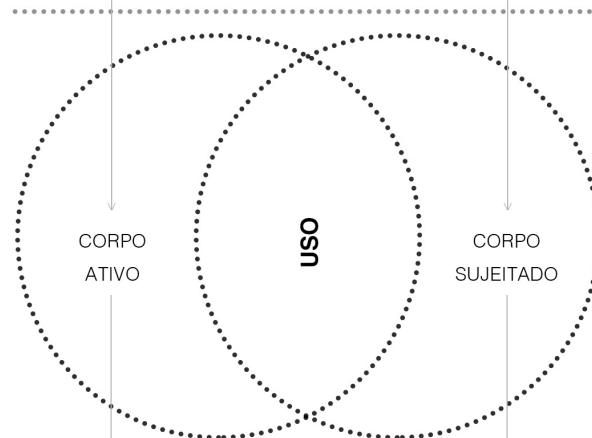
**PERFORMATIVIDADE DE GÉNERO**

A PERFORMATIVIDADE DE GÉNERO ESTABELECE-SE A PARTIR DA PERSPETIVA FENOMENOLÓGICA E PÓS ESTRUTURALISTA.

**A IDENTIDADE DE GÉNERO**

A IDENTIDADE DE GÉNERO FORMA-SE A PARTIR DOS ATOS CONSTITUÍNTES E DAS CONJUNTURAS CULTURAIS.

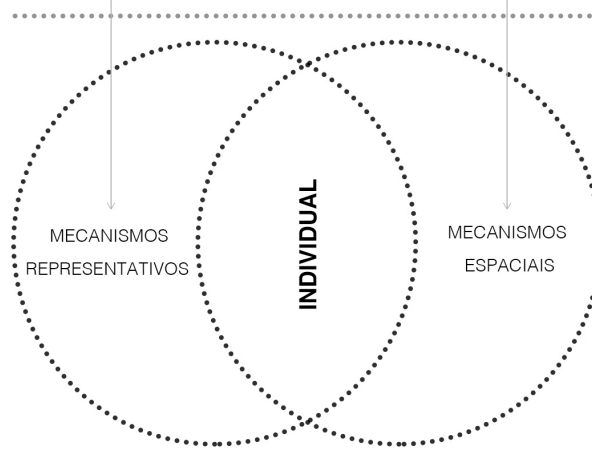
PARTE II.  
ESPAÇO/CORPO



**USO**

SE UM CORPO SE PODE TORNAR ÚTIL, FUNCIONAL E EFICIENTE A PARTIR DE RELAÇÕES ESPACIAIS, ENTÃO O CORPO PODE TORNAR O ESPAÇO ÚTIL, FUNCIONAL E EFICIENTE. O QUE ESTÁ EM CAUSA É A QUESTÃO DO USO.

PARTE III.  
ARQUITETURA



**INDIVIDUAL**

O INDIVIDUAL MEDEIA A RELAÇÃO ENTRE OS MECANISMOS REPRESENTATIVOS E OS MECANISMOS ESPACIAIS.

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO	12
<b>I. GÊNERO</b>	<b>17</b>
1.1. Considerações iniciais	
1.1.1. Fenomenologia	18
1.1.2. Pós-estruturalismo	21
1.1.3. Performatividade de gênero	23
1.2. Identidade de gênero	
1.2.1. <i>Gender Trouble</i>	26
1.2.2. Os atos constituintes	27
1.2.3. As conjunturas sociais	32
<b>II. ESPAÇO E CORPO</b>	<b>37</b>
2.1. O corpo ativo e o corpo sujeitado	38
2.2. O espaço fenomenológico	42
2.2.1. <i>The body in his sexual being</i>	46
2.3. O espaço disciplinar	48
2.3.1. As disciplinas e o biopoder	49
2.3.2. <i>The Psychic Life of Power: Theories in Subjection</i>	55
2.3.3. A arte da distribuição	57
2.4. Conclusão	61
<b>III. ARQUITETURA</b>	<b>64</b>
3.1. Os mecanismos representativos	65
3.1.1. <i>Belonging</i>	68
3.2. Os mecanismos espaciais	73
3.2.1. A habitação como dispositivo disciplinar	77
3.2.2. A conceção familiar	82
3.2.3. O <i>boudoir</i>	86
3.3. Conclusão	88
<b>IV. CONCLUSÃO</b>	<b>94</b>
<b>V. BIBLIOGRAFIA</b>	<b>102</b>

# INTRODUÇÃO

## PROJETO FEMINISTA

O tema do gênero na arquitetura é relativamente recente. Para melhor compreender esta relação, é necessária a contextualização da arquitetura no seu âmbito político, social e cultural. Nos últimos anos ocorreu uma grande mudança no modo como pensamos o espaço – e como este se relaciona com a questão de gênero – tornando-se essencial situar os discursos que operam esta mudança.

No entanto, é difícil definir um ponto de vista claro e objetivo que abranja as diferentes teorias acerca do gênero e da prática arquitetônica. A dificuldade desta abordagem resulta das diferentes trajetórias e abordagens produzidas pela crítica feminista, que relacionam a história, a teoria e a prática da arquitetura.

Um dos grandes problemas que enfrentei tem a ver com a divisão entre aqueles que pretendem ser neutros relativamente à questão de gênero e aqueles que pretendem evidenciar determinadas posições feministas. Esta divergência determinou a *abertura* do campo da discussão para outras áreas de conhecimento, como é o caso da antropologia e da psicanálise. Neste sentido, são dois os pontos a ressaltar, de forma a sistematizar, retrospectivamente, a produção da crítica arquitetônica feminista:

- (i) A abordagem histórica. Algumas historiadoras feministas, procurando diminuir a exclusão das mulheres na arquitetura, produziram uma história da arquitetura que evidenciou os contributos das mulheres. Não obstante, as abordagens mais radicais focaram a sua crítica na natureza da própria História,

argumentando que apenas os edifícios dos grandes mestres foram categorizados como “arquitetura” e incluídos na História.

- (ii) Os discursos decorrentes da prática de gênero na arquitetura. A exclusão das mulheres determina o seu *status* quer a nível da produção arquitetónica, quer a nível da utilização do espaço. Por um lado, há um reconhecimento geral das mulheres que procuraram redefinir o seu papel dentro da arquitetura, como ela existe. Por outro, a produção crítica feminista questionou a natureza da prática arquitetónica e, por isso, redefiniu essa prática projetual de maneiras que diferiram radicalmente dos modelos existentes.

A crítica feminista arquitetónica proporcionou, portanto, diferentes pontos de vista em relação ao modo como o gênero se relaciona com a arquitetura. Por exemplo, no final dos anos 70, o projeto feminista empenhou-se principalmente em demonstrar a diferenciação de gênero na produção e utilização do espaço construído<sup>1</sup>, concentrando-se no domínio dos homens como produtores. Dolores Hayden (1945), por exemplo, identificou como algumas características do ambiente criado pelo homem foram preponderantes para a discriminação de gênero. Por sua vez, em 1992, Beatriz Colomina (1952) lança *Sexuality and Space* e a teoria de gênero ganha protagonismo no contexto da teoria da arquitetura.

Simultaneamente, surgem diferentes posições feministas sobre classe, raça e sexualidade: a produção teórica arquitetónica torna-se mais crítica em relação ao patriarcado, ao capitalismo, à heterossexualidade e ao racismo. O trabalho em curso situa-se neste campo. Deriva de abordagens filosóficas que enriquecem o diálogo entre gênero e arquitetura, englobando vários aspetos culturais implicados neste tema. Deste modo, e contrariando a

---

<sup>1</sup> Esta era a definição que muitas feministas utilizavam para fazer referência à arquitetura. A partir de premissas da antropologia e da geografia, utilizaram o termo “ambiente construído”, realizando uma crítica ao *status* do arquiteto. Desta forma, o ambiente construído é definido também pelos usuários de edifícios, os construtores e todos os produtores de espaço.

perspetiva iluminista que separa a mente do corpo, as abordagens filosóficas consolidadas ao longo desta dissertação exploraram a relação complexa entre a mente, o corpo e a sua interação crucial com o espaço ou, no limite, entre a identidade de género e a arquitetura. Este trabalho não procura questionar os modelos históricos arquitetónicos, nem levantar questões metodológicas sobre o *status* do objeto arquitetónico nem, tampouco, do arquiteto. O presente trabalho procura mostrar que há uma relação implícita entre a produção de determinadas identidades de género e a arquitetura. A proposta do entendimento do género como uma performatividade é aqui tida como a única forma possível de entender esta questão. Aproxima-a do universo cultural e social do indivíduo, assemelhando-a assim a questões de raça e de sexualidade, e afasta-se das premissas que determinam o género a partir de determinadas “essências interiores”.

Neste sentido, considero a crítica feminista pertinente quando demonstra o modo segundo o qual as mulheres foram fruto de "exclusão" na arquitetura (método). Não considero a crítica feminista pertinente quando fundamenta o seu ponto de vista a partir de determinadas “essências interiores” (femininas) pré-determinadas.

## MÉTODO

Ao longo da presente investigação as reflexões apresentadas relacionam as teorias de vários autores que estabelecem a identidade do indivíduo como decorrente de ações corporais e espaciais. No entanto, estes autores revelam perspetivas distintas acerca dessas ações. O sistema adotado para o desenvolvimento desta reflexão passa precisamente pela tentativa de apresentar um pensamento que se situa no meio das dualidades propostas, ou seja, uma reflexão acerca da própria dicotomia estabelecida. Esta relação é esclarecida de modo mais claro no diagrama que apresentei na página ix.



## ESTRUTURA

Esta dissertação divide-se em três partes – gênero, espaço-corpo e arquitetura – e cada uma conta com uma introdução própria, sendo mais fácil entender os conteúdos que se vão tratar no início de cada capítulo.

A primeira parte – gênero – conta com algumas considerações iniciais, onde serão lançadas as premissas para um melhor entendimento das abordagens filosóficas que constituem a presente dissertação. Neste sentido, esta é a única parte que não tem uma conclusão. Estas premissas serão recuperadas ao longo do desenvolvimento da investigação, não sendo possível formular uma conclusão a respeito das mesmas. Na primeira parte, é proposto o entendimento do gênero como fruto de uma performatividade, segundo as premissas da filósofa americana Judith Butler (1956). Deste modo, o gênero deriva de uma construção social, decorrente das práticas culturais, contextualizadas num discurso histórico específico.

A segunda parte – espaço e corpo – relaciona duas teorias distintas. Por um lado, a abordagem fenomenológica do filósofo francês Merleau-Ponty (1908-1961), estabelece um ponto de vista acerca da forma como o corpo pode agir e transformar o espaço que o rodeia. Por outro lado, a perspectiva do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), permite um entendimento acerca do modo como as relações espaciais foram estabelecidas a partir do século XVIII, de forma a permitir a sujeição dos corpos. Estas são abordagens filosóficas que colocam o corpo num plano de destaque e, desta forma, implicam um diálogo com a questão de gênero.

A terceira parte – arquitetura – relaciona a identidade de gênero do indivíduo com a arquitetura, a partir de duas abordagens distintas. Primeiramente, através da análise dos mecanismos representativos, segundo o conceito de “Belonging” do arquiteto Neil Leach e, de seguida, a

partir da análise da habitação burguesa, levada a cabo pela socióloga Monique Eleb-Vidal (1945).

Apesar de o trabalho se dividir em três partes (horizontalmente), existem dois eixos estruturantes (verticais) que permitem a relação dos conteúdos propostos, conforme verificado no diagrama da página x. Um dos eixos parte de premissas fenomenológicas, compreendendo o “eixo ativo”, enquanto que o outro se estabelece a partir de premissas pós-estruturalistas, compreendendo o “eixo sujeitoado”.

## OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Houve, naturalmente, algumas dificuldades envolvidas na realização deste trabalho. Uma delas prende-se com a própria questão da linguagem – da língua portuguesa – que compreende implicitamente uma abordagem binária à questão de género. A utilização dos artigos o/a é realizada após uma reflexão na qual concluí ser mais pertinente a utilização das normas para a realização desta tese, para um maior entendimento e alcance de quem a lê, não podendo deixar de referenciar que a língua portuguesa perpetua esta divisão de género de forma mais acentuada do que a língua inglesa, por exemplo.

A ação discursiva é feita na primeira pessoa do singular. É também do meu conhecimento que as normas aconselham a utilização discursiva na terceira pessoa do singular mas, por compreender que esta dissertação veicula um ponto de vista político, a utilização da terceira pessoa do singular tornaria o discurso genérico não sendo este, naturalmente, o meu propósito.

## PARTE I :

### GÉNERO

Na primeira parte da dissertação, procuro estabelecer o gênero como um produto da performatividade. As premissas aqui enunciadas serão utilizadas ao longo de toda a dissertação, num diálogo complexo que traduz a transdisciplinaridade do trabalho em curso.

Serão feitas as considerações iniciais a respeito das duas teorias que são, segundo o meu ponto de vista, preponderantes para o entendimento da teoria da performatividade de gênero, nomeadamente a fenomenológica, de Merleau-Ponty, e a pós-estruturalista, de Michel Foucault. Apesar de terem abordagens opostas, ambas incluem o corpo como parte do discurso filosófico, relacionando-o com questões de incorporação, poder e subjetividade.

Após as considerações iniciais, estabeleço a identidade de gênero a partir das premissas de Merleau-Ponty e Michel Foucault, nomeadamente, a ambivalência entre os “atos constituintes” e as “conjunturas sociais”. Estas noções serão esclarecidas a partir da crítica realizada por Judith Butler a cada uma destas perspectivas. Neste sentido, o ponto de vista fenomenológico e pós-estruturalista complementam-se, quando teorizando acerca da questão de gênero.

# 1.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

## 1.1.1. FENOMENOLOGIA

Na sua aceção mais abstrata, e partindo das premissas de Merleau-Ponty, a fenomenologia é uma abordagem filosófica que compreende a essência do mundo através da existência, ou seja, não espera chegar a um entendimento do homem a partir de qualquer ponto de partida que não a sua “facticidade”<sup>2</sup>. Deste modo, a fenomenologia é o estudo de todos os *problemas* que se relacionam com a definição das essências, como é o caso da percepção e da consciência. Compreende o mundo antes de uma reflexão acerca do mesmo. Segundo o arquiteto e teórico Neil Leach,

[a] fenomenologia pode ser definida como o estudo de como os fenómenos surgem. No entanto, isso não está limitado ao domínio visual. A fenomenologia exige uma receptividade do potencial ontológico completo da experiência humana. Por isso, exige uma maior receptividade de todos os sentidos.<sup>3</sup>

Edmund Husserl (1859-1938), matemático e filósofo alemão, estabeleceu as primeiras diretrizes da fenomenologia como sendo, no seu estado primário, uma “psicologia descritiva”<sup>4</sup>. Entendeu que todo o universo científico – aquele que diz respeito ao pensamento lógico – não solucionou o problema fundamental da teoria do conhecimento, ou seja, de como é possível alcançar objetividade. Desta forma, se queremos sujeitar a ciência a uma avaliação mais rigorosa e chegar a uma noção precisa do seu alcance, é necessário conceber uma experiência básica do mundo, estabelecendo a ciência como uma experiência secundária.

---

<sup>2</sup> O termo “facticidade”, segundo o filósofo alemão Heidegger, é a característica de ser um *facto*. Determina os aspetos da existência que se definem pela situação em que nos encontramos e com os quais somos obrigados a nos confrontar. Esta noção é apresentada em *Ontology – The Hermeneutics Of Facticity* (1988).

<sup>3</sup> LEACH, Neil - *Rethinking Architecture, A Reader In Cultural Theory*, p. 83, “Phenomenology may be defined as the study of how phenomena appear. However, this is not limited to the visual domain. Phenomenology demands a receptivity to the full ontological potential of human experience. It therefore calls for a heightened receptivity of all the senses.”

<sup>4</sup> O termo “psicologia descritiva” foi utilizado por Husserl até 1901, ano em que publica *Logical Investigations* e passa a utilizar o termo fenomenologia.

Por sua vez, Merleau-Ponty, fortemente influenciado pela obra de Husserl, dá continuidade à tradição fenomenológica e desenvolve o conceito de “corpo-sujeito” – “les corps propre” –, em alternativa ao cogito cartesiano<sup>5</sup>. Este conceito é enunciado em 1945, em *Phénoménologie de la Perception*<sup>6</sup>, e é especialmente importante pois enuncia a essência do mundo através da percepção. Desta forma, a consciência, o corpo e o mundo funcionam como uma máquina de percepção – estão intimamente ligados. Merleau-Ponty estabelece um contraponto entre a fenomenologia e as teorias que se estabelecem com base no pensamento analítico:

Esta mudança é absolutamente distinta do retorno idealista à consciência. A procura por uma pura descrição exclui tanto o procedimento da reflexão analítica como o da explicação científica. Descartes, e em particular Kant, *destacaram* [itálico colocado por mim] o sujeito, ou a consciência, demonstrando que não conseguiríamos apreender nada como existente a não ser que nos colocássemos antes de mais a nós próprios como existentes no ato de apreensão.<sup>7</sup>

Verificamos, assim, que durante muito tempo o pensamento analítico promoveu a ausência do corpo – ou, melhor, da experiência corporal – do discurso filosófico, incitando a dualidade entre o corpo e a razão. Esta ausência deriva do conceito de “verdade”, enunciado por Platão (428 a.C.-348 a.C), segundo o qual alcançamos as formas – e, por sua vez, a “verdade” – através da mente. Quando, posteriormente, Descartes (1596-1616) apresenta o cogito, alcança a exclusão do corpo do pensamento racional e este deixa de pertencer ao discurso filosófico.

---

<sup>5</sup> “Cogito, ergo sum” é uma frase de autoria do filósofo e matemático francês René Descartes, traduzida comumente para “penso, logo existo”.

<sup>6</sup> Este é o título original, assim como a data da primeira publicação. No entanto, a versão utilizada na dissertação em curso é a inglesa: *Phenomenology of Perception* (1962), sendo esta a versão que Judith Butler utiliza na sua crítica e, deste modo, a que será tida em conta

<sup>7</sup> PONTY, Merleau - *Phenomenology of Perception*, preface - x, “This move is absolutely distinct from the idealist return to consciousness, and the demand for a pure description excludes equally the procedure of analytical reflection on the one hand, and that of scientific explanation on the other. Descartes and particularly Kant *detached* the subject, or consciousness, by showing that I could not possible apprehend anything as existing unless I first of all experienced myself as existing in the act of apprehending.”

Desta forma, a fenomenologia oferece um ponto de vista válido acerca da teoria do corpo e dos seus alcances sociais. Merleau-Ponty descreve a forma como os corpos se *orientam* no mundo a partir da percepção. Os nossos corpos são o vínculo vital entre o interno e o externo. Segundo o filósofo:

O espaço e o tempo em que habitamos são sempre, de duas formas distintas, horizontes indeterminados que contêm outros pontos de vista. A síntese tempo e espaço é uma tarefa que deve ser sempre realizada de novo. A nossa experiência corporal de movimento não é um caso particular de conhecimento; fornece-nos uma maneira de acesso ao mundo e ao objeto.<sup>8</sup>

Assim, segundo a tradição fenomenológica, devemos sempre incorporar a nossa visão real do mundo. Estamos sempre em movimento e a *ocupar* espaço, e essa *ocupação* permite-nos passar pelo tempo e obter acesso ao conhecimento – através da interação crucial com os "outros pontos de vista". Uma articulação mais abrangente acerca destes conceitos será elaborada posteriormente, inserida na análise dos dois capítulos mais relevantes para o trabalho em curso, presentes em *Phenomenology of Perception*, nomeadamente, *The Spatiality of One's Own Body and Motility* e *The Body in Its Sexual Being*.

Todavia, a perspectiva fenomenológica é considerada redutora por diversos autores, como é o caso da filósofa Judith Butler, por não estabelecer uma crítica às diversas estruturas sociais que constituem a identidade de género do indivíduo. Segundo a autora:

(...) o foco fenomenológico sobre os vários atos pelos quais a identidade cultural é constituída e assumida estabelece um ponto de partida feliz no empenho feminista para entender a forma mundana em que os corpos se transformam em géneros. (...) Mas parece difícil, senão impossível, imaginar uma maneira de concetualizar a

---

<sup>8</sup> Ibidem, p.162, "The space and time which I inhabit are always in their two different ways indeterminate horizons which contain other points of view. The synthesis of both time and space is a task that always has to be performed afresh. Our bodily experience of movement is not a particular case of knowledge; it provides us a way of access to the world and the object."

escala e o caráter sistémico da opressão das mulheres a partir de uma posição teórica que leva os atos constituintes como ponto de partida.<sup>9</sup>

Assim, o pós-estruturalismo oferece um ponto de vista complementar à perspectiva fenomenológica na constituição da identidade de género, por se tratar de um ponto de vista que determina como as estruturas de poder influem no ser humano. Nos próximos parágrafos, irei apresentar as noções básicas relativas ao pós-estruturalismo – mais especificamente, introduzir as premissas da teoria de Michel Foucault – e explicitar de que forma a identidade de género se estabelece a partir das estruturas sociais.

### 1.1.2. PÓS-ESTRUTURALISMO

O discurso filosófico é pautado por interpretações subjetivas e, nesse sentido, a definição de “pós-estruturalismo” pode ser, por vezes, conflituosa. Vou fundamentar-me na perspectiva pós-estruturalista proposta por Neil Leach, em *Rethinking Architecture* (1997).

“Pós-estruturalismo” refere-se a um movimento interdisciplinar que procura problematizar e desafiar os pressupostos do estruturalismo<sup>10</sup>. O estruturalismo, como sistema, começou a perder força à medida que as suas limitações foram expostas: os teóricos pós-estruturalistas<sup>11</sup> argumentaram que, pela sua tendência universalizante, o estruturalismo representava um sistema demasiado rígido. Desta forma, não devemos entender o pós-estruturalismo como uma negação do estruturalismo, mas como uma problematização do mesmo. Neil Leach refere, a respeito deste programa:

---

<sup>9</sup> BUTLER, Judith - *Performative Acts and Gender Constitution, An Essay in Phenomenology and Feminist Theory*, p. 525, “(...) the phenomenological focus on the various acts by which cultural identity is constituted and assumed provides a felicitous starting point for the feminist effort to understand the mundane manner in which bodies get crafted into genders. (...) But it seems difficult, if not impossible, to imagine a way to conceptualize the scale and systemic character of women's oppression from a theoretical position which takes constituting acts to be its point of departure”.

<sup>10</sup> Segundo Michel Foucault, “O estruturalismo opera no sentido de descobrir e revelar as estruturas que determinam todas as coisas que os seres humanos fazem, pensam, percebem. É aquilo que podemos considerar uma tentativa de estabelecer, entre elementos que podem ter sido divididos ao longo do tempo, um conjunto de relacionamentos que os justapõe, os configura em oposição ou os vincula, de modo a criar uma espécie de forma” em *Rethinking Architecture, A Reader In Cultural Theory*, p. 338S, editado por Neil Leach, “Structuralism (...) is the attempt to establish between elements that may have been split over the course of time, a set of relationships that juxtapose them, set them in opposition or link them together, so as to create a sort of shape.”

<sup>11</sup> Os princípios: Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard.

Assim, contra os modelos estáticos e universais do estruturalismo, o pós-estruturalismo introduziu noções de tempo e diferença. A barra que separa o significado do significante foi vista pelos pós-estruturalistas como pouco estável (...). Desta forma, o pós-estruturalismo desafiou o tratamento das oposições binárias do estruturalismo, e procurou expor o facto de que, em tais oposições, um termo é invariavelmente privilegiado sobre o outro.<sup>12</sup>

Foucault rejeita qualquer rótulo associado à sua posição teórica. Apesar de defender que a linguagem e a sociedade são moldadas a partir dos sistemas governamentais, afasta-se significativamente do projeto estruturalista em dois pontos: (i) rejeita a noção de que existem estruturas fundamentais definitivas que definam a condição humana; (ii) afirma não ser possível isolar-se do discurso e analisar objetivamente uma determinada situação. O seu projeto, neste sentido, reflete uma perspetiva híbrida entre estruturalismo e pós-estruturalismo. Segundo Neil Leach:

(...) o trabalho inicial de Foucault, *The Order of Things*, refletiu o predomínio do estruturalismo na década de 1960, enquanto que as suas obras históricas posteriores, *Discipline and Punish* e, mais especificamente, *The History of Sexuality*, refletiram o subsequente denominado 'pós-estruturalismo', que se afasta da rigidez do estruturalismo.<sup>13</sup>

Neste sentido, enquadrarei o filósofo no “pós-estruturalismo”, de modo a facilitar o entendimento da sua teoria. Embora Foucault não aborde propriamente a questão de género, a sua perspetiva acerca das relações de poder incitou grande interesse por parte do projeto feminista. O entendimento do corpo e da sexualidade – e, diria, do género – como uma

---

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel, citado em *Rethinking Architecture, a reader in cultural theory*, editado por Neil Leach, p. 283, “Broadly speaking, however, poststructuralism sought to redress the universalizing tendencies of structuralism by introduction a certain specificity into discourse. Thus against the static and universal models of structuralism, poststructuralism introduced notions of time and difference. The bar that separates signified from signifier was seen by poststructuralists as less stable. (...) Likewise poststructuralism challenged the treatment of binary oppositions in structuralism, and sought to expose the fact that within such oppositions one term is invariably privileged over the other.”

<sup>13</sup> LEACH, Neil - *Rethinking Architecture, a reader in cultural theory*, p.348, “(...) Foucault's early work, *The Order of Things*, reflected the predominance of structuralism on the 1960's, while his later historical works, *Discipline and Punish* and, to a greater degree, *The History of Sexuality*, reflected the subsequent so-called 'poststructuralist' move away from the rigidities of structuralism.”



construção cultural (em oposição às perspetivas naturalistas) contribuiu significativamente para a crítica feminista ao essencialismo. A noção de que o poder moderno está envolvido na produção da identidade, e não simplesmente na repressão dos indivíduos, desempenhou um papel preponderante para o estabelecimento de novas premissas dentro do discurso feminista. Esta noção é especialmente importante para o entendimento da teoria da performatividade de género. Segundo Judith Butler,

Expor as categorias fundamentais de sexo, género e desejo, como efeitos de uma formação específica do poder, requer uma forma de investigação crítica que Foucault, reformulando Nietzsche, designa como 'genealogia'. Uma crítica genealógica recusa-se a procurar as origens do género, a verdade interior do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica (...); em vez disso, a genealogia investiga as apostas políticas em designar como *origem* e *causa* das categorias de identidade são de facto os *efeitos* de instituições, práticas, discursos com múltiplos e difusos pontos de origem.<sup>14</sup>

O *encontro* entre fenomenologia e pós-estruturalismo será realizado nos próximos parágrafos, de forma a expor a teoria da performatividade de género enunciada por Butler. Este *encontro* sugere a articulação de outras correntes filosóficas, assim como teorias assentes em outras áreas de pesquisa – nomeadamente a antropologia e a psicanálise – englobando autores como Claude Lévi-Strauss, Monique Wittig e Sigmund Freud.

### 1.1.3. PERFORMATIVIDADE DE GÉNERO

Butler define a identidade de género através da noção de performatividade – entenda-se performatividade e não *performance* – na qual entendemos o género de uma forma mais dinâmica e abrangente do que as abordagens

---

<sup>14</sup> BUTLER, Judith - *Gender Trouble*, preface – xxxi, “To expose the foundational categories of sex, gender, and desire as effects of a specific formation of power requires a form of critical inquiry that Foucault, reformulating Nietzsche, designates as 'genealogy.' A genealogical critique refuses to search for the origins of gender, the inner truth of female desire, a genuine or authentic sexual identity (...); rather, genealogy investigates the political stakes in designating as an *origin* and *cause* those identity categories that are in fact the *effects* of institutions, practices, discourses with multiple and diffuse points of origin. “

tradicionais que se limitam ao modelo masculino/feminino. Por não se limitar ao modelo binário, esta formulação de género enuncia uma crítica radical aos fundamentos da teoria feminista. De acordo com a filósofa, são as nossas ações e comportamentos que constituem a identidade de género, e não determinados fatores biológicos:

O carácter performativo do *gendered body*<sup>15</sup> sugere que este não tem um *status* ontológico para além dos vários atos que constituem a sua realidade. Também sugere que, se essa realidade for fabricada como uma essência interior, essa mesma interioridade é efeito e função de um discurso decididamente público e social, da regulação pública da fantasia através da superfície política do corpo, do controle do corpo de género, que diferencia interior do exterior e institui a ‘integridade’ do sujeito.<sup>16</sup>

Butler figura a identidade não como algo inerente - um elemento biológico, por exemplo – mas como uma construção, derivado de inúmeros fatores externos. A grande premissa que destaca esta teoria das restantes teorias de género – e por sua vez, a torna o fundamento da *teoria queer*<sup>17</sup> – é a atribuição do sexo como, à semelhança do género, um elemento construído culturalmente. Desta forma:

Se o carácter imutável do sexo for contestado, talvez essa construção chamada ‘sexo’ seja construída culturalmente como o género; de facto, talvez tenha sido sempre um género, com a consequência de que a distinção entre sexo e género não seja nenhuma distinção.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> A tradução de “*gendered body*” seria “o corpo de género”. Considero que esta tradução altera o sentido da expressão original, não optando assim por realizar a tradução.

<sup>16</sup> BUTLER, Judith - *Gender Trouble*, p.185, “That the *gendered body* is performative suggests that it has no ontological status apart from the various acts which constitute its reality. This also suggests that if that reality is fabricated as an interior essence, that very interiority is an effect and function of a decidedly public and social discourse, the public regulation of fantasy through the surface politics of the body, the *gendered body* control, that differentiates inner from outer and so institutes the “integrity” of the subject. “

<sup>17</sup> Não existe uma definição genericamente utilizada para definir esta área de pesquisa, na medida em que se estabeleceu a partir da obra de Judith Butler. Desta forma, é possível afirmar que a teoria *queer* engloba várias áreas de conhecimento que não se encontram alicerçadas no sistema padrão e, portanto, diz respeito às minorias sexuais (bissexuais, gays, lésbicas e transgéneros).

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 8, “If the immutable character of sex is contested, perhaps this construct called “sex” is a culturally constructed as gender; indeed, perhaps it was always a gender, with the consequence that the distinction between sex and gender turns out to be no distinction at all.”

Desta forma, a identidade de género nasce de atos, gestos e promulgações performativas. Assim, compreendemos sexo e género – sendo que, como referi anteriormente, estes não se dissociam – como um processo ativo de incorporar determinadas características e, desta forma, que permite a rearticulação e reinvenção do mesmo. É importante realçar que a identidade de género é um produto da performatividade e não o contrário. Ao mesmo tempo, a performatividade alcança seus objetivos através de uma ação repetida e nunca pode ser reduzida a um desempenho singular. Baseia-se numa forma de invocação e replicação, tal como Butler explica:

A performatividade não é, portanto, um ‘ato’ singular, pois é sempre a reiteração de uma norma ou conjunto de normas e, na medida em que adquire um *act-like status* no presente, esconde e dissimula as convenções de que é uma repetição.<sup>19</sup>

No próximo capítulo, irei relacionar as três perspetivas teóricas apresentadas, num raciocínio que abrange a questão do indivíduo e a constituição da sua identidade de género.

---

<sup>19</sup> BUTLER, Judith - *Bodies that matter: On the discursive limits of the “sex”*, p.12, “Performativity is thus not a singular “act”, for it is always a reiteration of a norm or set of norms, and to the extent that it acquires an act-like status in the present, it conceals and dissimulates the conventions of which it is a repetition.”

## 1.2. IDENTIDADE DE GÉNERO

### 1.2.1. *GENDER TROUBLE*

Em 1990, Butler publica *Gender Trouble*<sup>20</sup>, obra que viria a ser considerada revolucionária, por representar o momento de rutura com as teorias de género até então produzidas. Butler elabora uma crítica às suposições centrais da teoria feminista – mais especificamente, à teoria da filósofa francesa Simone de Beauvoir – desafiando os pressupostos da distinção feita entre sexo e género.

O livro divide-se em três partes: a primeira foca-se nas questões de linguagem e estabelece uma pertinente desconstrução dos conceitos de sexo e de género; a segunda oferece uma crítica aos discursos científicos que reforçaram a questão da heterossexualidade como *obrigatória* durante o século XX; a terceira recupera a distinção entre sexo e género, considerando-os performativos.

Como já referi, para Butler, a identidade de género deriva de uma construção social, decorrente das práticas culturais, contextualizadas num discurso histórico e numa dinâmica coletiva. Neste sentido, não é possível considerar nem sexo nem género como identidades estáveis, mas, pelo contrário, devemos abordá-las como identidades performativas. Estas identidades são edificadas a partir da repetição de meios comportamentais estilizados<sup>21</sup>, ou seja, a partir da forma como determinados gestos e movimentos corporais constituem um *eu* – ou a ilusão de um *eu* – com um sexo e género permanente.

---

<sup>20</sup> Foi em 2017 que a respetiva tradução se fez em Portugal (no Brasil, existe desde 2003). *Problemas de género* é o título da tradução realizada por João Manuel de Oliveira, revisor científico da versão portuguesa do livro de Butler.

<sup>21</sup> Este termo é utilizada pela própria autora quando se refere ao género como “uma repetição estilizada dos atos”, “a stylized repetition of acts” em *Performative Acts and Gender Constitution, An Essay in Phenomenology and Feminist Theory*, p. 519. Neste sentido, o termo *estilizado* diz respeito a uma representação de acordo com um estilo ou padrão estilístico.

Esta formulação desloca a concepção de sexo e género como modelos de identidade fixa para modelos de identidade construtiva, uma realização performativa que o público social – ou seja, os próprios atores – aceitam e perpetuam. Desta forma, se o campo de identidade do sujeito<sup>22</sup> corresponde à repetição estilizada de atos ao longo do tempo – e não a uma identidade aparentemente fixa – as possibilidades de transformações de género estabelecem-se na relação arbitrária desses atos, ou na possibilidade de novos tipos de repetições.

### 1.2.2. OS ATOS CONSTITUÍNTES

Verificamos a grande resistência por parte dos movimentos feministas relativamente às teorias naturalistas, que afirmam que o sentido da existência social das mulheres está sedimentado nas suas características fisiológicas<sup>23</sup>. A noção de um sujeito social universal foi considerada preponderante para o desenvolvimento da ação política. Conceber a existência deste sujeito é atribuir-lhe uma homogeneidade vital. A crítica marxista, através da análise de categorias como as classes sociais, questionou o pensamento liberal, revelando-o como recluso do interesse específico da burguesia. A crítica feminista marxista, por sua vez, acrescentou ainda outra premissa, afirmando que o sujeito do liberalismo, além de pertencente à burguesia, é masculino, e que a sua universalidade esconde, na realidade, a sua especificidade. Desta forma, estabelecemos um dos primeiros tópicos enunciados por Butler, que considera a dupla função do poder que caracteriza a ação política:

(...) a construção política do sujeito prossegue com determinados propósitos de legitimação e exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultadas e naturalizadas por uma análise política que tem as estruturas jurídicas como base. O poder jurídico, inevitavelmente, "produz" aquilo que afirma meramente representar;

---

<sup>22</sup> No entendimento filosófico, o sujeito é um *ser* detentor de uma consciência única - ou uma entidade que tem um relacionamento com outra entidade que existe fora de si mesma (chamado de "objeto").

<sup>23</sup> A fisiologia é uma área de estudo da biologia responsável em analisar o *funcionamento* dos seres vivos.

portanto, a política deve-se preocupar com esta dupla função do poder: o jurídico e o produtivo.<sup>24</sup>

A desconstrução deste sujeito foi primeiramente enunciada por Simone de Beauvoir (1908-1986), numa reflexão notável acerca da condição feminina. Em *Le Deuxième sexe*, publicado em 1949, estabelece argumentos pertencentes ao domínio da antropologia, da psicanálise e da filosofia, manifestando os desequilíbrios do poder entre sexos, e revelando a posição da mulher como a de “outro”. Desafia a presumível universalidade deste sujeito, revelando a dualidade que caracteriza a composição do mundo social: os que ocupam um lugar não específico e aqueles que são definidos pelas suas especificidades (sexuais, raciais ou religiosas) designados como “outros”. Contextualiza a posição do homem e da mulher na sociedade da época, correspondendo o homem ao “sujeito” e a mulher ao “outro”.

Através da afirmação “Não se nasce mulher: torna-se mulher”<sup>25</sup>, apropria-se e a reinterpreta a doutrina fenomenológica. Esta, estabelece novas premissas acerca da condição humana, e foca-se em distinguir as várias causalidades – fisiológicas e biológicas – que estruturam a existência corporal, assim como os significados que a sua existência assume no contexto da experiência vivida. Ponty elabora o relato dos vários fenómenos acerca da experiência corporal, afirmando que o corpo é “uma ideia histórica” e não “uma espécie natural”. Significativamente, esta é a premissa que Simone de Beauvoir cita, quando afirma que mulher corresponde a uma situação histórica e não a um fator natural. Para Beauvoir e Merleau-Ponty, o corpo é entendido como um processo ativo de incorporar aspetos culturais e possibilidades históricas, num complexo processo de apropriação. Ponty acrescenta ainda que,

---

<sup>24</sup> BUTLER, Judith - *Gender Trouble*, p.3, “(...) the political construction of the subject proceeds with certain legitimating and exclusionary aims, and these political operations are effectively concealed and naturalized by a political analysis that takes juridical structures as their foundation. Juridical power inevitably “produces” what it claims merely to represent; hence, politics must be concerned with this dual function of power: the juridical and the productive.”

<sup>25</sup> BEAUVOIR, Simone - *Le Deuxième sexe 1*, p. 285-286, “On ne naît pas femme: on le devient.”

[t]udo o que somos, somos com base numa situação *de facto* [facticidade], que apropriamos para nós mesmos e que incessantemente transformamos por uma espécie de fuga, que nunca é uma liberdade incondicionada. Não há uma explicação da sexualidade que a reduza a qualquer outra coisa senão a si mesma, pois já é algo diferente de si mesmo, e, de facto, se quisermos, todo o nosso ser.<sup>26</sup>

Ou seja, é a partir da tradição fenomenológica que Beauvoir afirma que “Não se nasce mulher: torna-se mulher”. Neste sentido, o género não corresponde a uma entidade estável, mas a um processo histórico: em primeiro lugar, a história da civilização, que gera o seu *status* atual, em segundo, a história de uma vida, num contexto particular. Neste sentido, Butler propõem-se examinar a forma como o género é constituído através de atos corporais específicos – servindo-se das premissas performativas enunciadas por Ponty – e quais as possibilidades existentes para a transformação cultural do género através desses atos. Segundo a análise da filósofa:

Que o corpo é um conjunto de possibilidades significa (a) que sua aparência no mundo, para a percepção, não é predeterminada por alguma forma de essência interior, e (b) que sua expressão concreta no mundo deve ser entendida como assumindo e tornando específico um conjunto de possibilidades históricas.<sup>27</sup>

Determina assim a existência de uma *agência*<sup>28</sup>, entendida como o processo de determinar tais possibilidades. Estas possibilidades são necessariamente limitadas pelas convenções históricas disponíveis. Segundo a filósofa, o corpo não é apenas uma materialidade idêntica; é uma materialidade que tem significado e a sua expressão é dramática:

Por dramático, entendamos apenas que o corpo não é meramente matéria, mas uma contínua e incessante *materialização* de possibilidades. Alguém não é simplesmente um corpo, mas, num importante sentido, alguém realiza o corpo de

---

<sup>26</sup> PONTY, Merleau - *Phenomenology of Perception*, p.198, “All that we are, we are on the basis of a *de facto* situation which we appropriate to ourselves and which we ceaselessly transform by a sort of *escape* which is never an unconditioned freedom. There is no explanation of sexuality which reduces it to anything other than itself, for it is already something other than itself, and indeed, if we like, our whole being.”

<sup>27</sup> BUTLER, Judith - *Performative Acts and Gender Constitution, An Essay in Phenomenology and Feminist Theory*, p. 521, “That the body is a set of possibilities signifies (a) that its appearance in the world, for perception, is not predetermined by some manner of interior essence, and (b) that its concrete expression in the world must be understood as the taking up and rendering specific of a set of historical possibilities.”

<sup>28</sup> Agência, no sentido filosófico, corresponde à capacidade de um agente de intervir no mundo.

alguém e, de facto, alguém realiza o corpo de maneira diferente dos seus contemporâneos e dos seus predecessores e sucessores incorporados.<sup>29</sup>

Neste sentido, o modelo apresentado por Butler afasta-se significativamente do projeto histórico de Beauvoir: quando Beauvoir afirma que "mulher" é uma ideia histórica e não um fator natural, elabora claramente uma distinção entre sexo - enquanto facticidade biológica - e gênero - enquanto a interpretação cultural dessa facticidade. No entanto, como já referi anteriormente, segundo a perspectiva de Butler não existe verdadeiramente uma distinção entre sexo e gênero: ambos são parte do mesmo *projeto* cultural.

A filósofa vai mais além e propõe a utilização do termo *estratégia* em vez de *projeto* para classificar a perspectiva de Beauvoir, segundo a qual o processo de se tornar mulher é obrigar o corpo a conformar-se com uma ideia histórica, e induzi-lo à materialização de sinais culturais. O que é importante ressaltar, segundo Butler, é que este *projeto* tem a sobrevivência cultural como fim e, portanto, o termo *estratégia* representa mais objetivamente esta realidade. Desta forma, como *estratégia* de sobrevivência cultural, existem determinadas medidas punitivas associadas ao mesmo:

Os gêneros discretos fazem parte do que "humaniza" indivíduos dentro da cultura contemporânea; de facto, aqueles que não conseguem *fazer* corretamente o seu gênero são regularmente punidos. Porque não existe nem uma "essência" que o gênero expressa ou externaliza, nem um ideal objetivo ao qual o gênero aspira; porque o gênero não é um facto, os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos, não haveria gênero nenhum.<sup>30</sup>

Deste modo, a teoria fenomenológica partilha com a análise feminista o compromisso de fundamentar uma teoria baseada na experiência vivida e,

---

<sup>29</sup> Ibidem, "By dramatic I mean only that the body is not merely matter but a continual and incessant *materializing* of possibilities. One is not simply a body, but, in some very key sense, one does one's body and, indeed, one does one's body differently from one's contemporaries and from one's embodied predecessors and successors as well."

<sup>30</sup> Ibidem, p.522, "Discrete genders are part of what "humanizes" individuals within contemporary culture; indeed, those who fail to do their gender right are regularly punished. Because there is neither an "essence" that gender expresses or externalizes nor an objective ideal to which gender aspires; because gender is not a fact, the various acts of gender create the idea of gender, and without those acts, there would be no gender at all."



desta forma, revelar o modo como o mundo é produzido através dos atos constituintes. No entanto, esta abordagem não deve ser feita isoladamente: o impulso feminista emerge a partir do reconhecimento de determinados fatores comuns – o silêncio, a raiva ou a dor – estabelecendo um processo cultural compartilhado. Desta forma, a categoria do *peçoal* deve ser pensada de forma a abranger as estruturas sociais e, por sua vez, o programa político. Butler propõe ir mais além, e procura estabelecer a categoria do *peçoal* de uma forma ainda mais abrangente:

A apropriação feminista da teoria fenomenológica da constituição pode empregar a noção de um ato num sentido ricamente ambíguo. Se o *peçoal* é uma categoria que se expande para incluir as estruturas políticas e sociais mais amplas, então os atos do sujeito de género [do original, *gendered subject*] deveriam ser igualmente expansivos. Claramente, existem atos políticos que são ações deliberadas e instrumentais de organização política, resistência e intervenção coletiva com o amplo objetivo de instar um conjunto mais justo de relações sociais e políticas. Há, portanto, atos que são feitos em nome das mulheres e, em seguida, há atos em si mesmos, além de qualquer consequência instrumental, que desafiam a categoria das próprias mulheres.<sup>31</sup>

Butler estabelece, assim, uma crítica pertinente ao programa feminista, que procura transformar a situação social das mulheres sem primeiro estabelecer se a categoria de mulher é, também ela, culturalmente construída. Afirma que é a partir da crítica ao falso pressuposto universal da categoria de “homem” que a teoria feminista procura estabelecer a falsa categoria de “mulher”, de forma a incluir – segundo a autora, sem sucesso – a especificidade feminina na história da cultura, e o seu adjacente reconhecimento. Adverte-nos que o esforço para combater a invisibilidade das mulheres – como uma categoria – pode tornar visível uma outra

---

<sup>31</sup> Ibidem, p.523, “The feminist appropriation of the phenomenological theory of constitution might employ the notion of an act in a richly ambiguous sense. If the personal is a category which expands to include the wider political and social structures, then the acts of the gendered subject would be similarly expansive. Clearly, there are political acts which are deliberate and instrumental actions of political organizing, resistance, and collective intervention with the broad aim of instating a more just set of social and political relations. There are thus acts which are done in the name of women, and then there are acts in and of themselves, apart from any instrumental consequence, that challenge the category of women itself.

categoria que não é verdadeiramente representativa das vidas concretas das *mulheres* – e, diria, de qualquer indivíduo. Afirma:

Como *feministxs, ficamxs menxs ansiosxs*<sup>32</sup>, penso, em considerar o *status* da própria categoria e, de fato, discernir as condições de opressão que se originam a partir de uma reprodução não examinada das identidades de género, que sustentam categorias discretas e binárias de homens e mulheres.<sup>33</sup>

### 1.2.3. AS CONJUNTURAS SOCIAIS

No capítulo anterior, enunciei a identidade de género como estabelecida a partir de atos performativos, num compromisso com a tradição fenomenológica. Esta formulação oferece uma perspetiva acerca do modo como determinadas convenções culturais são promulgadas através da ação corporal. No entanto, Butler adverte para o facto de não ser possível permanecer restritos a uma política de atos: é insuficiente considerar as diversas formas de opressão a partir dessa perspetiva. Nesse sentido, o presente capítulo procura estabelecer uma análise das diversas conjunturas sociais que perpetuam determinadas identidades de género, nomeadamente, as que estabelecem a matriz da heterossexualidade como proposta de “naturalidade” social. Neste sentido, Butler afirma que,

[p]ara garantir a reprodução de uma determinada cultura, várias exigências, bem estabelecidas na literatura antropológica de parentesco têm instaurado a reprodução sexual dentro dos limites de um sistema de casamento heterossexual que requer a reprodução de seres humanos em certos modos de género que, com efeito, garantem a eventual reprodução desse sistema de parentesco.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Por se tratar de uma citação de Butler na qual existe uma alusão à própria, e por não querer determinar o género do artigo empregado, esta situação revela-se como particular na elaboração desta investigação. Neste sentido, o emprego do artigo *x* revela-se necessário.

<sup>33</sup> *Ibidem*, “As feminists, we have been less eager, I think, to consider the status of the category itself and, indeed, to discern the conditions of oppression which issue from an unexamined reproduction of gender identities which sustain discrete and binary categories of man and woman.”

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 524, “To guarantee the reproduction of a given culture, various requirements, well-established in the anthropological literature of kinship, have instated sexual reproduction within the confines of a heterosexually-based system of marriage which requires the reproduction of human beings in certain gendered modes which, in effect, guarantee the eventual reproduction of that kinship system.”

Butler refere Foucault e a sua análise em *History of Sexuality*, segundo a qual a associação de um sexo natural a um género discreto e a uma atração “natural” pelo o sexo/género opostos constitui uma conjunção cultural ao serviço dos interesses reprodutivos. Destaca também os antropólogos Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Gayle Rubin (1949), que identificaram a instauração das condutas heterossexuais como forma de reprodução de determinados padrões culturais. Refere:

Lévi-Strauss mostrou como o tabu do incesto funciona de forma a garantir a canalização da sexualidade em vários modos de casamento heterossexual; Gayle Rubin argumentou convincentemente que o tabu do incesto produz certos tipos de identidades e sexualidades discretas. O meu ponto é que uma das formas pela qual este sistema de heterossexualidade compulsória é reproduzido e ocultado, é através do cultivo de corpos em sexos discretos com aparências ‘naturais’ e disposições heterossexuais ‘naturais’.<sup>35</sup>

Desta forma, Butler revela o compromisso da antropologia com a identificação do sistema sociocultural a partir das estruturas de parentesco, que regulam a produção e consumo de bens. Não obstante, para a filósofa, nenhuma destas teorias possui os recursos críticos para sedimentar qualquer perspetiva teórica relativamente à conceção de género, por não delimitarem a forma como essas construções são produzidas e reproduzidas nos corpos. Ao mesmo tempo, considera a perspetiva fenomenológica como não abrangente, afirmando que não ser possível considerar a escala e o carácter sistémico da opressão das mulheres a partir de uma posição teórica que leva os atos constituintes como ponto de partida. Segundo Butler:

Pode-se argumentar que, sem seres humanos cujos diversos atos, amplamente interpretados, que produzem e mantêm condições opressivas, essas mesmas condições iriam desaparecer, mas reparem que a relação entre atos e condições não é nem unilateral nem intermediária. Existem contextos sociais e convenções em

---

<sup>35</sup>Ibidem, “Levi-Strauss has shown how the incest taboo works to guarantee the channeling of sexuality into various modes of heterosexual marriage, Gayle Rubin has argued convincingly that the incest taboo produces certain kinds of discrete gendered identities and sexualities. My point is simply that one way in which this system of compulsory heterosexuality is reproduced and concealed is through the cultivation of bodies into discrete sexes with ‘natural’ appearances and ‘natural’ heterosexual dispositions.”

que certos atos não só se tornam possíveis, mas tornam-se concebíveis como atos. A transformação das relações sociais torna-se, portanto, uma questão de transformar as condições sociais hegemônicas em vez dos atos individuais gerados por essas mesmas condições. Na verdade, corre-se o risco de abordar o reflexo meramente indireto, se não epifenomenal, dessas condições se permanecermos restrito a uma política de atos.<sup>36</sup>

Neste sentido, Butler introduz o conceito teatral de um *ato*, o que obriga à revisão das suposições individualistas implícitas no discurso fenomenológico. Com uma determinada duração temporal dentro de toda a performatividade, os *atos* são uma experiência compartilhada, uma ação coletiva. Assim, dentro da teoria feminista, a própria categoria do pessoal é expandida, de forma a incluir determinadas estruturas políticas, nas quais incluímos a dimensão teatral:

Certamente, existem formas individuais e flexíveis de produzir o gênero, mas alguém o faz, e fá-lo de acordo com certas sanções e prescrições, e isso claramente não é um assunto totalmente individual.<sup>37</sup>

Butler adverte que não procura minimizar os efeitos das normas de gêneros estabelecidas dentro do núcleo familiar – onde a punição e recompensa se estabelecem dentro do mesmo – e que são consideradas como altamente individuais. Mesmo na família, as relações recapitulam-se, individualizam-se e especificam-se a partir de normas culturais pré-existentes.

O ato que alguém executa, o ato que alguém preforma é, de certo modo, um ato que aconteceu antes de chegar a cena. Portanto, o gênero é um ato que foi ensaiado, tal como um guião que sobrevive aos atores particulares que fazem uso dele, mas

---

<sup>36</sup> Ibidem, “One might argue that without human beings whose various acts, largely construed, produce and maintain oppressive conditions, those conditions would fall away, but note that the relation between acts and conditions is neither unilateral nor unmediated. There are social contexts and conventions within which certain acts not only become possible but become conceivable as acts at all. The transformation of social relations becomes a matter, then, of transforming hegemonic social conditions rather than the individual acts that are spawned by those conditions. Indeed, one runs the risk of addressing the merely indirect, if not epiphenomenal, reflection of those conditions if one remains restricted to a politics of acts.”

<sup>37</sup> Ibidem, “Surely, there are nuanced and individual ways of doing gender, but that one does it, and that one does it in accord with certain sanctions and proscriptions, is clearly not a fully individual matter.”

que requer atores individuais, de forma a ser atualizado e reproduzido como realidade novamente.<sup>38</sup>

Butler enuncia a teoria do antropólogo Victor Turner (1920-1983), que sugere que a ação social exige uma atividade repetida. Esta repetição corresponde a uma reencenação de um conjunto de normas estabelecidas socialmente; é a forma ritualizada da sua legitimação. Quando esta conceção de desempenho social é aplicada ao género, a ação é imediatamente pública. Existem dimensões temporais e coletivas para estas ações, e a sua natureza pública tem como objetivo estratégico manter o género dentro do seu quadro binário. Realizando um contraponto entre a noção teatral do ato e a sua dimensão temporal e coletiva, Butler refere:

Os atores estão sempre no palco, dentro dos termos da performance. Assim como um guião pode ser encenado de várias maneiras, e assim como a peça exige tanto texto como interpretação, o corpo de género desempenha o seu papel num espaço corporal culturalmente restrito e realiza interpretações dentro dos limites das diretrizes já existentes.<sup>39</sup>

Os vínculos entre um papel teatral e um papel social são complexos. Nesse sentido, Butler enuncia a dimensão espacial como preponderante para a distinção destas duas abordagens. Exemplifica a disparidade entre a presença de um travesti num palco – que geralmente resulta numa aclamação – e da sua presença num determinado transporte público que, na maioria das vezes, origina determinadas situações de violência.

No teatro, poder-se-á dizer que ‘isto é apenas um ato’, e des-realizar o ato, tornando a representação algo bastante distinta da realidade (...). Na rua ou no autocarro, o ato torna-se perigoso, e se isso acontece, é precisamente porque não existem convenções teatrais para delimitar o carácter puramente imaginário do ato. De facto,

---

<sup>38</sup> Ibidem, p.526, “The act that one does, the act that one performs, is, in a sense, an act that has been going on before one arrived on the scene. Hence, gender is an act which has been rehearsed, much as a script survives the particular actors who make use of it, but which requires individual actors in order to be actualized and reproduced as reality once again.”

<sup>39</sup> Ibidem, “Actors are always already on the stage, within the terms of the performance. Just as a script may be enacted in various ways, and just as the play requires both text and interpretation, so the gendered body acts its part in a culturally restricted corporeal space and enacts interpretations within the confines of already existing directives.”

na rua ou no autocarro, não há presunção de que o ato é distinto de uma realidade; o efeito inquietante do ato é que não existem convenções que facilitem essa separação.<sup>40</sup>

Em suma, a existência ambivalente da identidade de género é assim estabelecida: não corresponde a uma escolha ou um projeto que reflète uma decisão meramente individual, como determina a perspectiva fenomenológica, mas também não é imposta ou incorporada no indivíduo, como afirmam algumas teorias pós-estruturalistas. Butler enuncia-nos a questão de género como performativa: a sua verdade reside na execução. Esta execução é determinada a partir de diferentes dimensões: temporal, coletiva e espacial. Existe uma expectativa de género que se baseia numa determinada perceção sexual, e que sugere que o género é constituído antes desta execução. No entanto, consideramos os atributos de género como performativos – e não como expressivos – sendo que é a partir desta performatividade que constituímos uma identidade. Desta forma, não existem atos de género verdadeiros ou falsos e, no entanto, a estrutura social é gerida a partir de uma noção de género estabilizada.

---

<sup>40</sup> Ibidem, “In the theatre, one can say, ‘this is just an act,’ and de-realize the act, make acting into something quite distinct from what is real. (...) On the street or in the bus, the act becomes dangerous, if it does, precisely because there are no theatrical conventions to delimit the purely imaginary character of the act, indeed, on the street or in the bus, there is no presumption that the act is distinct from a reality; the disquieting effect of the act is that there are no conventions that facilitate making this separation.”

## PARTE II :

### ESPAÇO E CORPO

O presente capítulo procura clarificar a relação entre o espaço e o corpo. Mais especificamente, a forma como um *corpo* pode *agir* no espaço, segundo o ponto de vista de Merleau-Ponty, ou como o espaço pode *agir* no *corpo*, segundo a análise de Foucault.

Primeiramente, a distinção entre o corpo ativo e o corpo historicamente inscrito é apresentada: são três os pontos de rutura que determinam o afastamento da abordagem corpórea fenomenológica da pós-estruturalista. Não obstante, a discussão acerca da conceção *socio-histórica* do corpo determina o ponto comum existente entre estas duas teorias. A questão do *poder* e da *agência* é enunciada, num diálogo que envolve a questão espacial. Ambos os filósofos entendem o corpo como inseparável do espaço, mas sua conceção acerca dessa junção difere consideravelmente.

Neste sentido, na segunda parte deste capítulo, apresento as premissas do espaço fenomenológico a partir dos conceitos de “perceção” e “motilidade”; e esclareço o conceito de espaço disciplinar, determinado a partir da ação das “disciplinas” e do “biopoder”.

Judith Butler opera e estabelece a performatividade de género a partir da perspectiva destes dois autores, em grande parte por se tratarem de abordagens filosóficas que colocam o corpo num plano de destaque e, desta forma, implicarem um diálogo com a questão de género. Esta dimensão está, implicitamente, compreendida ao longo de todo o capítulo.

## 2.1. O CORPO ATIVO E O CORPO SUJEITADO

A noção do corpo como um sistema fisiológico fechado é rejeitada quer por Ponty quer por Foucault. As suas abordagens afastam-se da conceção do corpo como um *objeto*: Ponty entende-o como “vivido” e “ativo”; e Foucault como “sujeitado” e “historicamente inscrito”. Trata-se de entendimentos distintos, mas que são mutuamente informativos e complementares. Há um ponto de vista em comum, segundo o sociólogo Nick Crossley (1968), que permite que os seus entendimentos do corpo – e, em particular, a sua relação com o espaço – sejam introduzidos num diálogo mutuamente informativo e enriquecedor.

Em *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty* (1996), o sociólogo estabelece as conceções corporais elaboradas pelos filósofos, afirmando não ser necessário “optar” entre o “corpo vivido” e o “corpo inscrito”<sup>41</sup>. O artigo inicia-se com um debate acerca do entendimento *sócio-histórico* do corpo que, segundo o autor, é compartilhado por Ponty e Foucault. A respeito desta noção, Crossley afirma:

Por fim, o mais importante, nas suas respetivas conceções alternativas, cada um deles concentra-se em condutas ou comportamentos sócio-históricos. O corpo deve ser concebido como portador de tais condutas. Deve ser entendido em termos de ações baseadas em hábitos e essas ações, por sua vez, devem ser entendidas como uma derivação ou expressão de um stock cultural comum. A diferença entre as duas posições, em última instância, está na maneira como cada um desenvolve esses pressupostos.<sup>42</sup>

Como referido no capítulo anterior, Ponty estabelece o termo “corpo-sujeito”, que sugere a compreensão do corpo ativo, ou seja, é a partir dos

---

<sup>41</sup> A perspectiva de Crossley opõem-se à de outros autores, como é o caso de Elizabeth Grosz no artigo *Bodies and Knowledges* (1993).

<sup>42</sup> CROSSLEY, Nick - *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty*, p. 99, “Finally, and most importantly, in their respective alternative conceptions, they each focus upon socio-historical conducts or behaviour. The body, each maintains, should be conceived as a bearer of such conducts. It should be understood in terms of its habit-based actions and those actions, in turn, should be understood as derivatives or expressions of a common cultural stock. The difference between their two positions, in the final instance, lies in the manner in which each develops these presuppositions.”



hábitos corporais adquiridos que formamos a base do “ser-no-mundo”. Somos as nossas ações e é em virtude dessas ações corporais que assumimos uma posição e “sustentamos” o mundo social. Também Foucault estabelece uma análise do corpo a partir da perspectiva da sujeição, afastando-se das leis *exclusivas* da fisiologia. Neste sentido, Crossley cita Foucault:

O corpo é quebrado por muitos e distintos regimes; é quebrado por ritmos de trabalho, descanso e feriados; é envenenado por comida ou valores, através de hábitos alimentares ou leis morais; constrói resistências.<sup>43</sup>

Foucault argumenta, à semelhança de Ponty, que o corpo deve ser considerado a partir das suas condutas e comportamentos. Neste sentido, segundo Crossley, o “comportamento incorporado” – “embodied behaviour” –, para Foucault e Ponty não se reduz ao entendimento do corpo como um sistema fisiológico pré-concebido. Está estruturado através dos valores humanos e das exigências do mundo histórico. Ao mesmo tempo, à semelhança de Ponty, Foucault enfatiza que esse corpo não é subordinado ou controlado por uma alma ou um *eu* substancial que é, de alguma forma, externo a ele. A respeito desta dualidade, Crossley afirma:

(...) Foucault recusa referir-se a este comportamento voltando-se para um universo mental interno substancial. À semelhança de Merleau-Ponty, argumenta que as superfícies do comportamento são a extensão da profundidade do ser humano. Em contraste com Merleau-Ponty, identifica e enfatiza a variabilidade histórica das formas de conduta e estabelece uma forma de política através da aquisição de tais condutas.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> FOUCAULT, Michel - *Nietzsche, Genealogy and History*, p.153, citado em *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty*, “The body is broken down by a great many distinct regimes; it is broken down by rhythms of work, rest and holidays, it is poisoned by food or values, through eating habits or moral laws; it constructs resistances.”

<sup>44</sup> CROSSLEY, Nick - *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty*, p. 102, (...) “Foucault is refusing to refer this behaviour back to a substantial inner mental realm. Like Merleau-Ponty, he is arguing that the surfaces of behavior are the extent of the depth of human being. In contrast to Merleau-Ponty, however, he is identifying and stressing the historical variability of forms of conduct and he is identifying a politics with the acquisition of such conducts. Furthermore, he is suggesting that, within the context of this politics of acquisition at least, the behaving body is not the subject of historical forms of conduct but is rather subject to such forms of conduct. Discipline and Punish, best illustrates and supports this point.”

Assim, é possível verificar a pertinência do argumento de Crossley quando refere não ser necessário “optar” por qualquer destas abordagens. Não obstante, o sociólogo identifica três premissas que, segundo ele, representam os principais pontos de rutura no desenvolvimento da conceção socio-histórica do corpo:

- i) A primeira diferença diz respeito ao entendimento dos comportamentos (ou hábitos) históricos. Merleau-Ponty estabelece-os a partir das funções existenciais, como modos de “ser-no-mundo”. Foucault, numa abordagem distinta, percebe-os a partir da sua história política. Por exemplo, ambos aceitam que “[o]s sentimentos e a conduta passional são inventados como as palavras”<sup>45</sup>, mas enquanto Ponty faz uma análise dos sentimentos a partir de uma forma de conduta que constitui a relação com outros objetos, Foucault procura estabelecer uma análise genealógica destes sentimentos. Além disso, procuraria o seu propósito na vida atual política.
- ii) A segunda diferença refere-se à questão de “mudança” e “estabilidade”. Merleau Ponty sugere que o “corpo-sujeito” deriva da “estabilidade” dos seus hábitos (em relação a si mesmo e aos outros). Foucault, por sua vez, enfatiza a “instabilidade” e “mudança”, afirmando que “nada no ‘homem’ (doente) é estável, nem mesmo o seu corpo”<sup>46</sup>. A principal razão para o distanciamento destas abordagens é que Merleau Ponty e Foucault operam a partir de planos temporais distintos. Na abordagem do “corpo-sujeito”, Ponty inquieta-se com a sua “estabilidade” a partir da contingência histórica imediata, como a hora ou dia; Foucault, por sua vez, preocupa-se com a “instabilidade” numa perspectiva

---

<sup>45</sup> PONTY, Merleau - *Phenomenology of Perception*, citado em *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty*, p. 189, “Feelings and passionate conduct are invented like words.”

<sup>46</sup> FOUCAULT, Michel - *Discipline and Punish*, p.153, citado em *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty*, “Nothing in ‘man’ (sic) is stable, he argues, ‘not even his body.’”

histórica, procurando esta conduta como regulada a partir dos sistemas de poder. Estas noções não se opõem, são complementares. Não obstante, Crossley afirma que a concepção corporal de Ponty é potencialmente “tão” histórica quanto a de Foucault, estabelecendo que “enquanto os nossos hábitos podem mudar, o facto de que somos criaturas de hábitos (em oposição a ter instintos fixos), não muda.<sup>47</sup>”

- iii) A terceira diferença, por sua vez, diz respeito à concepção de *agência* e *poder* — atividade e passividade. Foucault vê o corpo como um recetáculo passivo de forças históricas e políticas: "O corpo é moldado por muitos regimes distintos"<sup>48</sup>. Merleau-Ponty adota uma postura diferente: enquanto refere a base cultural da ação, enfatiza até que ponto o corpo adota ativamente e usa formas convencionalizadas de conduta. O corpo é dependente de repertórios e habilidades culturais, mas é igualmente responsável pela reprodução desses repertórios. Os atos corporais segundo Ponty são ativos e o corpo, segundo Foucault, é sujeitado. O terceiro ponto remete-nos, assim, para a questão de *agência* e *poder*. Crossley refere que a distinção entre o corpo ativo/passivo não pode ser sustentada a partir de nenhum destes entendimentos isoladamente<sup>49</sup>, concluindo que os corpos ativos são sujeitados - “active bodies are acted upon.”<sup>50</sup> Adverte-nos, no entanto, que embora ambos os filósofos aceitem o entendimento do corpo como “ativo” e “sujeitado”, tendem a enfatizar de forma distinta

---

<sup>47</sup> CROSSLEY, Nick - *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty*, p. 104, “(...) while our habits may change, the fact that we are creatures of habit (as opposed to having fixed instincts) does not.”

<sup>48</sup> FOUCAULT, Michel - *Discipline and Punish*, p.153, citado em *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty*, “The body is moulded by a greatmany distinct regimes.”

<sup>49</sup> Segundo Nick Crossley, em *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty*, p. 105 “A distinção ativo/passivo não pode ser sustentada a partir de nem do trabalho de Merleau-Ponty nem de Foucault. Não só ambos os autores afirmam que os corpos ativos são agidos sobre, mas Foucault providencia um modelo em que ambos os aspetos se relacionam.”, “The active/passive distinction cannot be sustained with respect to the work of Merleau-Ponty and Foucault then. Not only do both writers affirm that bodies are active and acted upon, but Foucault provide a model within which both aspects are shown to interrelate.”

<sup>50</sup> Na tradução para a língua portuguesa deixamos de ter a dupla utilização da forma verbal agir – *acted* -, pelo que parte da dualidade existente na afirmação original é perdida.

essa dualidade. Ponty concentra-se no pólo “ativo” e Foucault no pólo “passivo”.

Este entendimento é especialmente visível na concepção da relação espaço-corpo. Ambos enunciam a importância desta relação, mas as suas concepções a respeito da mesma diferem consideravelmente. Se para Ponty a relação do corpo com o espaço estabelece-se a partir do sistema sensorial do indivíduo, ou seja, de forma ativa, constituindo o mundo como "pronto para ser usado", para Foucault os corpos são organizados e controlados através da organização e controlo do espaço. Note-se que quando existe uma alusão à concepção de corpo por Ponty é utilizada a forma singular e de Foucault a forma plural, enunciando a dualidade do indivíduo face ao sujeito universal. É neste sentido que Foucault descreve a emergência histórica de uma "arte da distribuição", com o objetivo de maximizar a eficiência e a utilidade dos corpos. Na perspectiva de Foucault, *oposta* à de Merleau-Ponty, o corpo não *posiciona* o espaço em torno de si mesmo, está *posicionado* no espaço. Além disso, não torna o espaço funcional; torna-se funcional por meio do espaço.

No próximo capítulo, irei esclarecer de que forma a relação espaço - corpo se estabelece por meio da concepção fenomenológica e disciplinar, complementando a análise feita anteriormente acerca da identidade de género. Primeiramente, procuro definir o espaço fenomenológico segundo o ponto de vista de Ponty, incluindo também a análise do capítulo *The body in his sexual being*, elaborada por Butler. De seguida, determino as premissas do espaço disciplinar a partir da “arte da distribuição”, segundo as concepções de “disciplinas” e “biopoder.”

## 2.2. O ESPAÇO FENOMENOLÓGICO

A questão espacial encontra-se presente ao longo de grande parte da obra de Ponty. Neste sentido, o filósofo descreve a *abertura* da consciência humana em relação ao mundo por intermédio do corpo, caracterizando a estrutura existencial a partir do “ser-no-mundo”<sup>51</sup>. Neste sentido, irei abordar a experiência perceptiva do indivíduo no espaço a partir da teoria fenomenológica, segundo a qual o corpo é um agente ativo na detenção de matéria que compõe o espaço. Devo desde já elucidar que o encontro entre o sujeito fenomenológico e o espaço é por vezes abstrato.<sup>52</sup> Ponty afirma:

Devemos evitar dizer que o corpo está no espaço, ou no tempo. Ele *habita* [itálico colocado por mim] o espaço e o tempo.<sup>53</sup>

Ao longo do trabalho, enunciei as principais características do ser fenomenológico, para o qual o corpo revela-se um agente ativo na construção da experiência perceptiva e, por isso, do próprio mundo. Esta noção é preponderante para o entendimento da teoria da performatividade de gênero, como Butler argumenta, mas também para muitas das teorias espaciais desenvolvidas nos últimos tempos. Segundo Neil Leach,

[o] espaço, para eles [os fenomenologistas] deve ser percebido não como um espaço abstrato, neutro, mas como o espaço da experiência vivida. O seu projeto tem sido reivindicar uma dimensão ontológica do ambiente construído, uma dimensão que foi corroída progressivamente, de acordo com Lefebvre, desde a invenção da perspectiva linear. Houve uma tendência para perceber o espaço de forma mais abstrata e afastada do corpo e das sensações.<sup>54</sup>

---

<sup>51</sup> O termo “ser-no-mundo” é introduzido pelo filósofo Martin Heidegger e deriva do conceito de “Dasein”, presente em toda a sua obra.

<sup>52</sup> Segundo a perspectiva fenomenológica, espaço e corpo são indissociáveis. Neste sentido, Pallasmaa estabelece que “[a] percepção do corpo e a imagem do mundo transformam-se numa única experiência existencial contínua; não há corpo separado do seu domicílio no espaço, e não há espaço não relacionado à imagem inconsciente do eu perceptivo” em *The Eyes of The Skin*, p. 40, “The precept of the body and the image of the world turn into one single continuous existential experience; there is no body separate from its domicile in space, and there is no space unrelated to the unconscious image of the perceiving self.”

<sup>53</sup> PONTY, Merleau - *Phenomenology of Perception*, p.161, “We must therefore avoid saying that our body is in space, or in time. It inhabits space and time.”

<sup>54</sup> LEACH, Neil - *Rethinking Architecture, A Reader In Cultural Theory*, p. 80, “Space for them is to be perceived not as abstract, neutral space, but as the space of lived experience. Their project has been to reclaim an ontological dimension to the built environment, a dimension that has been eroded progressively, according to Lefebvre, since

Ponty estabelece novas noções acerca da relação entre o indivíduo e o espaço. Note-se que, neste momento, abandonamos o entendimento do *corpo* enquanto uma abstração e retomamos ao indivíduo no contexto filosófico. A premissa de que o sistema sensorial do indivíduo é o meio de relação entre a sua dimensão física e a matéria que o envolve é enunciada. Desta forma, o corpo – elemento mediador das noções abstratas de espaço e tempo – não é um objeto entre objetos, mas a *forma* a partir da qual espaço e tempo adquirem significado. O corpo revela-se, para o filósofo, um coletor de espaço envolvente. Funciona por meio do sistema sensorial – ferramenta primordial para a mediação entre o exterior e o sujeito – permitindo a condução desta realidade externa para o cérebro. Este processo é aquilo que podemos denominar de “percepção”, no qual os sentidos são entendidos como instrumentos que permitem ao indivíduo incorporar o espaço na sua experiência enquanto ser consciente. Segundo Ponty,

[a] percepção não é uma ciência do mundo, nem é um ato, uma deliberada tomada de posição; é o pano de fundo a partir do qual todos os atos se destacam e são pressupostos por eles.<sup>55</sup>

Desta forma, os sentidos não devem ser encarados de forma isolada: correspondem a diferentes pontos de contacto articulados e interativos, que juntos formam o sistema de reconhecimento do espaço que envolve o sujeito. Neil Leach ressalta, mais uma vez, a importância desta noção para o entendimento espacial:

Ao privilegiar o visual, a perspectiva empobreceu a compreensão do espaço. Os outros sentidos precisam de ser abordados, e o espaço deve ser entendido a partir das suas associações fenomenológicas. O espaço deve ser experimentado tanto

---

the invention of linear perspective. There has been a tendency to perceive space as increasingly abstract and remote from the body and its sensations.”

<sup>55</sup> PONTY, Merleau - *Phenomenology of Perception*, preface - xi, “The world is not an object such that I have in my possession the law of its making; it is the natural setting of, and field for, all my thoughts and all my explicit perceptions.”

através dos ecos do cantar na Catedral, evocada por Lefebvre, ou nas uvas passas na casa onírica de Bachelard, como de qualquer meio visual de representação.<sup>56</sup>

No capítulo *A Spatiality of One's Own Body and Motility*, Ponty afirma que a forma como *entendemos* o espaço – e nos movemos dentro dele – afeta diretamente o modo como nos relacionamos com os nossos corpos e os corpos dos outros, e como essa relação é, para ele, um caminho para a acumulação de conhecimento:

O espaço e o tempo que habito são sempre, de diferentes modos, horizontes indeterminados que contêm outros pontos de vista. A síntese do tempo e do espaço é uma tarefa que tem sempre que ser executada novamente. A nossa experiência corporal de movimento não é um caso particular de conhecimento; fornece-nos um meio de acesso ao mundo e ao objeto.<sup>57</sup>

Ou seja, segundo a tradição fenomenológica, espaço e tempo são duas dimensões que devem ser consideradas simultaneamente. Estas noções são também levadas em conta na teoria da performatividade de gênero, sendo que Butler refere a dimensão temporal e espacial como preponderantes na constituição da identidade de gênero. Estamos sempre em movimento e a *ocupar* espaço, mas esta *ocupação*, isoladamente, não corresponde a uma forma de conhecimento. É a dimensão temporal que nos permite *ocupar* o espaço e ao mesmo tempo obter acesso ao conhecimento, através de uma interação crucial com os "outros pontos de vista". Entender a "motilidade", ou seja, a forma como nos movemos no espaço, e o que ela significa, permite-nos incorporar o corpo na experiência do mundo.

---

<sup>56</sup> LEACH, Neil - *Rethinking Architecture, A Reader In Cultural Theory*, p.80, "In privileging the visual, perspective has impoverished our understanding of space. The other senses need to be addressed, and space needs to be perceived with all its phenomenological associations. Space should be experienced as much through the echoes of singing in the cathedral evoked by Lefebvre or the odour of drying raisins in Bachelard's oneiric house, as it is through any visual means of representation."

<sup>57</sup> PONTY, Merleau - *Phenomenology of Perception*, p.162, "The space and time which I inhabit are always in their different ways indeterminate horizons which contain other points of view. The synthesis of both time and space is a task that always has to be performed afresh. Our bodily experience of movement is not a particular case of knowledge; it provides us a way of access to the world and the object."

### 2.2.1. THE BODY IN HIS SEXUAL BEING

A interação espaço-tempo é especialmente significativa quando se reflete acerca da existência sexual<sup>58</sup>, promovendo uma discussão a respeito da experiência espacial a partir de diferentes corpos, de forma a compreender se estes experienciam a “motilidade” de forma distinta. Para além de definir novas premissas acerca da espacialidade, Ponty teoriza acerca da sexualidade humana. Neste sentido, irei apresentar os principais tópicos enunciados por Butler no artigo *Sexual Ideology and Phenomenological Description: A Feminist Critique of Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception*, onde a filósofa elabora uma crítica acerca da *discrissão* levada a cabo por Ponty, no capítulo *The Body in Its Sexual Being*.

De acordo com Ponty, a expressão da sexualidade humana resulta da experiência corporal, não sendo possível reivindicar nenhuma condição ontológica anterior (já referi nos capítulos anteriores a importância desta premissa para a constituição da teoria de performatividade de género). Butler descreve as duas atitudes teóricas relacionadas com sexualidade que, segundo Ponty, são fundamentalmente erradas:

A primeira diz respeito à sexualidade como um conjunto de impulsos que ocupam algum espaço biológico interior e que, em consequência do surgimento desses impulsos na experiência consciente, apegam-se às representações. (...) A outra teoria, determina a sexualidade como uma camada ideal que é projetada no mundo, uma representação que está associada a certos estímulos e que, por meio do hábito, afirmamos como o domínio próprio da sexualidade.<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> Existe, permanentemente, uma abstração nos conceitos utilizados por Merleau-Ponty. A definição de “existência sexual”, ou de “sexualidade” pode ser ambígua. Desta forma, será feita uma apropriação da definição de Judith Butler: “A sexualidade não pode ser reduzida a um conjunto específico de impulsos ou atividades, mas deve ser entendida como subentendendo todos os nossos modos de engajamento no mundo.” em *The Thinking Muse: Feminism and Modern French Philosophy*. p.86, “Sexuality cannot be reduced to a specific set of drives or activities, but must be understood as subtending all our modes of engagement in the world.”

<sup>59</sup> BUTLER, Judith - *The Thinking Muse: Feminism and Modern French Philosophy*, p. 87, “The one regards sexuality as a composite set of drives which occupy some interior biological space and which, consequent to the emergence of these drives into conscious experience, become attached to representations.(...) The other theory posits sexuality as an ideational layer which is projected onto the world, a representation which is associated with certain stimuli and which, through habit, we come to affirm as the proper domain of sexuality.”



Butler evidencia que Ponty se apropria da teoria de Freud, que compreende que a sexualidade estrutura a vida humana desde os primórdios, afirmando que a sexualidade é co-extensiva com a existência. No que diz respeito à apropriação da teoria psicanalítica, Ponty rejeita qualquer descrição da sexualidade que dependa de fatores *casuais*, compreendidos para preceder a situação concreta do indivíduo, independentemente de esses fatores serem naturais ou inconscientes. Além disso, segundo Butler, Ponty recusa-se a aceitar qualquer concepção *normativa* da sexualidade. No entanto, não é claro se Ponty, ele próprio, é totalmente livre da ideologia naturalista. Segundo Butler:

E, no entanto, a potencial abertura da teoria da sexualidade de Merleau-Ponty é enganosa. Apesar dos seus esforços em demonstrar o contrário, Merleau-Ponty oferece descrições da sexualidade que acabam por conter pressupostos normativos tácitos sobre o caráter heterossexual da mesma.<sup>60</sup>

Ponty reproduz, nas suas descrições, certas construções culturais da normatividade sexual. Ao longo de todo o capítulo, Ponty faz uma descrição do que considera serem os *distúrbios* neurológicos de Schneider, um paciente do sexo masculino a quem se refere ao longo do livro. Ao realizar a apresentação de Schneider, refere-se à sua "incapacidade sexual" sendo presumível, ao longo de todo o capítulo, que o seu estado é "anormal". Oferece a seguinte evidência para sustentar esta noção: "Imagens obscenas, conversas sobre temas sexuais, a visão de um corpo não desperta desejo nele" <sup>61</sup>. No entanto, estas imagens e conversas já designam uma situação cultural concreta, na qual o sujeito masculino é concebido como um espectador e o sujeito feminino é o corpo observado.

---

<sup>60</sup> BUTLER, Judith - *The Thinking Muse: Feminism and Modern French Philosophy*, p. 87 "For Merleau-Ponty, the body (...) cannot be conceived of as a static or univocal fact of existence, but, rather, as a modality of existence, the 'place' in which possibilities are realized and dramatized, the individualized appropriation of a more general historical experience. And yet, the potential openness of Merleau-Ponty's theory of sexuality is deceptive. Despite his efforts to the contrary, Merleau-Ponty offers descriptions of sexuality which turn out to contain tacit normative assumptions about the heterosexual character of sexuality."

<sup>61</sup>PONTY, Merleau - *Phenomenology of Perception*, p.155, "Obscene pictures, conversations on sexual topics, the sight of a body do not arouse desire in him."

Neste sentido, Butler determina que a expressão de sexualidade enunciada por Ponty – definida a partir da existência corporal – é – contraditória. Se a sexualidade é discutida como um modo de se situar em termos de intersubjetividade<sup>62</sup>, a descrição de Schneider é feita a partir de um ponto de vista bastante concreto:

Central na avaliação de Merleau-Ponty da sexualidade de Schneider como anormal é a presunção de que o corpo feminino descontextualizado, o corpo referido na conversa, o corpo anónimo que passa na rua exala uma atração natural. Este é um corpo tornado irreal, foco de fantasia e projeção solipsista; de facto, este é um corpo que não vive, mas uma imagem congelada que não resiste ou interrompe o curso do desejo masculino através de uma afirmação inesperada da vida.<sup>63</sup>

O confronto da descrição normativa da sexualidade enquanto processo interno ou externo é abrangente e remete para questões que se aproximam da psicanálise e de outras noções que não terei em conta. No entanto, o argumento que Ponty apresenta é contraditório: não se pode declarar que existem *dois sexos* diferentes (obviamente, Ponty não utilizava o termo género) e, na mesma enunciação, considerar que a referência sexual tanto para homens quanto para mulheres é a mesma.

---

<sup>62</sup> Intersubjetividade é a relação entre sujeito e sujeito e/ou sujeito e objeto.

<sup>63</sup> BUTLER, Judith - *The Thinking Muse: Feminism and Modern French Philosophy*, p.92-93, "Central to Merleau-Ponty's assessment of Schneider's sexuality as abnormal is the presumption that the decontextualized female body, the body alluded to in conversation, the anonymous body which passes by on the street, exudes a natural attraction. This is a body rendered irreal, the focus of solipsistic fantasy and projection; indeed, this is a body that does not live, but a frozen image which does not resist or interrupt the course of masculine desire through an unexpected assertion of life."

## 2.3. O ESPAÇO DISCIPLINAR

É difícil situar a teoria de Foucault sem ressaltar as dificuldades e os riscos envolvidos nesse propósito, por se tratar de uma obra extensa e variada, que demonstra um pensamento permanentemente mutável, que muitas vezes se contradiz, se corrige e se constitui novamente. Desta forma, não é muito pertinente utilizar o termo teoria Foucaultiana, a não ser que entendamos o termo de forma menos tradicional. Não obstante, existem algumas premissas que se mantêm ao longo de toda a sua produção, sendo o entendimento do corpo para além da sua concepção física uma delas. Ao longo da dissertação, fui introduzindo algumas noções que nos permitem estabelecer a concepção do corpo segundo Foucault. Neste capítulo, a articulação do corpo com o espaço será enunciada, mais especificamente, visando o “espaço disciplinar”.

Na sua aceção geral, o espaço disciplinar é aquele que sujeita o indivíduo através de relações de poder: enquadra, orienta, permite e impede fluxos. A sua definição estabelece-se a partir de outros conceitos, como “disciplinas”, “biopoder” e “corpos dóceis”, que estabelecem a questão da sujeição dos corpos a partir das estruturas de poder. A análise realizada neste capítulo irá culminar na investigação do Panóptico que, segundo Foucault, é o lugar onde paradigmaticamente se estabelecem estas relações.

### 2.3.1. AS DISCIPLINAS E O BIOPODER

Neste capítulo, irei aplicar a noção Foucaultiana de poder – ou seja, enquanto um fenómeno biológico – de forma a entender como o “biopoder” e as “disciplinas” foram implementadas no gerenciamento da vida. O filósofo aborda os conceitos de “biopoder” e de “disciplinas”, essencialmente, sobrepondo-os e, portanto, utilizarei esta dupla designação para denominar o aparelho de poder que atua na vida humana. Desta forma, segundo Foucault,

(...) o corpo também está diretamente mergulhado no campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas investem-no, marcam-no, dirigem-no, suplicam-no, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimónias, exigem-lhe sinais.<sup>64</sup>

O surgimento das ciências humanas, focadas no homem moderno e na sociedade que este habita, compõem o grande tópico impulsionador da obra de Foucault. Através da transição do poder monárquico para um aparelho de estado científico, as relações de poder sofreram uma enorme mudança que resultaram na revisão das práticas judiciais, juntamente com a reinvenção e a divisão daqueles que deveriam ser punidos. Neste sentido, o sociólogo Thomas Lemke afirma:

Quando a própria vida se torna um objeto político, isso tem consequências para os fundamentos, ferramentas e objetivos da ação política. Ninguém viu mais claramente esta mudança na natureza da política do que Michel Foucault.<sup>65</sup>

Para um melhor entendimento das ideias que serão apresentadas de seguida, tentarei esclarecer o conceito mais presente na teoria de Foucault, o de *poder*. O filósofo compõe esta definição ao longo de toda a sua obra, mas a que aqui sugerimos parte do ponto de vista das “disciplinas” e do “biopoder”. O poder, neste sentido, é designado como algo abrangente, encontrando-se presente em todas as práticas nas quais os seres humanos são, em primeiro lugar, submetidos a certos papéis sociais (estudantes, trabalhadores, loucos, etc.). Deve ser também compreendido como as relações nas quais as condições humanas são constantemente alteradas (controles, legislações, respostas individuais). Assim, de acordo com Foucault, todas as relações incluem uma relação de poder, embora estas possam manifestar-se de formas distintas, como é o caso das relações sexuais ou dos argumentos políticos. No fundo, mesmo que existam relações

---

<sup>64</sup> FOUCAULT, Michel - *Discipline and Punish, The Birth of the Prison*, p. 25, “(...) the body is also directly involved in a political field; power relations have an immediate hold upon it; they invest it, mark it, train it, torture it, force it to carry out tasks, to perform ceremonies, to emit signs.”

<sup>65</sup> LEMKE, Thomas - *Biopolitics: An Advanced Introduction*, p. 32, “When life itself becomes an object of politics, this has consequences for the foundations, tools, and goals of political action. No one saw more clearly this shift in the nature of politics than Michel Foucault”.

desiguais de poder, elas são sempre justapostas, modificando-se umas às outras. Ao mesmo tempo, Foucault admite que a total subordinação não corresponde a um exercício de poder, mas sim a um estado de dominação excessiva sem espaço para negociação. Desta forma, alcançamos a definição de “biopoder”, um nome ou uma ferramenta analítica com que Foucault clarifica um conjunto de práticas e técnicas específicas que alteram a vida humana como um fenômeno biológico:

Com isto, refiro-me a uma série de fenômenos que me parecem ser bastante significativos, ou seja, o conjunto de mecanismos através dos quais as características biológicas básicas da espécie humana se tornaram objeto de uma estratégia política, de uma estratégia geral de poder ou, noutras palavras, como, a partir do século XVIII, as sociedades ocidentais modernas assumiram o fator biológico fundamental de que os seres humanos são uma espécie. Isto é o que eu chamei de biopoder.<sup>66</sup>

Aliada ao conceito de “biopoder” surge a noção de “biopolítica”, uma tecnologia de poder que visa organizar e regular os fenômenos da vida no âmbito específico de uma população. No conceito de “biopolítica”, devemos entender a vida como um processo composto por forças, energias e desejos, através dos quais um organismo persiste em crescer e se reproduzir. Segundo o filósofo,

Nesta nova tecnologia de poder, não estamos a lidar exatamente com a sociedade (ou pelo menos, não o corpo social, como definido pelos juristas), nem o corpo individual. É um corpo novo, um corpo múltiplo, um corpo com tantas cabeças que, embora não sejam infinitas em número, não podem ser contadas. A biopolítica trata da população, da população como um problema político, como um problema ao mesmo tempo científico e político, como um problema biológico e como problema de poder.<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> FOUCAULT, Michel - *Security, Territory, Population: Lectures At The Collège de France, 1977-1978*, p.16, “By this I mean a number of phenomena that seem to me to be quite significant, namely, the set of mechanisms through which the basic biological features of the human species became the object of a political strategy, of a general strategy of power, or, in other words, how, starting from the 18th century, modern Western societies took on board the fundamental biological fact that human beings are a species. This is what I have called biopower.”

<sup>67</sup> FOUCAULT, Michel - *Society Must Be Defended: Lectures At The Collège de France*, p. 245, “What we are dealing with in this new technology of power is not exactly society (or at least not the social body, as defined by the jurists), nor is it the individual body. It is a new body, a multiple body, a body with so many heads that, while they might not be infinite in number, cannot necessarily be counted. Biopolitics deals with the population, with the population

O “biopoder”, por sua vez, ocupa-se com múltiplos fenómenos que afetam a forma como a vida se desenvolve e de que forma a podemos modificar através de diferentes intervenções. O “biopoder” deve ser entendido como o nome que designa a força geral e abstrata que é realizada através das “biopolíticas”, como é o caso das *estratégias* que afetam tudo aquilo que depende do carácter biológico. Contudo, a composição real da “biopolítica” é sempre dependente de tecnologias políticas particulares segundo as quais se pretende racionalizar os fenómenos característicos de uma população viva. Para Foucault, as “disciplinas” e o “biopoder” correspondem a dois núcleos que estruturam e caracterizam a definição de poder:

Em termos concretos, a partir do século dezassete, este poder sobre a vida evoluiu de duas formas básicas; estas formas não eram antitéticas, no entanto; constituíram dois polos de desenvolvimento ligados entre si por um conjunto intermediário de relações - As disciplinas do corpo e os regulamentos da população constituíram os dois polos em torno dos quais a organização do poder sobre a vida foi implementada.<sup>68</sup>

A definição das “disciplinas” é apresentada em 1975, em *Surveiller et Punir*<sup>69</sup>, onde Foucault exemplifica que tipos de comportamentos estão implícitos nas formas de poder especializadas. Investiga os efeitos do surgimento de aparelhos de Estado e de Instituições Sociais que adotaram técnicas disciplinares como meio para a concretização de determinados objetivos, verificando que as técnicas de poder invadem o ser humano quer através de práticas quer através de discursos. Foucault utiliza o exemplo do soldado do século XVII e da segunda metade do século XVIII como meio de exemplificação: o soldado do século XVII é facilmente reconhecível no corpo

---

as a political problem, as a problem that is at once scientific and political, as a biological problem and as power's problem.”

<sup>68</sup> MICHEL, Foucault, *The History of Sexuality, Volume I: An Introduction*, p. 139, “In concrete terms, starting in the seventeenth century, this power over life evolved in two basic forms; these forms were not antithetical, however; they constituted rather two poles of development linked together by a whole intermediary cluster of relations - The disciplines of the body and the regulations of the population constituted the two poles around which the organization of power over life was deployed.”

<sup>69</sup> Esta é a versão original do livro, assim como a data da primeira publicação. No entanto, daqui em diante será feita a referência à versão inglesa, *Discipline and Punish*, sendo esta a versão mais referenciada pelos autores que estabelecem à crítica da obra de Foucault presentes na dissertação em curso.

e na ação, enquanto que o soldado do século XVIII é um produto dos “esquemas de docilidade”, em que o corpo é submetido, transformado e melhorado. Estes esquemas representam, segundo o filósofo, uma nova escala de controlo, onde a economia do corpo se torna importante. O corpo humano entra numa *máquina*, que o explora e rearranja. Uma anatomia política e uma mecânica de poder nasceram lentamente.

A idade clássica descobriu o objeto e superfície de poder. É fácil identificar os sinais da atenção dada ao corpo – o corpo que é manipulado, moldado, treinado, que obedece, que se torna inteligente e aumenta as suas forças.<sup>70</sup>

Foucault concretiza a época clássica como o momento de descoberta do corpo enquanto objeto de poder, referindo a grande atenção que é dedicada ao corpo que é manipulado e treinado. A grande transformação ocorrida no século XVIII prende-se com a utilização de novas técnicas, de forma a criar o “corpo dócil”. Estas técnicas diferem essencialmente das anteriores pela escala de controlo. Não se trata do corpo em grosso modo, mas de um exercício minucioso: de executar sobre ele uma imposição sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica. Neste sentido, Foucault afirma:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que não era unicamente o aumento das suas habilidades, nem tampouco o aprofundamento da sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto útil, e inversamente. (...) A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos económicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Numa palavra: dissocia o poder do corpo (...).<sup>71</sup>

---

<sup>70</sup> FOUCAULT, Michel - *Discipline and Punish, The Birth of the Prison*, p. 136, “The classical age discovered the object and target of power. It is easy enough to find signs of the attention then paid to the body - to the body that is manipulated, shaped, trained, which obeys, responds, becomes skillful and increases its forces.”

<sup>71</sup> Ibidem, p. 137-138, “The historical moment of the disciplines was the moment when an art of the human body was born, which was directed not only at the growth of its skills, nor at the intensification of its subjection, but at the formation of a relation that in the mechanism itself makes it more obedient as it becomes more useful, and conversely. (...) Thus discipline produces subjected and practiced bodies, 'docile' bodies. Discipline increases the forces of the body (in economic terms of utility) and diminishes these same forces (in political terms of obedience).”

Neste sentido, importa ressaltar que as “disciplinas” são um processo bastante distante da escravatura, por exemplo, pois não se fundamentam numa relação de apropriação dos corpos, afirmando que “é até elegante da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes.”<sup>72</sup>

Em suma, em *Discipline and Punish*, Foucault apresenta as primeiras enunciações do poder sobre a vida, ou seja, uma forma de poder que difere significativamente das anteriores, como o poder soberano. O poder é caracterizado por técnicas que a modificam de forma a torná-la administrável e produtiva. Como já foi referido anteriormente, a obra de Foucault é extensa e por vezes contraditória. Desta forma, considero pertinente estabelecer a relação temporal dos conceitos apresentados anteriormente. A noção de “biopoder” foi introduzida numa conferência no Rio de Janeiro em 1974. Curiosamente, não é utilizada em *Discipline and Punish*, em 1975, mas apenas no último capítulo da *Histoire de la sexualité*, publicado em 1976. No entanto, entre estes dois trabalhos, Foucault produziu uma série de leituras intituladas de *Il faut défendre la société*, entre janeiro e março de 1976, nas quais o “biopoder” e as “biopolíticas” são analisados como parte do racismo emergente baseado em fatores biológicos. Não obstante, entre 1977 e 1979, o autor elabora uma análise acerca da problemática previamente enunciada numa perspectiva distinta, onde a questão crucial é a relação entre o estado e as populações a partir da noção de governo. Estes conceitos não serão considerados na análise seguinte, ficando estabelecido o período ocorrido entre 1974 e 1976.

---

<sup>72</sup> Ibidem, p. 137, “(...) the elegance of the discipline lay in the fact that it could dispense with this costly and violent relation by obtaining effects of utility at least as great.”



### 2.3.2. THE PSYCHIC LIFE OF POWER: THEORIES IN SUBJECTION

Também Butler teoriza acerca das relações de poder a partir da teoria Foucaultiana. Em *The Psychic Life of Power: Theories in Subjection* (1997), Judith Butler contrapõe a teoria de Foucault com a questão da “sujeição” ou, no original, “assujétissement”. Butler estabelece a relação ambivalente entre o mundo social e a *psique* como um dos efeitos mais dinâmicos e complexos das relações de poder.

Para estabelecer esta relação, analisa outros autores, nomeadamente Hegel, em *Phenomenology of Spirit: The Truth of Self-Certainty* (1807), onde descreve a abordagem do escravo à liberdade e a sua posterior “consciência infeliz”. O mestre, que ao princípio parece ser *externo* ao escravo, acaba por ecoar como a sua própria consciência (a do escravo). A *infelicidade* que daí emerge deriva da sua auto-censura. A noção da consciência voltada para si mesma antevê o relato de Nietzsche, em *A Genealogia da Moral* (1887), que descreve como a repressão e o regulamento formam fenómenos sobrepostos de consciência e má consciência, mas também de como estes se tornam essenciais para a formação, subsistência e continuidade do sujeito. Em cada caso o poder, que primeiro aparece como externo ao sujeito, subordinando-o, assume uma forma psíquica que constitui a própria identidade do sujeito, sendo esta relação paradoxal preponderante no entendimento da noção de poder quer de Butler e de Foucault. Segundo a autora,

[s]er dominado por um poder externo a si próprio é uma forma familiar e agonizante que o poder assume. Descobrir, no entanto, que ‘alguém’ é, na sua formação como sujeito, de certo modo, dependente desse poder, é outra coisa.<sup>73</sup>

Neste sentido, se segundo Foucault entendermos o poder como parte da formação do sujeito, fornecendo a própria condição da sua existência, o

---

<sup>73</sup> BUTLER, Judith - *The Psychic Life of Power*, p.2 “To be dominated by a power external to oneself is a familiar and agonizing form power takes. To find, however, that what “one” is, one’s formation as a subject, is in some sense dependent upon that very power is quite another.”

poder não é apenas aquilo a que nos opomos, mas também aquilo de que dependemos para a própria existência. Butler determina, neste sentido o “assujettissement” como o processo de subordinação ao poder, bem como o processo de nos tornarmos um sujeito. Seja por interpelação, no sentido de Althusser, ou por produtividade discursiva, em Foucault, o sujeito é definido através de uma submissão primária ao poder. Butler afirma:

[e]stamos habituados a pensar no poder apenas como aquilo que pressiona o sujeito a partir do exterior. Como aquilo que o subordina, o coloca por baixo e o relega para uma ordem inferior. Esta é, certamente, uma descrição justa da ação do poder. Mas se, assim como Foucault enuncia, entendermos também o poder como o processo de formação do sujeito, que fornece a condição da sua própria existência e da trajetória do seu desejo, então o poder influencia não só aquilo a que nos opomos, mas, num sentido ainda mais forte, também aquilo de que dependemos para a nossa existência e o que abrigamos e preservamos no ser que somos.<sup>74</sup>

Em *The Psychic Life of Power: Theories in Subjection*, Butler procura relacionar a teoria do poder em conjunto com a teoria da psique. Como já referi anteriormente, as teorias mais complexas que remetem para campos da *psique* não serão abordadas com grande profundidade na investigação em curso, por se afastarem do âmbito programático da mesma. Neste sentido, o presente capítulo procura realizar um contraponto acerca do modo como Butler estabeleceu a relação de poder e do indivíduo a partir da teoria de Foucault, sendo a noção de “assujettissement” importante para o esclarecimento de algumas das noções que serão apresentadas de seguida, como é o caso do conceito de “belonging”, de Neil Leach.

---

<sup>74</sup> Ibidem, “We are used to thinking of power as what presses on the subject from the outside, as what subordinates, sets underneath, and relegated to a lower order. This is surely a fair description of part of what power does. But if, following Foucault, we understand power as forming the subject as well, as providing the very condition of its existence and the trajectory of its desire, then power depends not simple what we oppose but also, in a strong sense, what we depend on for our existence and what we harbor and preserve in the being that we are.”

### 2.3.3. A ARTE DA DISTRUBUIÇÃO

O argumento de que o poder social e político tem implicações no corpo físico foi convincentemente enunciado por Foucault: o corpo é elemento mediador entre o *eu* como realidade viva e os mecanismos espaciais (arquitetónicos). Segundo a perspectiva de Foucault, o espaço tem uma implicação determinante no funcionamento das estruturas de poder sociais.

A terceira parte de *Discipline and Punish, Discipline*, divide-se em três capítulos: *Docil bodies, The means of correct training e Panopticism*. A nossa atenção será agora dirigida para o primeiro capítulo, *The art of distributions*, onde o filósofo clarifica a relação entre a ação disciplinar no espaço. Foucault enuncia 4 pontos que estabelecem esta relação:

- i) A disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogéneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. Houve o grande “encarceramento” dos vagabundos e dos miseráveis; houve outros mais discretos, mas insidiosos e eficientes. (...) <sup>75</sup>

No primeiro ponto, é expresso o principio de “clausura”, existindo uma referência às várias instituições onde verificamos esta ação, como é o caso dos colégios e os quartéis, especificando-se o período correspondente ao século XVIII. A clausura, tal como a própria palavra indica, diz respeito à forma como os indivíduos são sujeitados através da delimitação do espaço.

- ii) Mas o principio de “clausura” não é constante, nem indispensável, nem suficiente nos aparelhos disciplinares. Estes trabalham o espaço de maneira muito mais flexível e mais fina. Fá-lo, em primeiro lugar, segundo o principio da localização imediata ou do quadriculamento. Cada individuo no seu lugar; e em cada lugar, um individuo.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> FOUCAULT, Michel - *Discipline and Punish, The Birth of the Prison*, p. 141, “Discipline sometimes requires enclosure the specification of a place heterogeneous to all others and closed in upon itself. It is the protected place of disciplinary monotony. There was the great 'confinement' of vagabonds and paupers; there were other more discreet, but insidious and effective ones.”

<sup>76</sup> Ibidem, p. 143, “But the principle 'enclosure' is neither constant, nor indispensable, nor sufficient in disciplinary machinery. This machine works in a much more flexible and detailed way. It does this first of all on the principle of elementary location or *partitioning*. Each individual has his own place; and each place its individual.”

No segundo ponto, Foucault analisa concretamente o princípio da ação disciplinar no espaço, nomeadamente a “ação celular”. Afirma ser necessário “anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, a sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa (...)”<sup>77</sup>. Alude à necessidade de controle sobre o indivíduo, de vigiar todos os comportamentos e, se necessário, sancioná-lo. Refere que a disciplina “organiza um espaço analítico”, utilizando mais uma vez um exemplo claro daquele que considera um lugar disciplinar, nomeadamente a cela dos conventos, descrevendo-a como um “espaço arquitetural e religioso”, afirmando que “o espaço das disciplinas é sempre, no fundo, celular.”

- iii) A regra das *localizações funcionais* vai, pouco a pouco, nas instituições disciplinares, codificar um espaço que a arquitetura deixava geralmente livre e pronto para vários usos. Espaços particulares definem-se para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil.<sup>78</sup>

O terceiro ponto faz referência a um processo de definição espacial que satisfaz a necessidade de vigiar, mas que também permite a interrupção das ações difusas, perpetuando uma vigilância mais individualizada. Este princípio é aplicado nos hospitais e nas fábricas, no final do século XVIII, onde o quadriculamento singular se torna mais complexo, por meio de uma articulação entre o princípio individualizante da produção. Isolar, localizar e articular essa ação num aparelho de produção torna-se, assim, uma tarefa exigente.

- iv) Na disciplina, os elementos são permutáveis; cada um se define pelo lugar que ocupa na série e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é, portanto nem o território (unidade de domínio), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruza uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de

---

<sup>77</sup> Ibidem, p. 143, tradução livre, “eliminate the effects of imprecise distributions, the uncontrolled disappearance of individuals, their diffuse circulation, their unstable and dangerous coagulation (...)”.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 142-143, “The rule of *functional sites* would gradually, in the disciplinary institutions, code a space that architecture generally left at the disposal of several different uses. Particular places were defined to correspond not only to the need to supervise, to break dangerous communications, but also to create a useful space.”

intervalos que se podem percorrer sucessivamente. A disciplina é arte de dispor em fila, uma técnica para a transformação das disposições. Individualiza os corpos por uma localização que não os torna fixos, mas distribui-os e os fá-los circular numa rede de relações.<sup>79</sup>

O quarto ponto percebe a ação disciplinar através da ótica da organização hierarquizada. Classificar os espaços e os indivíduos a partir das suas competências representa um estímulo fundamental do ponto de vista da produtividade. Desta forma, a organização por filas garante a repartição mecanizada dos indivíduos pelos sistemas económicos e políticos, em prol da sua produtividade.

Em suma, no capítulo *The art of distributions*, Foucault estabelece de que forma a “arte da distribuição” garante a sujeição dos corpos de forma a torná-los mais eficientes. Desta forma, segundo o filósofo, “[u]m corpo é dócil quando pode ser submetido, usado, transformado e melhorado”<sup>80</sup> e a “[a] disciplina é uma arte de classificar, uma técnica para a transformação das distribuições.”<sup>81</sup>

No segundo capítulo, *The means of correct training*, as questões relacionadas com a “vigilância hierárquica”, a “sanção normalizadora” e o “exame” são entendidas como parte do conjunto abrangente que é a ação disciplinar. Mas é no projeto do Panóptico, de Bentham, que Foucault encontra a *forma* arquitetónica da composição disciplinar. Segundo Neil Leach,

[o] Panóptico fornece um modelo que encapsula as características de uma sociedade fundada na disciplina. Incorpora um sistema no qual a vigilância desempenha um papel crucial e em que o conhecimento está inseparavelmente ligado ao poder. O *layout* muito arquitetónico do Panóptico oferece várias técnicas

---

<sup>79</sup> Ibidem, p. 145-146, “In discipline, the elements are interchangeable, since each is defined by the place it occupies in a series, and by the gap that separates it from the others. The unit is, therefore, neither the territory (unit of domination), but the rank: the place one occupies in a classification, the point at which a line and a column intersect, the interval in a series of intervals that one may traverse one after the other. Discipline is an art of rank, a technique for the transformation of arrangements. It individualizes bodies by a location that does not give them a fixed position, but distributes them and circulates them in a network of relations.”

<sup>80</sup> Ibidem, p. 136, “A body is docile that may be subjected, used, transformed and improved.”

<sup>81</sup> Ibidem, p. 146, “Discipline is an art of rank, a technique for the transformation of arrangements.”

de controlo que, segundo Foucault, asseguram em si mesmas, quase automaticamente, a sujeição e a subjetivação dos presos.<sup>82</sup>

Neste dispositivo, o princípio da masmorra é invertido. Das suas funções, nomeadamente, trancar, privar de luz e esconder, conserva-se a primeira e invertem-se as outras: “É visto, mas não vê; objeto de uma informação, nunca sujeito na comunicação.”<sup>83</sup> David Sibley, em *Geographies of Exclusion* (1995), sugere que a análise do Panóptico deve ser aplicada de forma mais abrangente:

O manicómio e a prisão, em vez de serem considerados excecionais, devem ser pensados como modelos que têm uma aplicação mais ampla na sociedade, ainda que possam assumir formas discretas. Em particular, a ubiquidade deve ser pensada como uma contínua e não como uma variável dicotómica. Essa é a essência do argumento de Foucault em *Discipline and Punish*, um texto que gerou uma considerável discussão nas ciências sociais, incluindo na geografia.<sup>84</sup>

Segundo a perspetiva de Anne Schwan, o modelo de vigilância do Panóptico fornece de forma implícita o padrão de sociedade patriarcal, por capacitar as mulheres a se sujeitarem a vigilância constante por um "olho" patriarcal (invisível) na sociedade em geral – um "olho" que "olha", observa e prescreve determinadas formas de comportamento.

O contributo de Foucault quer no âmbito arquitetónico quer no debate acerca da questão de género é inquestionável. Todos os conceitos apresentados serão retomados no próximo capítulo, onde a definição do

---

<sup>82</sup> LEACH, Neil – *Rethinking Architecture, a reader in cultural theory*, p. 348, “The panopticon provides a model which encapsulates the characteristics of a society founded on discipline. It embodies a system in which surveillance plays a crucial role, and in which knowledge is inseparably bound to power. The very architectural layout of the panopticon affords various techniques of control, which, Foucault thought, would in themselves assure almost automatically the subjection and the subjectification of the inmates.”

<sup>83</sup> FOUCAULT, Michel - *Discipline and Punish, The Birth of the Prison*, p. 200 “He is seen, but he does not see; he is the object of information, never a subject in communication.”

<sup>84</sup> SIBLEY, David - *Geographies of Exclusion*, 1995, p.82, “Thus, the asylum and the prison, rather than being considered exceptional, should be thought of as models which have a wider application in society even though they may assume a more muted form. In particular, pervasiveness should be thought of as a continuum rather than a dichotomous variable. This is the essence of Foucault’s argument in *Discipline and Punish*, a text that has generated considerable discussion in the social sciences, including geography.”

“espaço disciplinar” será feita numa articulação com a análise da habitação burguesa, elaborada por Monique Eleb-Vidal.

## 2.4. CONCLUSÃO

Cada uma das perspectivas apresentadas neste capítulo, nomeadamente a de Ponty e a de Foucault, define a relação espaço-corpo de uma forma bastante intrincada. Esta relação complexifica-se ainda mais quando estabelecida num diálogo com a questão da identidade de género, segundo a perspectiva de Butler.

Num primeiro momento, apresentei as conceções corporais de cada um dos autores: Ponty estabelece o “corpo ativo” e Foucault estabelece o “corpo sujeitado”. Crossley afirma não ser necessário optar pelo “corpo ativo” ou pelo “corpo sujeitado”, sendo que os “corpos ativos são corpos sujeitados” e, desta forma, os corpos sujeitados são também eles ativos. Por sua vez, a análise ao espaço fenomenológico determina a “perceção” como o elemento mediador do indivíduo com o espaço (interior para o exterior). Ao mesmo tempo, Foucault elabora uma análise das relações de poder como determinantes na sujeição dos corpos, de forma a torná-los “dóceis” (exterior para o interior). Desta forma, a “perceção” e o “poder” têm em comum o facto de serem noções abstratas que condicionam e determinam a relação espaço-corpo.

Concluimos, assim, que se um corpo pode ser sujeitado, ou seja, se pode tornar eficiente a partir de relações espaciais; também é válido dizer que o corpo pode tornar o espaço útil, funcional e eficiente. O que está em causa, e retomando a perspectiva de Crossley, é a questão do uso. No limite desta noção, não podemos determinar se um quarto é um quarto senão em virtude do pensamento de que as pessoas que o *ocupam* vão efetivamente dormir lá. Segundo o sociólogo:

Claramente, um espaço pode ser projetado, equipado e organizado para permitir o controlo efetivo dos corpos, independentemente desses corpos (em particular), mas

esses espaços só podem servir a sua função política na medida em que são povoados por corpos que animam e executam essa função. O espaço não é uma força (externa) semelhante a um objeto que se impõe no corpo a partir de fora. É uma *habitação* [itálico colocado por mim] viva e compartilhada cujos "efeitos" não podem ser compreendidos ou explicados independentemente da ação humana que a anima. É o uso do espaço, como uma atividade contínua e situada, que constitui o poder do corpo. E isso exige que o corpo seja ativo e sujeitado e, de facto, que esses dois modos de envolvimento corpóreo sejam entendidos como aspetos gémeos de uma única situação.<sup>85</sup>

Fernando Pereira, no artigo *Another (In)Convenience: Tracing Same-Sex Desires*, estabelece uma importante relação entre a forma como a ação/sujeição espacial se estabelece a partir da análise da *vespasienne*<sup>86</sup>. Se num primeiro momento este dispositivo foi inserido como uma medida higienista, de forma a colmatar falhas de higiene pública, mais tarde veio a tornar-se num “espaço de engate” – “cruising space” –, um local de encontros sexuais, nomeadamente de prostituição e de encontros homossexuais. Existe toda uma dimensão que remete para as questões associadas ao desejo e à proibição que são determinantes para a compreensão do modo como estes dispositivos foram apropriados pelos diferentes corpos. Estas noções serão retomadas numa fase posterior do trabalho. Neste momento, serve de exemplo apenas para demonstrar de que modo um determinado dispositivo pode ser projetado e implementado com determinadas funções e a sua apropriação não ser a mesma, refutando mais uma vez a perspetiva de Crossley, que determina que um espaço é determinado a partir do uso.

---

<sup>85</sup> CROSSLEY, Nick - *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty*, p. 107, “Clearly a space can be designed, equipped and organized to enable effective control over bodies, quite independently of those (particular) bodies, but such spaces can only serve their political function to the extent that they are populated by bodies who will animate and execute that function. Space is not an (external) object-like force which imposes itself on the body from without. It is a lived and shared dwelling whose 'effects' cannot be understood or accounted for independently of the human action which animates them. It is the use of space, as an ongoing, situated activity, that constitutes body-power. And this demands that the body is both active and acted upon, and, indeed, that these two models of corporeal involvement are understood as twin aspects of a single situation.”

<sup>86</sup> O *vespasienne* é um urinol público que foi implementado em Paris durante o século XIX por Claude-Philibert Barthelot.



## PARTE III :

### ARQUITETURA

O presente capítulo relaciona o indivíduo e a arquitetura, em oposição à abstração espaço-corpo enunciada anteriormente. O caminho traçado obedece à estrutura dos capítulos anteriores: os mecanismos representativos são definidos a partir das premissas fenomenológicas e os mecanismos espaciais a partir da perspectiva pós-estruturalista Foucaultiana.

Primeiramente, enuncio a construção identitária do indivíduo a partir dos mecanismos representativos, segundo a noção de “belonging”, de Neil Leach e, num segundo momento, analiso os mecanismos espaciais a partir da análise da casa burguesa do século XVIII, de Monique Eleb-Vidal.

O *boudoir* fornece o paradigma arquitetónico onde, segundo o meu ponto de vista, a relação entre estes mecanismos – representativos e espaciais – são mais evidentes. Neste sentido, a análise deste dispositivo irá determinar o individual, ou seja, o que é próprio do indivíduo, como mediador desta relação.

### 3.1. OS MECANISMOS REPRESENTATIVOS

No capítulo anterior, foi estabelecida a relação espaço-corpo a partir da “percepção” e da “motilidade”. Devemos, no entanto, considerar que o sistema sensorial que nos permite incorporar os espaços encontra-se sempre dependente da análise perceptiva que cada indivíduo estabelece a partir das suas experiências e, por isso, resulta do seu modo de ser e “estar-no-mundo.” Interessa, neste momento, refletir acerca da construção da identidade de gênero a partir das relações arquitetônicas: reforço que abandonamos corpo e espaço como uma abstração. De forma a elucidar concretamente estas relações, proponho uma síntese de todas as premissas estabelecidas até ao presente momento, relativamente ao projeto fenomenológico como parte da teoria da performatividade de gênero.

- i) A fenomenologia sugere que o corpo é um conjunto de possibilidades, significando isto “(a) que a sua aparência no mundo, para a percepção, não é predeterminada por alguma forma de essência anterior, e (b) que a sua expressão concreta no mundo deve ser entendida como assumindo e tornando específico um conjunto de possibilidades históricas.”<sup>87</sup>
- ii) A *agência* é o processo de determinar tais possibilidades, apesar de estas serem sempre limitadas pelas convenções históricas disponíveis.
- iii) Merleau-Ponty “oferece descrições de sexualidade que acabam por conter pressupostos normativos tácitos sobre o caráter heterossexual da sexualidade.”<sup>88</sup>
- iv) O corpo é “ativo” na sua relação com o espaço e a “percepção” é o elemento mediador dessa relação.

---

<sup>87</sup> BUTLER, Judith - *Performative Acts and Gender Constitution, An Essay in Phenomenology and Feminist Theory*, p. 521, “signifies (a) that its appearance in the world, for perception, is not predetermined by some manner of interior essence, and (b) that its concrete expression in the world must be understood as the taking up and rendering specific of a set of historical possibilities.”

<sup>88</sup> BUTLER, Judith - *The Thinking Muse: Feminism and Modern French Philosophy*, p. 87 “offers descriptions of sexuality which turn out to contain tacit normative assumptions about the heterosexual character of sexuality.”

- v) A “motilidade” corresponde à forma como nos movemos no espaço, ou seja, está condicionada pela dimensão física.

A motilidade, no entanto, não se constitui de uma forma abstrata. Deve ser considerada a par da sua intencionalidade. Somos um corpo que se move através da dimensão sensorial, mas com consciência do próprio movimento corporal. Neste sentido, Ponty determina que a consciência espacial deriva não só do movimento corporal – sendo este mais do que um mero reflexo de estímulos – mas da seleção intencional da matéria do mundo.

Assim, o projeto fenomenológico tem implicações na definição da identidade de gênero e a sua conseqüente relação com o espaço. A construção identitária está profundamente relacionada com a forma como o indivíduo se movimenta no mundo, num processo de redefinição mútua.

A filósofa Iris Marion Young, no artigo *Throwing Like a Girl: A phenomenology of Feminine Body Comportment Motility and Spatiality* (1980), determina que as modalidades corporais femininas, nomeadamente a motilidade é determinada pela condição de gênero. Segundo a filósofa:

Merleau-Ponty localiza a intencionalidade na motilidade (...); as possibilidades que se abrem no mundo dependem do modo e dos limites do ‘eu posso’ corporal (...). No entanto, a existência feminina não estabelece a relação corporal de possibilidades do seu próprio comportamento em relação ao ambiente num ‘eu posso’ inequívoco e confiante.<sup>89</sup>

O que Young pretende demonstrar é que o corpo feminino subutiliza a sua capacidade real. A existência corpórea feminina é uma intencionalidade inibida, que simultaneamente alcança um fim projetado num “eu posso” e retém o seu compromisso com esse fim num auto-imposto “eu não posso”.

---

<sup>89</sup> YOUNG, Iris - *Throwing Like a Girl: A phenomenology of Feminine Body Comportment Motility and Spatiality*, p.146, “Merleau-Ponty locates intentionality in motility (...); the possibilities which are opened up in the world depend on the mode and limits of the bodily “I can” (...). Feminine existence, however, often does not enter bodily relation to possibilities by its own comportment toward its surroundings in an unambiguous and confident “I can.””

Observei que uma mulher tipicamente evita lançar a totalidade do seu corpo em movimento, e concentra o movimento apenas numa parte, enquanto que o resto do corpo permanece relativamente imóvel. Apenas uma parte do corpo se move em direção a uma tarefa, enquanto o resto permanece enraizado na imanência. Também observei mais cedo que uma mulher frequentemente não confia na capacidade do seu corpo para se envolver fisicamente com as coisas. Consequentemente, estabelece o próprio corpo como um fardo, que deve ser arrastado e estimulado e, ao mesmo tempo, protegido.<sup>90</sup>

Neste sentido, interessa também recuperar a premissa fenomenológica que estabelece o reconhecimento dos “outros pontos de vista”. No entanto, servindo apenas como ponto de partida, esta identificação com “os outros pontos de vista” não é, obviamente, suficiente para compreender a relação que o indivíduo estabelece com os demais no contexto espaço-social. Compreendo que existe uma ambivalência entre a dimensão social e espacial implícita na teoria fenomenológica. Desta forma, o sujeito é profundamente condicionado pela sua singularidade enquanto ser consciente e pela relação de intersubjectividade que mantém com o “outro”; uma reflexão acerca da dimensão social do sujeito deve não só compreender a identidade pessoal, mas também a identidade sociocultural. Segundo esta perspectiva, o processo de organização mental – condicionado por práticas anteriores – compreende a associação de ideias e a projeção de memórias, método necessário na determinação da ordem e do significado de cada experiência, ou seja, a seleção inconsciente de diferentes estímulos. Neil Leach, em *Camouflage* (2006), explora o *desejo* do indivíduo em tornar-se parte da cultura de conformidade que o rodeia, ou seja, a forma como nos “camuflamos” com o que nos rodeia, e de que forma este desejo se traduz na dimensão espacial.

---

<sup>90</sup>Ibidem, “I observed that a woman typically refrains from throwing her whole body into a motion, and rather concentrates motion in one part of the body alone while the rest of the body remains relatively immobile. Only a part of the body, that is, moves out toward a task while the rest remains rooted in immanence. I also observed earlier that a woman frequently does not trust the capacity of her body to engage itself in physical relation to things. Consequently, she often lives her body as a burden, which must be dragged and prodded along, and at the same time protected.”

### 3.1.1. BELONGING

Em *Camouflage* (2006), Neil Leach recorre à teoria de Judith Butler para estabelecer novas deduções acerca da relação entre o indivíduo e o espaço. Afirma que o discurso de Butler acerca da constituição da identidade de género a partir da performatividade se estabelece a partir de dois fatores: (a) a mímica, no geral, ou seja, a técnica teatral que sugere uma ação ou emoção recorrendo apenas a gestos, expressões ou movimentos e o (b) mimético, em particular, tudo que se relaciona com a prática da mímica numa escala mais pequena. Butler, em *Imitation and Gender Insubordination*, refere:

Todo género é um tipo de representação e aproximação... Os efeitos naturalistas dos géneros heterossexualizados são produzidos através de estratégias imitativas; o que eles imitam é um ideal fantasmático de identidade heterossexual, produzido pela imitação como efeito.<sup>91</sup>

Neste sentido, Butler determina que o género é constituído através da mímica, estabelecendo-se ao nível da estratégia da imitação. Leach apropria-se das premissas de Butler e propõe que a normatividade de género é produzida através da lógica da camuflagem. Existe uma performatividade de género, mas esta performatividade estabelece-se, na maioria das vezes, a partir do *desejo* de nos misturarmos com o que nos rodeia, e este *desejo* estabelece-se a partir da lógica da “camuflagem”. Neil Leach afirma:

A lógica da camuflagem é performativa. É uma interação baseada no processo com o mundo. (...) ações repetitivas ritualísticas e práticas espaciais podem ser vistas como mecanismos alternativos para reforçar seus efeitos. A repetição opera como um mecanismo de familiarização que serve para superar a alienação. (...) A camuflagem deve ser vista como um processo interativo de tornar-se - de tornar-se um com o mundo e de se tornar distinto daquele mundo - onde ambos os estados estão presos a um mecanismo de pressuposição recíproca. (...) A camuflagem é

---

<sup>91</sup> BUTLER, Judith - *Imitation and Gender Insubordination*, presente em *Theory and Popular Culture: An Anthology* p.224, “All gendering is a kind of impersonation and approximation ... the naturalistic effects of heterosexualized genders are produced through imitative strategies; what they imitate is a phantasmatic ideal of heterosexual identity, one that is produced by imitation as its effect.”

ultimamente uma questão de primeiro plano e fundo. É uma questão de definir o eu contra um determinado horizonte cultural.<sup>92</sup>

Como Butler sugere, subscrever uma norma cultural dominante é seguir os sistemas comportamentais de uma ordem hegemónica. O género, neste sentido, pode ser entendido como uma “camuflagem”, uma prática cultural “efetiva”. Esta noção é preponderante no processo de constituição identitária do indivíduo. Leach realiza um contraponto entre a teoria da performatividade de Butler e a noção de “habitus”, proposta pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002). Bourdieu sugere que as disposições comportamentais são reguladas pelo envolvimento prático do indivíduo com o mundo. O que Leach considera preponderante na teoria de Butler, e que a distingue da noção de “habitus”, é a questão da *agência*: a performatividade oferece uma forma de desafiar as estruturas que determina. Se a imitação é o princípio de todas as práticas culturais, é ao mesmo tempo o que as reforça e o que as desestabiliza.

A proposta de Leach engloba ainda outra forma de subjetividade, nomeadamente, uma que se determina a partir de questões como a memória e as suas associações adjacentes. É no campo das representações que devemos localizar a arquitetura como parte da constituição identitária do indivíduo. Devemos inseri-la no conjunto de objetos que se tornam foco de atenção narrativa, “como uma linguagem de formas, não apenas inserida em vários discursos culturais, mas também formada por esses discursos.”<sup>93</sup>

Neil Leach refere:

Isto abre uma problemática crucial dentro do discurso arquitetónico que tem sido tradicionalmente baseado quase exclusivamente em questões de forma. É como se

---

<sup>92</sup> LEACH, Neil - *Camouflage*, p. 245 “The logic of camouflage is a performative one. It is a process-based interaction with the world. (...) repetitive and ritualistic actions and spatial practices can be seen as alternative mechanisms for reinforcing its effects. Repetition operates as a mechanism of familiarization that serves to overcome alienation. (...) Camouflage should be viewed as an interactive process of becoming - of becoming one with the world, and of becoming distinct from that world - where both states are locked into a mechanism of reciprocal presupposition. (...) Camouflage is ultimately a question of foreground and background. It is a matter of defining the self against a given cultural horizon.”

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 178, “(...) as a language of forms not only embedded within various cultural discourses, but also given meaning by those discourses.”

as narrativas de uso estivessem em grande parte fora das preocupações arquitetônicas. No entanto, a matéria – nos termos de Butler – não existe fora do discurso.<sup>94</sup>

Estabelece, também, a forma como Bourdieu destaca a necessidade da *praxis* para “desbloquear” o significado de um objeto:

Embora objetos - como livros ou imagens - possam ser considerados repositórios de um capital cultural objetivado, eles não têm valor a menos que sejam estrategicamente ativados no presente por aqueles que procuram modificar o seu capital cultural incorporado. Todos os objetos sobre os quais o valor cultural foi concedido estão perpetuamente adormecidos à espera de serem revividos, esperando que o seu valor antigo seja usado para estabelecer um novo valor numa nova situação de mercado.<sup>95</sup>

Ou seja, assim como as palavras são entendidas a partir da forma como são usadas, os edifícios podem ser compreendidos pela maneira como são percebidos e pelas narrativas de uso nas quais se inscrevem. Isto tem implicações na relação da identidade de gênero e do espaço. Se entendermos o gênero como uma encenação, então a performatividade ocorre no campo físico. Depois de um certo número de representações, esta ação não será mais neutra. Segundo Leach,

[s]e identidade é uma construção performativa – se é encenada, como algum tipo de 'roteiro de filme' – então a arquitetura deve ser entendida como uma espécie de 'set de filmagem'. Mas é um 'set de filmagem' em que o seu significado deriva das atividades que lá acontecem. As memórias de atividades associadas assombram o espaço físico como um fantasma.<sup>96</sup>

---

<sup>94</sup> Ibidem, p. 179, “This opens up a crucial problematic within an architectural discourse that has traditionally been premises almost solely on questions of form. It is as though narratives of use stand largely outside architectural concerns. Yet matter - in Butler's terms - does not exist outside discourse. “

<sup>95</sup> ROBBINS, Derek – *Bourdieu and Culture*, p.35, “Although objects - such as books or images – can said to be repositories of objectivated cultural capital, they have no value unless they are activated strategically in the present by those seeking to modify their incorporated cultural capital. All those objects on which cultural value has ever been bestowed lie perpetually dormant waiting to be revived, waiting for their old value to be used to establish new value in a new market situation.” em *Camouflage*, editado por Neil Leach, p.179.

<sup>96</sup> LEACH, Neil – *Camouflage*, p. 180,“ (...) if identity is performed, then the space in which that performativity takes place can be seen as a stage. After a certain number of performances, that stage set will no longer be neutral.”

A memória, neste sentido, é especialmente importante quando refletimos acerca dos espaços que são determinados como masculino ou feminino. Existe, segundo a perspectiva de Leach, uma maneira simplista de estabelecer uma forma de acordo com uma determinada ideologia política:

(...) não pode haver nenhum significado intrínseco ou potencial político para qualquer forma. Embora possam haver certas formas que ‘empregaram’ propósitos democráticos em vez de formas totalitárias, e - igualmente - sem dúvida certas formas que ‘incorporam’ uma sensibilidade feminina, é certamente um erro mapear certas atividades em certas formas, como se essas atividades fossem uma consequência dessas formas.<sup>97</sup>

A atribuição de um gênero a um espaço depende, assim, da performatividade que lá ocorre e não da sua forma específica. E esta performatividade é normalmente condicionada pelas associações que são projetadas nesse mesmo espaço. Os mecanismos espaciais estabelecem-se, assim, num segundo plano. A memória desempenha um papel fundamental, condicionando essas mesmas associações. Um espaço acumula um determinado carácter a partir da sedimentação das associações de cada indivíduo, e à medida que as memórias das atividades anteriores dissipam, o espaço assume diferentes características.

Desta forma, a teoria da performatividade de gênero pode ser utilizada como forma de esclarecimento da questão da diferenciação de espaços na arquitetura. Neste sentido, Neil Leach refere que as “ligações simbólicas” – “symbolic attachments” – possibilitam um discurso acerca da performatividade e do “pertencer” – “belonging” ao lugar. Esta noção parte das premissas apresentadas pela socióloga Vikki Bell, que explora de que modo as comunidades colonizam os territórios através de determinadas ações performativas. Segundo Bell, as comunidades colonizam os vários

---

<sup>97</sup> Ibidem, “But there can be no intrinsic meaning or political potential to any form. While there may indeed be certain forms that “lend” themselves to democratic purposes rather than totalitarian ones, and - equally - no doubt certain forms that ‘embody’ a feminine sensibility, it is surely a mistake to map certain activities onto certain forms, as though those activities were a consequence of those forms.”



territórios através de comportamentos ritualísticos, executados num plano arquitetónico e é através dessas performances que alcançam o sentimento de “pertença” ao lugar. O princípio da repetição é, mais uma vez, enunciado. Segundo Leach, este princípio pode ser entendido em termos da análise psicanalítica, sendo que a repetição determina a familiarização e, conseqüentemente, promove o “controlo do trauma”:

Através de práticas espaciais estilizadas, esses espaços são ‘demarcados’ por certos grupos, por meio de uma espécie de apropriação espacial, um processo visceral de identificação que depende das memórias corporais. Através da repetição desses rituais, esses espaços são ‘lembrados’, de modo que os participantes se reinscrevem no espaço, revogando as memórias corporais das encenações anteriores. O espaço torna-se um espaço de projeção, à medida que as memórias de experiências anteriores são ‘projetadas’ na sua forma material. <sup>98</sup>

Assim, estabelece o corpo como uma superfície de registo das experiências espaciais anteriores. Os rituais são *naturalizados* através desses atos de memória corporal, e os espaços de encenação tornam-se espaços de “pertença” para os envolvidos. O que é tão sugestivo no sentimento de “pertença”, como produto da performatividade, é que nos permite ir além das limitações da narrativa simples. Segundo Leach,

[a] atração da aplicação da performatividade para o lugar é que ela resiste a mais noções estáticas de ‘habitação’ [dwelling], que emanam do discurso Heideggeriano, que parecem tão pouco à vontade com uma sociedade de movimento e viagem. A crescente homogeneização do espaço dentro de um mundo de capital global não deveria levar-nos de volta aos velhos modelos de “habitação” como forma de resistir a essa condição, como se os modelos formulados no passado ainda fossem necessariamente relevantes no presente. Antes, encoraja-nos a formular novos paradigmas para entender o apego ao lugar que estão em sintonia com os modos de existência contemporâneos.<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> Ibidem, p. 181-182, “Through these stylized spatial practices, these spaces are ‘demarcated by certain groups via a kind of spatial appropriation, a visceral process of identification which depends upon bodily memories. Through the repetition of those rituals, these spaces are ‘re-membered,’ such that those participation reinscribe themselves into the space, reevoking corporeal memories of previous enactments. The space becomes a space of projection, as memories of previous experiences are ‘projected’ onto its material form.”

<sup>99</sup> Ibidem, p. 182, “The attraction of the application of performativity to place is that it resists more static notions of ‘dwelling,’ emanating to Heideggerian discourse, that seem so ill at ease with a society of movement and travel.

Ao mesmo tempo, realiza um contraponto com a teoria do “não-lugar” de Marc-Augé:

Segundo a lógica desse argumento [de Marc Augé's], não é que qualquer lugar possa ser definido como um ‘não-lugar’, mas sim que qualquer lugar pode se tornar um lugar - um local de pertença - através das performatividades associadas a esse local. De fato, pode-se até afirmar que novas formas de pertença são um resultado direto de uma cultura cosmopolita de ‘não-lugares’, em que lugar e não-lugar estão encerrados numa dialética de pressuposição recíproca. Assim como a globalização leva à regionalização - ou mesmo à forma híbrida de ‘globalização’ -, a falta de espaço automaticamente convida a um apego ao lugar - como se a indefinição das fronteiras espaciais.<sup>100</sup>

Neste sentido, Leach fornece um ponto de vista acerca do modo como os mecanismos representativos influem na condição identitária do indivíduo a partir da lógica da performatividade. Assim como a identidade se constitui através de gestos formativos, também a identificação com “o lugar” se desenvolve a partir da repetição desses mesmos gestos.

---

The increasing homogenization of space within a world of global capital should not lead us back to old models of 'dwelling' as a way of resisting this condition, as though models formulated in the past will necessarily still be relevant in the present. Rather, it encourages us to formulate new paradigms for understanding attachment to place that are in tune with contemporary modes of existence.”

<sup>100</sup>Ibidem, p. 183, “Nor should it lead us to support Marc Augé's nostalgic notion of 'non-place.' For the logic of this argument, is not that anywhere can be 'assigned' as a non-place, but, rather, that anywhere can become a place - a site of belonging - through the performativities associated with that location. Indeed, it could even be claimed that new forms of attachment are a direct result of a cosmopolitan culture of "non-places," in that place and non-place are locked into a dialectic of reciprocal presupposition. Just as globalization leads to regionalization - or even the hybrid form of 'globalization' - so placelessness automatically invites an attachment to place - as though the blurring of spatial boundaries.”

## 3.2. OS MECANISMOS ESPACIAIS

Se, no capítulo anterior, estabeleci as premissas fenomenológicas como ponto de partida para a definição dos mecanismos representativos da arquitetura, no capítulo presente procuro analisar os mecanismos espaciais. O que está em causa não é mais o espaço na sua dimensão simbólica, mas a sua materialização concreta.

Note-se que as premissas estabelecidas neste momento surgem de uma perspetiva histórica, ou seja, são reflexo de uma época em que a sociedade estava estruturada apenas a partir da perspetiva binária de género, não havendo praticamente alusão a outras identidades. O que eu pretendo é demonstrar como uma determinada identidade de género pode ser condicionada e perpetuada a partir da sua relação com o espaço e para isso vou referir-me a um passado binário.

No capítulo anterior propus, a partir da análise de Foucault, que o corpo é o elemento mediador das ações de poder. Neste sentido, e de forma a elucidar concretamente a sua relação com a arquitetura, proponho uma síntese das premissas estabelecidas até ao momento relativamente à teoria disciplinar de Foucault:

- i) O poder deve ser entendido como um fenómeno biológico e, desta forma, o corpo está “diretamente mergulhado no campo político.”
- ii) As “disciplinas” e o “biopoder” designam a dupla função do poder.
- iii) Segundo a noção de “assujettissement”, o poder não é simplesmente aquilo a que nos opomos, mas também aquilo de que dependemos para a própria existência.
- iv) O espaço disciplinar rege-se a partir de quatro conceitos distintos, sendo eles: o enclausuramento, a localização, o quadriculamento e a serialização.
- v) O panótico constitui o paradigma arquitetónico que determina as características de uma sociedade disciplinar.

A abordagem realizada ao panótico representa, assim, o entendimento do exercício de poder como algo difuso e abrangente. Na sua proposta, Jeremy Bentham estabelece que a vigilância pode ser otimizada a partir de meios arquitetônicos, sendo que a vigilância ótica constitui um fator decisivo. Neste sentido, Leach afirma:

O Panótico determina um modelo que encapsula as características de uma sociedade fundada na disciplina. Incorpora um sistema no qual a vigilância desempenha um papel crucial, e em que o conhecimento está inseparavelmente ligado ao poder. O *layout* arquitetônico do Panótico permite várias técnicas de controle que, segundo Foucault, asseguraram, em si mesmas, quase automaticamente, a sujeição e a subjetivação dos presos.<sup>101</sup>

O corpo estabelece-se como o elemento mediador das relações de poder e a arquitetura constitui um fator decisivo nesta relação. Para além da própria forma arquitetônica do Panótico, devemos considerar os elementos de menor escala que determinam a sujeição dos corpos. As janelas da torre central, por exemplo, são providas de persianas, de forma a impedir que os presos vejam as sombras dos guardas. Não existe forma de os presos saberem se estão a ser vigiados ou não. Neste sentido, as próprias persianas podem ser consideradas um dispositivo disciplinar: também elas articulam e determinam, especialmente, as relações de poder. Proponho, neste sentido, uma reflexão acerca do conceito de “dispositivo”. Segundo o filósofo Giorgio Agamben:

Ampliando ainda mais a já ampla classe de dispositivos Foucaultianos, denominarei dispositivo literalmente qualquer coisa que tenha, de alguma maneira, a capacidade de capturar, orientar, determinar, intercetar, modelar, controlar ou garantir os gestos, comportamentos, opiniões ou discursos de seres vivos.<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> LEACH, Neil – *Rethinking Architecture, a reader in cultural theory*, p. 348, “The panopticon provides a model which encapsulates the characteristics of a society founded on discipline. It embodies a system in which surveillance plays a crucial role, and in which knowledge is inseparably bound to power. The very architectural layout of the panopticon affords various techniques of control, which, Foucault thought, would in themselves assure almost automatically the subjection and the subjectification of the inmates.”

<sup>102</sup> GIORGIO, Agamben - *What Is an Apparatus?: And Other Essays*, p.6, “Further expanding the already large class of Foucauldian apparatuses, I shall call an apparatus literally anything that has in some way the capacity to capture, orient, determine, intercept, model, control, or secure the gestures, behaviors, opinions, or discourses of living beings.”

Assim, Agamben estabelece a definição do sujeito como “aquele que resulta da relação” ou seja, “da incessante luta entre seres vivos e dispositivos.” Não obstante, e retomando algumas premissas do capítulo anterior, onde enunciei as diferentes características do espaço disciplinar, a função do dispositivo é posicionar o indivíduo em relação ao poder. No limite, todo o espaço físico pode ser considerado um dispositivo se, à semelhança da teoria Foucaultiana, entendermos a onnipresença das relações de poder. Ainda a respeito do conceito de dispositivo, Eleb-Vidal afirma:

A noção de dispositivo é entendida aqui como uma organização de elementos estruturados de forma particular para produzir um efeito (no que diz respeito às condutas, às práticas), de um modo explícito ou implícito. Na casa, o dispositivo posto em prática propõe um modo de relações entre indivíduos (homens-mulheres, pais-filhos, senhores-criados), mas inclui também a dimensão económica (espaço de trabalho, de produção) e a ampla sociabilidade (espaços de acolher, de receção, de preparo...)

O modo como os dispositivos arquitetónicos regulam e determinam as relações de poder vai-se tornando, ao longo da história, cada vez mais complexo e a produção da identidade de género é, neste sentido, extremamente condicionada. A historiadora da arquitetura Helen Hills (1929) afirma:

O espaço, o aspeto fundamental da cultura material, é... de importância central na constituição do género. Determina como homens e mulheres são reunidos ou mantidos separados; participa na definição de uma divisão sexual no trabalho; a sua organização produz, reproduz e representa noções sobre a sexualidade e o corpo. O espaço determina e afeta o comportamento, assim como a organização do espaço é produzida por e em relação ao comportamento.<sup>103</sup>

---

<sup>103</sup> HILLS, Helen - *Gender Studies in Architecture*, p.5 “Space, the fundamental aspect of material culture, is... of central importance in constituting gender. It determines how men and women are brought together or kept apart; it participates in defining a sexual division of labour; its organization produces, reproduces and represents notions about sexuality and the body. Space determines and affects behaviour, just as the organization of space is produced by and in relation to behaviour.”

Assim, a premissa de que os mecanismos espaciais influenciam a produção, reprodução e representação de género é instituída. A casa, neste sentido, é o local onde a perpetuação das identidades de género a partir dos mecanismos espaciais são mais evidentes. A teórica Dorte Kuhlmann (1968) afirma:

Podemos argumentar que a exclusão feminina começa na habitação. Afinal, o apego à casa, muitas vezes regido pela dependência económica no parceiro ou no marido, leva a sua influência relativamente pequena na sociedade. Esta constatação também pode ter contribuído significativamente para uma maior dependência psicológica da casa e do parceiro.<sup>104</sup>

No entanto, estas relações são complexas, não sendo possível definir um modelo genericamente aplicável a todas as sociedades ou a todos os tempos, pois a matriz arquitetónica é sempre estabilizada a partir da estrutura social.

### 3.2.1. A HABITAÇÃO COMO DISPOSITIVO DISCIPLINAR

A diferenciação de género enquanto fator determinante na organização espacial remota à Antiguidade Clássica, segundo Dorte Kuhlmann:

Hoje em dia presume-se que a típica casa grega foi projetada de forma a que o marido e os filhos adolescentes vivessem nos quartos virados para a rua, enquanto as mulheres da família estavam alojadas na parte de trás da casa ou no segundo andar, e os cônjuges não dormiam no mesmo quarto.<sup>105</sup>

Também Leon Battista Alberti estabelece, nos seus tratados arquitetónicos, premissas acerca do comportamento dos indivíduos a partir da questão de género:

---

<sup>104</sup> KUHLMANN, Dorte - *Gender Studies in Architecture*, p.175, "Once could argue that the exclusion of women begins at home. After all, the spatial attachment to the house, often coupled with economic dependence on the partner or husband, can lead to their relatively reduced influence of space.

<sup>105</sup> Ibidem, 113, "Nowadays it is assumed that a typical Greek house was designed such that the husband and the adolescent sons lived in their own rooms on the street side, while the women of the family were housed in the back of the house or on the second floor, and spouses did not sleep in the same room."

Também me parece algo degradante para mim ficar fechado na casa por entre as mulheres, quando eu tenho tantas coisas para fazer entre os homens... Essas criaturas inativas que ficam todo o dia no meio de mulheres e que mantêm a sua mente ocupada com pequenas ninharias femininas certamente carecem de um espírito masculino ou glorioso. Eles são desprezáveis na sua aparente inclinação para adotar o papel de mulher em vez de homens... (...) Acredito que um homem que seja pai de família não só deve fazer tudo que é próprio de um homem, mas que se deve abster de todas as atividades que, justamente, dizem respeito à mulher.<sup>106</sup>

O que está em causa, nesta citação, não se restringe ao domínio arquitetónico, mas à prescrição da arquitetura. E as restrições de género, neste sentido, sempre foram incitadas por meio destas prescrições. Neste sentido, existem determinadas formas de organização espacial que, apesar de geralmente serem aceites como presentes em todo o curso da história, são *edificações* bastante recentes.

Por exemplo, só a partir do Concílio de Trento (1545-1563) é que se formulou a ideia de privacidade que conhecemos nos dias de hoje. Esta noção foi preponderante para o surgimento do corredor, um dispositivo que envolve a invenção e a multiplicação dos espaços de acesso, provocando uma transformação dos relacionamentos dentro do grupo doméstico, promovendo a separação gradual entre os criados e os burgueses.

Também foi no Concílio de Trento que a noção de pudor foi estabelecida, instituindo novas premissas acerca do conceito de nudez, higiene e sexualidade. Por exemplo, durante a idade média era comum a existência de banhos públicos, onde os indivíduos se misturavam no mesmo espaço, normalmente num tanque de maneira. Este costume desapareceu no século XVI, onde foi estabelecido um novo propósito moral a respeito da higiene:

---

<sup>106</sup> ALBERTI, Leon Battista - *Della Famiglia, Livro III*, em "The Housing of Gender", presente em *Sexuality and Space*, editado por Beatriz Colomina, p. 334 "It also seems somewhat demeaning to me to remain shut up in the house among women when I have many things to do among men ... Those idle creatures who stay all day among the little females or who keep their minds occupied with little feminine trifles certainly lack a masculine and glorious spirit. They are contemptible in their apparent inclination to play the part of women rather than men... if he does not shun trifling occupations, clearly, he does not mind being regarded as effeminate... I believe that a man who is the father of a family not only should do all that is proper to a man, but that he must abstain from such activities as properly pertain to women."

Não se lavar vai, portanto, significar que se tem pureza moral, a necessidade de se lavar significa que se está sujo, impuro. O clero, os predicadores dos remédios contribuíram para o desaparecimento dos banhos públicos, tanto enquanto lugar de encontro e de gozo, mas também o hábito de se lavar completamente e de relaxar, em público, no banho. <sup>107</sup>

Novos dispositivos surgem como forma de resposta aos novos modos de vida. Neste sentido, o século XVI é também o momento de surgimento do bidê. O bidê nasceu em França quando os banhos públicos deixaram de existir. Era mantido no quarto, não sendo um objeto fixo.

Neste sentido, os próprios dispositivos e a conceção de higiene que adquirimos como certa nos dias de hoje são também uma construção relativamente recente, mediada através de diferentes discursos. Assim, durante muito tempo a casa de banho não constituiu uma parte estruturante da habitação. Só no século XIX é que surge plenamente desenvolvida, em grande parte pelo pudor que se estabeleceu pelos corpos e, naturalmente, este pudor estabeleceu-se a partir dos discursos relativos à crescente privatização da sexualidade.

A teórica Daphne Spain (1949), em *Gendered Spaces*, argumenta que a forma primária da separação atual de géneros na arquitetura (no mundo capitalista ocidental<sup>108</sup>) definiu-se a partir da separação casa-trabalho, determinada na era industrial. A habitação deixa de corresponder ao local de trabalho, a produção muda para a fábrica, passando a existir uma associação do espaço público à dimensão masculina e do espaço doméstico à feminina.

A ênfase nos diferentes papéis de género a partir da arquitetura teve o seu auge na era vitoriana, na Inglaterra, quando a educação das meninas tinha como objetivo

---

<sup>107</sup> ELEB-VIDAL, Monique, *Architectures de La Vie Privée, Maisons et Mentalités, XVII<sup>e</sup> – XIX<sup>e</sup> siècles*, p.196, “Ne pas se laver va donc signifier que l’on détient la pureté morale, le besoin de se laver va signifier que l’on est souillé, impur. Le clergé, les prédicateurs les médecins ont contribué à faire disparaître les bains publics en tant que lieu de rencontre ente de débauche, mais aussi l’habitude de se laver complètement et de se détendre en public, au bain”.

<sup>108</sup> É importante referir que o termo *ocidental* diz respeito a um ponto de vista específico. Neste sentido, refiro-me à noção “genérica” de mundo ocidental.



prepará-las para o casamento (particularmente as das classes mais altas) e subordiná-las aos homens a nível intelectual. O ideal feminino era administrar, cozinhar, talvez até aprender línguas, enquanto o homem se via como um cavalheiro urbano e sofisticado que era o chefe da família.<sup>109</sup>

Por sua vez, Eleb-Vidal, em *Architectures de la Vie Privée: Maisons et Mentalités : XVII–XIX Siècles*, estabelece uma análise pertinente sobre a evolução dos modos de vida a partir do século XVII em França. É esta análise que terei em consideração, por se relacionar com teoria disciplinar de Foucault. Ambos os autores analisam o mesmo tempo histórico, conforme ilustram as seguintes citações. Segundo Foucault:

Esses métodos, que permitem o controlo minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante das suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas. Mas as disciplinas tornam-se, no decorrer do século XVII e XVIII fórmulas gerais, de dominação.<sup>110</sup>

Enquanto Eleb-Vidal afirma:

A arte da distribuição espacial, chamada ‘art français’ tornou-se, durante o século XVIII, um novo desafio arquitetónico. Para estudar a habitação, que agora é considerada parte de um projeto social, torna-se necessário tornar explícitos os pressupostos sociais subjacentes. Todas as partes da habitação – neste caso, a casa aristocrática dos séculos XVII e XVIII - foram objeto de numerosas experimentações que tentam representar espacialmente a melhor arte da vida que esse período provocou.<sup>111</sup>

---

<sup>109</sup> KUHLMANN, Dorte – *Gendered Spaces*, p.8 “The emphasis on different gender roles through architecture saw its peak in the Victorian age in England, when the upbringing of girls explicit had the deal to educate them for marriage (particularly those of the upper classes), and more or less subordinate them to men on the intellectual level. The female ideal keeping management, cookery, perhaps even languages, while the man saw himself as an urbane and sophisticated gentleman who was the head of the family. Up to the early twentieth century, educated women were often contemptuously called ‘Bluestockings’, and it was assumed that women at any rate were unable to contribute much if anything to society beyond the home.”

<sup>110</sup> FOUCAULT, Michel – *Discipline and Punish, The Birth of the Prison*, p. 137, “These methods, which made possible the meticulous control of the operations of the body, which assured the constant subjection of its forces and imposed upon them a relation of docility-utility, might be called ‘disciplines’. Many disciplinary methods had long been in existence in monasteries, armies, workshops. But in the course of the seventeenth and eighteenth centuries the disciplines became general formulas of domination.”

<sup>111</sup> ELEB-VIDAL, Monique - *Art et savoir de la distribution des habitations*, p.117, “Les XVII et XVIII siècle, “L’ebauche d’un discours spécifique sur la distribution des habitations débute au XVIIe siècle a partir de la réflexion sur l’architecture domestique comme branche a part entière de l’architecture. L’art de la distribution des habitations, appelé “l’art français ” au XVIIIe siècle, devient un nouvel enjeu architectural. Pour étudier l’habitation qui fait des

Foucault identifica os séculos XVII e XVIII como o momento de implementação dos esquemas de docilidade, nos quais o corpo foi sujeitado a novas formas de poder através da ação dos dispositivos disciplinares. Eleb-Vidal refere os séculos XVII e XVIII como o momento do surgimento de um discurso específico acerca da estrutura doméstica como parte integrante da arquitetura. O desenho da habitação torna-se, de facto, um desafio para os arquitetos, que até então apenas projetavam monumentos e que, desta forma, passam a focar a sua atenção nas diferentes configurações da vida.

Assim, as produções arquitetónicas deste tempo são uma boa reflexão acerca do contexto social. Para uma análise concreta da definição da identidade de género a partir da habitação, é indispensável compreender as demandas e as exigências dos habitantes da época, assim como analisar os valores, as sensibilidades e as aspirações das respetivas sociedades. Por exemplo, os tratados de etiqueta – “traités de savoir-vivre” –, representam um forte impulsionador de determinadas resoluções arquitetónicas, por regularem questões de higienização, desodorização e, naturalmente, a separação de géneros.

No fundo, trata-se de compreender os princípios de distribuição e a forma como estes estruturam a vida quotidiana, ou seja, como respondem às representações da vida familiar e da sociabilidade da época. O modo como a casa regula e codifica relações entre indivíduos ou entre grupos (de idade e *status* social diferentes) foi uma questão preponderante. A hipótese assim colocada é validada quando as características que constituem as conceções do espaço de uma época são encontradas repetidamente em projetos, pinturas e tratados.

---

lors partie d'un projet social, il faut expliciter les pre- supposes sociaux qui la sous-tendent. Chaque composante de l'habitation - ici la demeure aristocratique des XVIIe et XVIIIe siecles- a ete l'objet d'autant de tentati- ves, d'ebauches de solutions et d'experimentations visant a représenter spatialement tt le meilleur art de vivren que s'est donne cette periode.”

### 3.2.2. A CONCEÇÃO FAMILIAR

Eleb-Vidal refere que a caracterização das relações íntimas até meados do século XVIII afasta-se bastante da nossa concepção atual de laços emocionais. Não que estes não existissem, mas desempenhavam um papel distinto. Era habitual que várias famílias se estabelecessem no mesmo espaço, numa lógica de co-habitação. Eleb-Vidal alude à noção de comunidade habitacional, em que vários núcleos familiares se agrupavam no mesmo espaço. A própria ideia de família é, neste sentido, uma *construção* bastante recente.

Assim, a habitação tinha uma configuração bastante diferente da que encontramos nos dias de hoje, correspondendo a uma casa de divisão comum. Para além disso, havia uma condensação de diversas funções no mesmo espaço: era regular dormir, comer ou até trabalhar na mesma divisão. Esta forma de vida era transversal às várias classes sociais, não dizendo apenas respeito às classes inferiores.

Como já referi anteriormente, o Concílio de Trento estabelece-se como o ponto de reformulação de todas as relações pessoais. O conceito de pecado é enunciado e, neste sentido, reformula-se toda a noção de sexualidade. A proibição da nudez, por exemplo, é estabelecida. Todas estas premissas irão incitar novos comportamentos nos indivíduos e, por consequência, no modelo de habitação. Não obstante, esta relação não é imediata, sendo necessário aproximadamente um século até que a arquitetura comece a *responder* a esta nova forma de vida. A dissociação de funções foi estabelecida. A privacidade é enunciada.

Na segunda metade do século XVIII vemos, para além da implementação do corredor, a criação de um espaço de convívio familiar. A sala de estar e/ou a sala de jantar tornar-se-ão os lugares privilegiados para estar com os vários membros da família; a casa tornar-se-á um lar, estando esta transformação

ligada à evolução do sentimento familiar. Eleb-Vidal cita Edward Schorter que refere, acerca da família nuclear:

O que é essencial é o seu clima emocional. A família nuclear é uma maneira de pensar, não uma estrutura. Nos últimos dois séculos, o modo de representar a família mudou de modo decisivo, e essas famílias que chamamos de "nuclear" são simplesmente aquelas que adquiriram essa qualidade primordial moderna: a vida familiar. A principal diferença entre as famílias tradicionais e as famílias modernas reside na sua maior ou menor abertura para a comunidade em torno delas. Para eles [os membros dessas famílias], as paredes da habitação eram muralhas contra as agressões do mundo exterior, e o calor que, à noite, emanava da mesa da família era muito preferível às tensões da vida na sociedade.<sup>112</sup>

Shorter observa que, para além das diferenças entre classes sociais, existem claras distinções entre a vida no campo e a vida na cidade. Desta forma, a cidade predispõe-se mais à vida familiar, enquanto que o campo favorece o contato com o exterior. Esta nova conceção de relacionamentos dentro da família (o sentimento familiar e conjugal) explica muitas mudanças: a busca pelo conforto, a criação de um lugar de expressão do sentimento familiar e a maior permanência na casa. Essa tendência irá desenvolver-se e difundir-se amplamente no século XIX e tornar-se-á uma verdadeira regra de vida que as classes dominantes procuram impor como o modelo correto. Neste sentido, Eleb-Vidal cita Philippe Ariès, que refere a relação dialética entre a vida familiar e a sociabilidade, explicando assim a evolução das mentalidades e, portanto, das práticas e condutas do século XVI ao XIX:

Mas essa família [a nuclear] expandiu-se na medida em que a sociabilidade se retirou. Tudo aconteceu como se a família moderna estivesse a substituir o fracasso das relações sociais anteriores, para permitir que o homem escape de uma insuportável solidão moral. Já no século XVIII, as pessoas começaram a defender-se

---

<sup>112</sup> ELEB-VIDAL, Monique, *Architectures de La Vie Privée, Maisons et Mentalités, XVII<sup>e</sup> – XIX<sup>e</sup> siècles*, p.228 "Ce qui est essentiel, c'est son climat affectif. La famille nucléaire est une façon de penser, pas une structure. Dans les deux derniers siècles, la manière de se représenter la famille a fondamentalement changé, et ces familles que nous appelons "nucléaires" sont simplement celles qui ont acquis cette qualité moderne primordiale : la vie de famille. La principale différence entre les familles traditionnelles et les familles modernes réside dans leur plus ou moins grande ouverture à la communauté qui les entoure. Pour eux [les membres de ces familles], les murs du foyer étaient des remparts contre les agressions du monde extérieur, et la chaleur qui, le soir, se dégageait de la table familiale était de loin préférable aux tensions de la vie en société. "

contra uma sociedade cujo constante comparecimento era anteriormente fonte de educação, reputação e fortuna. De agora em diante, um movimento fundamental rompe com os velhos relacionamentos entre mestres e criados, grandes e pequenos, amigos ou clientes ... (...) A vida profissional e a vida familiar sufocaram essa outra atividade que, pelo contrário, invadiu toda a vida, a das relações sociais. Somos tentados a pensar que o sentimento familiar e a sociabilidade não são compatíveis e só se podem desenvolver à custa um do outro.<sup>113</sup>

A autora refere também outra dimensão a considerar, estabelecida no final do século XVIII, que é o gosto pela decoração do interior. A felicidade burguesa é *encenada*. Eleb-Vidal refere Mario Praz que, através da análise de pinturas de diferentes países, mostra a transformação ocorrida no interior da habitação. O mobiliário rígido foi gradualmente substituído, de forma a criar um interior mais confortável, íntimo e acolhedor para acentuar o *Gemütlichkeit*<sup>114</sup>. A atmosfera das gravuras mostra-nos a procura pelo prazer, conforto e criação de um espaço familiar.

Todavia, é a mulher, seja a trabalhadora ou a burguesa, que a capacidade de criar este “ninho aconchegante” é associada: “mil riens” feitos em casa que não custam nada. Eleb-Vidal refere que é nos discursos centrados nas práticas da decoração e do *design* de interior que as representações ideológicas são reproduzidas. Assim, o vínculo entre a decoração do lar e o amor pelo marido e pelos filhos é enunciado, como é revelado através dos discursos e das recomendações dadas às mulheres acerca do seu papel. Eleb-Vidal cita Anne Martin-Fugier, que analisa pertinentemente estas representações:

---

<sup>113</sup> Ibidem , p.228, “Mais cette famille s'est étendue dans la mesure où la sociabilité se retirait. Tout se passe comme si la famille moderne se substituait à la défaillance des anciennes relations sociales pour permettre l'homme d'échapper à une insoutenable solitude morale. Dès le XVIII<sup>e</sup>, on a commencé à se défendre contre une société dont la fréquentation constante était auparavant la source de l'éducation, de la réputation, de la fortune. Désormais un mouvement de fond fait éclater les anciens rapports entre maîtres et serviteurs, grands et petits, amis ou clients... (...) La vie professionnelle et la vie familiale ont étouffé cette autre activité qui au contraire envahissait autrefois toute la vie, celle des relations sociales. On est tenté de penser que le sentiment de famille et la sociabilité n'étaient pas compatibles, et ne pouvaient se développer qu'aux dépens l'un de l'autre. ”

<sup>114</sup> Gemütlichkeit é uma palavra de língua alemã usada para transmitir a idéia de um estado ou sensação de calor, simpatia e bom ânimo. Outras qualidades abrangidas pelo termo incluem aconchego, paz de espírito e um sentimento de pertença e bem-estar decorrente da aceitação social.

O risco, com os 'mil nadas,' é que a mulher se sinta confinada a um papel inferior. Portanto, é importante oferecer-lhe uma justificativa moral e social do seu papel. Devemos convencê-la da seriedade de sua missão, da sua importância para a família e para a sociedade. Cumprir esta missão é um dever, um dever comum para as domésticas e as trabalhadoras. Porque decorar a casa de alguém é amar, amar o marido e os filhos, dedicar-se à sua felicidade. Também é necessário convencer a mulher de que a arte do interior é arte. <sup>115</sup>

Estas “qualidades” relacionam-se com o modelo de vida familiar que pressupõe a persistência no vínculo afetivo entre marido e mulher, segundo o qual o marido detém o papel social ligado ao exterior e a mulher o papel de dona de casa, responsável pela manutenção e bem-estar do seu marido e dos seus filhos.

Eleb-Vidal refere o projeto da “Maison de Monsieur Tubeuf House”, em 1664, ou o “Hôtel de La Vrillière”, de Jacques François Blondel, como exemplificativos da estreita articulação entre o comportamento espacial e a conceção familiar. Nestes projetos, a autonomia e equivalência dos dois constituintes do casal são ambivalentes. Os espaços são dissociados de forma a permitir ao homem e à mulher uma vida independente; no entanto são idênticos, na sua forma, o que implica um pensamento igualitário dentro do casal, pelo menos ao nível de status. Cita, novamente, Norbert Elias, que destaca a conexão entre a conceção de relações masculinas e femininas na sociedade e a organização da habitação:

A posição dos homens e das mulheres na sociedade não poderia ser melhor caracterizada do que através da chamada de atenção do leitor para a separação absoluta dos seus respetivos apartamentos, que, no entanto, eram equipados de forma absolutamente idêntica. Trata-se aqui de uma forma de vida conjugal e familiar cujas teorias sociológicas não foram levadas em consideração até agora ... (Esta sociedade) evolui num campo tão vasto que homens e mulheres podem

---

<sup>115</sup> Ibidem, p.231, “Le risque, avec les "milles riens", c'est que la femme se sente cantonnée dans un rôle inférieur. Il importe donc de lui proposer une justification morale et sociale de son rôle. Il faut la convaincre du sérieux de sa mission, de son importance pour la famille et la société. Remplir cette mission est un devoir, un devoir commun aux mondaines et aux ouvrières. Car décorer son foyer, c'est l'aimer, aimer son mari et ses enfants, se dévouer à leur bonheur. Il est aussi nécessaire de convaincre la femme que l'art de l'intérieur est bien de l'art. ”

participar em círculos diferentes. É uma razão - mas não a única! - para o que a margem de independência de uma pessoa casada seja maior que a de uma pessoa que vive num ambiente mais cingido ... Os deveres da sociedade - incluindo a visita à mãe doente -, em outras palavras e, mais amplamente, a preocupação com o prestígio e a honra da "casa", são os alicerces de uma comunidade sem vínculos pessoais onde, na ausência de carinho mútuo, os cônjuges beneficiam grandemente da margem de liberdade que a sociedade lhes concede.<sup>116</sup>

Os apartamentos separados e independentes são, portanto, uma expressão do casamento de conveniência, que preservam a autonomia de cada membro do casal. Norbert Elias refere ainda que compartilhar o mesmo apartamento, a mesma sala, ou até a mesma cama é um sinal de pobreza. O acesso específico aos apartamentos e às salas de recepção especializadas torna-se um sinal de elevação social.

### 3.2.3. O BOUDOIR

O *boudoir* é uma invenção do século XVIII que corresponde a uma nova percepção da vida das mulheres. *Originalmente* um lugar de retiro feminino, não se sabe se a sua origem foi por requerimento masculino ou feminino. É um dispositivo estabelecido quando a *imagem* da mulher está ligada a uma visão hedonista. Neste sentido, Eleb-Vidal cita Nicolas Le Camus que afirma,

[o] boudoir é considerado como um local de prazer. É lá que (a mulher) parece meditar nos seus projetos, satisfazer suas inclinações ... Essas ideias mantêm os nossos costumes ... Esse retiro delicioso só deve causar emoções doces, trazer serenidade à alma, voluptuosidade em todos os sentidos.<sup>117</sup>

---

<sup>116</sup> Ibidem, p.231, "On ne pourrait mieux caractériser la position de l'homme et de la femme dans cette société qu'en attirant l'attention du lecteur sur la séparation absolue de leurs appartements respectifs, l'un et l'autre étant, par ailleurs, aménagés d'une manière absolument identique. Nous avons affaire ici à une forme de la vie conjugale et familiale dont les théories sociologiques n'ont pas suffisamment tenu compte jusqu'ici... (Cette société) évolue dans un champ si vaste que l'homme et la femme peuvent fréquenter des cercles différents. C'est une raison - mais pas la seule! - pour laquelle la marge d'indépendance d'une personne mariée est plus grande que celle d'une personne vivant dans un milieu plus étroit ... Les devoirs envers la société - dont fait partie la visite à la belle mère malade, - autrement dit, et plus largement, le souci du prestige et de l'honneur de la "maison", sont les fondements d'une communauté dépourvue de liens personnels, où, en l'absence d'affection réciproque, les époux profitent largement de la marge de liberté que la société leur accorde."

<sup>117</sup> Ibidem, p. 236, "Le boudoir est regardé comme le séjour de la volupté. C'est la que (la femme) semble méditer ses projets, ou se livrer à ses penchants... Ces idées tiennent nos moeurs... Cette retraite délicate ne doit occasionner que des émotions douces, porter la sérénité dans l'âme, la volupté dans tous les sens."

Eleb-Vidal destaca o projeto de Claude Nicolas Ledoux, o “Hôtel d'Evry” (1770), que inclui este novo dispositivo na sua organização. O quarto do *Monsieur* está associado a um gabinete e o da *Madame* a um *boudoir*. Desta forma, o mestre da casa pode isolar-se no gabinete e lidar com os assuntos profissionais, enquanto que as senhoras encontrarão uma forma de expressão no *boudoir*.

Os projetos do século XIX, neste sentido, mostram a grande transformação no estatuto recíproco de género. Os espaços de sociabilidade são masculinos – como a sala de bilhar e sala de fumadores –, enquanto que o quarto principal não é mais o espaço da mulher; tende a tornar-se num quarto matrimonial compartilhada. Eleb-Vidal refere:

A mulher recebe na sala de estar ou no quarto, mas esta é uma prática controversa, já que o quarto começa a ser percebido como um espaço de privacidade inviolável. A atribuição do quarto principal está, de facto, ligada a diferentes concepções do papel da mulher. Para G. Davioud e J. Guadet, o quarto principal ser da mulher afeta-a em dois papéis contraditórios : ele deve poder abrir-se para sala de estar e ao mesmo tempo ser um lugar de retiro secreto. Essa ambiguidade ressalta a passagem transitória entre o quarto da mulher, lugar público antes do século XIX, e que se tornará depois um lugar completamente privado. <sup>118</sup>

Neste sentido, é no século XIX que o papel maternal e conjugal tende a determinar a condição feminina. A sua posição social é estabelecida a partir do casamento. No início do século XX, a diminuição e, depois, o desaparecimento dos criados colocam as mulheres da burguesia na mesma situação que as menos favorecidas. Tornam-se donas de casa e a racionalização das tarefas domésticas e dos espaços correspondentes

---

<sup>118</sup> Ibidem, p. 238, “La femme reçoit dans le salon ou dans la chambre mais c'est une pratique controversée puisque la chambre commence à être perçue comme l'espace de l'intimité inviolable. L'affectation de la chambre principale est en effet liée à différentes conceptions du rôle de la femme. Pour G. Davioud et J. Guadet, la chambre principale est celle de la femme affectée de deux rôles contradictoires. Elle doit pouvoir s'ouvrir sur le salon et en même temps être un lieu de retraite secrète. Cette ambiguïté souligne le mestipassage transitoire entre la chambre de la femme, lieu public avant le XIXe siècle et qui deviendra après, lieu complètement privé. Effectivement pour E. Cardon: Dans l'usage habituel et dans les convenances les plus strictes ison! La chambre de Madame est un lieu sacré où nu ne pénétre et qui reste fermée même les jours de grande réception”.



tornar-se-á relevante. Existe, assim, uma diferença bastante vincada na mulher do século XVIII e do século XIX.

Verificamos assim um paralelo entre o desenvolvimento da habitação do século XVII – XVIII e o espaço disciplinar enunciado por Foucault, onde determinamos o *boudoir* como um deles. Eleb-Vidal realiza, noutra obra, a análise do desenvolvimento da habitação moderna. O período entre 1880 e 1914, geralmente descrito como pós-haussmaniano ou pré-moderno, foi marcado pela introdução de novas técnicas de construção, o uso de um vocabulário formal renovado, por conceções particulares de decoração, mas também pelos princípios de higiene, que se tornaram regras fundamentais para a produção arquitetónica e, finalmente, o questionamento do papel do arquiteto, sendo estes os motores que permitiram o surgimento da ideia de modernidade.

### 3.3. CONCLUSÃO

As perspetivas apresentadas neste capítulo constituem uma importante reflexão acerca da produção da identidade de género a partir da arquitetura. Primeiramente, enunciei a compreensão do espaço através das suas representações, segundo o conceito de “pertença”, no original, “belonging” de Neil Leach. De seguida, a análise de Eleb-Vidal à habitação evidenciou a sua dimensão disciplinar. Estas perspetivas são, mais uma vez, complementares. O arquiteto Mark Wigley, em *The Housing of Gender*, refere que

[o]s mecanismos que definem a casa não podem ser divididos nos que são espaciais e nos que são representativos. O espaço no qual a privatização da sexualidade pode ocorrer é literalmente produzido por transformações nos sistemas de representação [leia-se performatividade] e, igualmente, esses sistemas tornam-se possíveis através desse espaço.<sup>119</sup>

---

<sup>119</sup> WIGLEY, Mark, *On the Housing of Gender*, em *Sexuality and Space*, editado por Beatriz Colomina, p. 347: “(...) these systems of representation cannot be separated from that space. The mechanisms that define the house

Um dos exemplos que melhor identifica a relação entre os mecanismos espaciais e os representativos são as várias abordagens realizadas ao *boudoir*. Nesse sentido, a análise de Eleb-Vidal inscreve-se na perspectiva disciplinar. Refere-se, por exemplo, à sua localização dentro da habitação. Sendo o *boudoir* um local de expressão feminina, o facto de se localizar dentro do universo doméstico já estabelece a sua dimensão disciplinar. Segundo Nicolas Ledoux, o *boudoir* era a contraparte do gabinete, mas a sua localização dentro da habitação é bastante distinta: o gabinete localiza-se próximo da entrada da casa – contendo, no limite, um acesso exclusivo – enquanto que o *boudoir* é apenas acessível através de uma rota labiríntica. Outra ação disciplinar que também é importante ter em conta é a dos próprios objetos que compõem o espaço, como é o caso do bidé. No limite, considero que o *boudoir* é um dispositivo inserido noutro dispositivo maior que é a habitação, e que é composto por dispositivos de menor escala, como é o caso do bidé e que, neste sentido, a identidade da mulher foi triplamente condicionada a partir da ação destes dispositivos.

Todavia, Anne Troutman em *The modernist boudoir and the erotics of space*, analisa o *boudoir* a partir de outro ponto de vista: o da dimensão erótica na arquitetura. Neste sentido,

[p]ode dizer-se que a dimensão erótica da arquitetura é o lado inconsciente e instintivo da nossa experiência de forma e espaço, implícita e virtual. E, como não-consciente, é mascarado e codificado, caracterizado por excesso, elaboração, ironia e humor. (...) As ambiguidades e dinâmicas inerentes à dupla natureza da arquitetura como objeto físico e condição espacial, disciplina discursiva e experiência imersiva podem ser lidas como uma evocação da dinâmica do desejo erótico.<sup>120</sup>

---

cannot be divided into those that are spatial and those that are representational. The space in which the privatization of sexuality could occur is literally produced by transformations in representational systems and, equally, those systems are made possible by that space.”

<sup>120</sup> TROUTMAN, Anne - *The modernist boudoir and the erotics of space*, em *Negotiating Domesticity*, editado por Hilde Heyden e Gulsum Baydar, p. 296-297, “It could be said that the erotic dimension of architecture is the unconscious, instinctual side of our experience of form and space, implicit, and virtual. And like the unconscious, it is masked and encoded, characterized by excess, elaboration, irony, and humor.”

Para Troutman, o que está em causa é o modo como o *desejo* foi negociado espacialmente a partir do *boudoir*. Considera a “dupla natureza da arquitetura”, ou seja, a sua análise inclui simultaneamente referências aos mecanismos representativos e espaciais. No entanto, a sua atenção recai sobre a experiência espacial a partir do princípio do *eros*. Troutman afirma:

De facto, o *boudoir* é operado por muitas das mesmas estratégias que os sonhos. Através da duplicação, deslocamento, substituições e simbolizações, ele iludiu o consenso e criou um espaço literal e psicológico para fantasia e diversão.<sup>121</sup>

Existe um paralelismo claro entre a afirmação de Troutman e o ponto de vista de Neil Leach, que determina que as narrativas de uso também são parte integrante da arquitetura. Troutman refere inclusivamente que a arquitetura é um ponto de referência em várias obras que tratam a questão do sonho – nomeadamente, em *Hypnerotomachia Poliphili* (1499) – e em várias novelas eróticas, como *La Petite Maison* (1759). Afirma:

Como um espaço discursivo eroticamente carregado - tanto local de encontro intelectual quanto espaço explícito de atmosfera sexual – um encontro de mente e corpo – a natureza transgressora do *boudoir* tinha certos benefícios.<sup>122</sup>

Neste sentido, durante a sua evolução, o *boudoir* adquiriu muitas *identidades*: evoluiu de um espaço de retiro feminino para um local de encontros sexuais clandestinos; de um espaço de fantasia erótica isolado para o mundo virtual de relações espaciais e visuais do alto modernismo. Troutman refere:

No início do século XX, o *boudoir* aristocrático ressurgiu no trabalho dos arquitetos modernistas influentes para a clientela da alta burguesia, às vezes como um *boudoir* para a mulher da casa (...), mas mais frequentemente como uma sensibilidade

---

<sup>121</sup> Ibidem, p. 300, “Indeed, the *boudoir* operated by many of the same strategies as do dreams. Through doubling, displacement, substitutions, and symbolizations, it eluded censorship and created a literal and psychological space for fantasy and play.”

<sup>122</sup> Ibidem, “As an erotically charged discursive space - both intellectual meeting place and explicit sexual feeling space - a rendezvous of mind and body - the transgressive nature of the *boudoir* had certain benefits.”

estética. No caso do trabalho de Adolf Loos, (...), o *boudoir* era o centro e o coração simbólico da casa, um espaço feminino e uma maneira de fazer espaço.<sup>123</sup>

Embora Loos *censure* o uso da ornamentação na arquitetura, o quarto da sua mulher Line, na “Müller House” (1929-1930) inclui “tecidos drapeados, superfícies visuais compostas por texturas, a interação de espelhos e janelas”<sup>124</sup>, sugerindo, segundo Troutman, uma relação com o *boudoir* e a sua decorrente decoração sensual. Outros projetos são apresentados como exemplificativos da *recuperação* do *boudoir* no movimento moderno, como é o caso da “Maison de Verre” (1928-1932), de Pierre Chareau, e da “Villa Savoye” (1928), de Le Corbusier.

O efeito íntimo e erótico do *boudoir* histórico foi alcançado pela engenhosa dissolução de distinções e de fronteiras entre arquitetura e espaço, dentro e fora, público e privado, pelo entrelaçamento da forma, superfície e luz, e através de uma elaboração ou excesso de invenção estética. Uma versão despojada desses mesmos princípios institui a organização e a estética da casa modernista. Ainda assim, como símbolo do feminino, do estético e do sexual – o *boudoir* foi colonizado pelo vocabulário modernista da função, da higiene e da transparência – a sua sensibilidade erótica afirma-se no intenso esteticismo, na ambiguidade visual e espacial, nos materiais sensoriais e, ainda, no manuseio quase palpável do espaço e da luz, que caracteriza a casa moderna do século XX, sugerindo a dimensão mais fluída de género, ressoando no modernismo um erotismo do espaço que continua a resultar na abstração sensual e no *informe* da sensibilidade da arquitetura modernista atual.<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> Ibidem, p. 304 “In the early twentieth century, the aristocratic boudoir re-emerges in the work of seminal modernist architects for their haute bourgeoisie clientele, sometimes as a boudoir for the woman of the house (...), but more often as an aesthetic sensibility. In the case of Adolf Loos work, (...), the boudoir was both the literal center and symbolic heart of the house, a female space and a way of making space.”

<sup>124</sup> Ibidem, p. 304 “(...) draped fabrics, elaborate visual texturing of surfaces, the interplay of mirrors and windows.”

<sup>125</sup> Ibidem, p. 312-313, “While the intimate and erotic effect of the historical boudoir was achieved by the artful dissolving of distinctions and the blurring of boundaries between architecture and space, inside and outside, public and private, by an intertwining of form, surface, and light, and through an elaboration or excess of aesthetic invention, a stripped-down version of these same principles infuses the organization and aesthetics of the modernist house. Yes even as the boudoir - symbol of the feminine, the aesthetic, and the sexual - was colonized by the modernist vocabulary of function, hygiene, and transparency, its erotic sensibility asserts itself in the intense aestheticism, visual and spatial ambiguity, sensuous materials, and almost palpable handling of space and light that characterizes the twentieth-century modernist house, suggesting a more fluid gendered dimension resonating within modernism an erotics of space that continues to resonate in the sensual abstraction and *informe* sensibility of space.”

Obviamente, determinados dispositivos arquitetônicos vão ganhando diferentes configurações ao longo do tempo. Esta premissa é facilmente confirmada pelas três definições que Eleb-Vidal apresenta no glossário para o *boudoir*:

Existe, na distribuição de um apartamento, um pequeno gabinete com chaminé, perto do quarto e da casa de banho, cuja vista deve ser agradável e deve estar bem iluminado. Tem sido chamado de *boudoir*, porque é neste lugar onde uma mulher se retira para meditar, ler ou trabalhar, numa palavra, estar sozinha. (...)

Pequena sala decorada com muita elegância, localizada perto do quarto e da casa de banho da mulher. O *boudoir* é um quarto onde a dona de casa se retira quando não quer receber. A decoração do *boudoir* deve ser luxuosa, a luz do dia deve alcançá-lo apenas através de vitrais ou vidro gravado; quanto ao mobiliário, deve ser de pouca importância, mas muito confortável e de grande riqueza. O *boudoir* é uma invenção do século XVIII. (...)

Pequena sala coquete adornada, para o uso particular de senhoras que se retiram para ficar sozinhas e admitem apenas as pessoas mais íntimas. Os *boudoirs* parecem datar do século XVIII. (...) <sup>126</sup>

A primeira definição data do ano de 1770, a segunda de 1877 e a terceira de 1905. O que é curioso na evolução das três definições – para além da própria *necessidade* de Eleb-Vidal em utilizar três definições, determinando o carácter mutável deste lugar – é a forma como o dispositivo se altera ao longo do tempo. A primeira definição alude à necessidade de isolamento da mulher, enquanto que a última já determina a presença de outras pessoas neste lugar. Obviamente, nenhuma destas definições diz respeito ao carácter erótico do *boudoir*, que segundo os relatos de Troutman é bastante evidente.

---

<sup>126</sup> ELEB-VIDAL, Monique, *Architectures de La Vie Privée, Maisons et Mentalités, XVII<sup>e</sup> – XIX<sup>e</sup> siècles*, p. 294, “Est dans la distribution d'un appartement, un petit cabinet à cheminée, près de la chambre à coucher, & du cabinet de toilette, dont la vue doit être agréable & qui doit être bien éclairé. On l'a appelé boudoir, parce que c'est dans cet endroit où une femme se retire pour méditer, ou pour lire, ou pour travailler, en un mot, pour être seule. (...) Petit réduit, petit salon décoré avec beaucoup d'élégance, situé près de la chambre à coucher et du cabinet de toilette d'une femme. Le boudoir est la pièce dans laquelle se retire la maîtresse du logis quand elle ne veut pas recevoir. La décoration du boudoir doit être luxueuse, le jour ne doit y parvenir qu'à travers des vitraux ou des verres gravés; quant à l'ameublement, il doit être de peu d'importance mais très confortable et d'une grande richesse. Le boudoir est une invention du XVIII<sup>e</sup> siècle. (...) Petite pièce coquettement ornée, à l'usage particulier des dames qui s'y retirent pour être seules et n'y admettent que les personnes les plus intimes. Les boudoirs semblent dater du XVIII<sup>e</sup> siècle. (...)”

No entanto, a maioria das definições que Troutman apresenta não partem de dicionários, mas sim de novelas eróticas. Neste sentido afirma:

O que começou como a contraparte feminina do gabinete masculino no início do século XVIII, em meados do século tornou-se não apenas um símbolo da sexualidade feminina, mas um lugar de influência política feminina e de poder intelectual na sexualidade, mas um lugar de influência política feminina e poder intelectual na sociedade aristocrática francesa. (...) No *palco* doméstico [é nos palcos que ocorrem as performatividades] do *boudoir* sexualizado, o filósofo libertino e o salão de beleza envolviam a política e a moralidade, obtendo alguma medida de liberdade das convenções sociais e sexuais da época. (...) o *boudoir* forneceu o espaço físico e psicológico para a subversão de um sistema social fixo e social a partir de dentro.<sup>127</sup>

Neste sentido, existe um paralelismo entre o *boudoir* e o *vespasienne*. Ambos representam “o espaço físico e psicológico para a subversão de um sistema social fixo e social a partir de dentro.” Este ponto de vista aproxima-se da perspectiva de Leach, que afirma ser “um erro mapear certas atividades em certas formas, como se essas atividades fossem uma consequência dessas formas”. A arquitetura pode, segundo o entendimento Foucaultiano, sujeitar o indivíduo. Mas o indivíduo pode, segundo o entendimento de Merleau-Ponty, alterar o espaço à sua volta. Esta subversão confirma, obviamente, a premissa de que a arquitetura nunca pode considerar os dois sistemas enunciados isoladamente. Neste sentido, o individual – entenda-se, o que é próprio do indivíduo - medeia a relação entre os mecanismos representativos e os mecanismos espaciais.

---

<sup>127</sup> TROUTMAN, Anne - *The modernist boudoir and the erotics of space*, em *Negotiating Domesticity*, editado por Hilde Heyden e Gulsum Baydar, p.297, “What began as the female counterpart of the male study in the early eighteenth century, by mid-century had become not only a symbol of feminine sexuality, but a locus of female political influence and intellectual power in sexuality, a but a locus of female political influence and intellectual power in French aristocratic society. (...) On the domestic stage of the sexualized boudoir, the libertine philosophe and saloniste engaged politics and morality, obtaining some measure of freedom from the social and sexual conventions of the time. (...) the boudoir provided the physical and psychological space for subversion of a fixed and rigid social system from within.”

## IV :

# CONCLUSÃO

A arquitetura constitui-se como um *dispositivo* que suporta determinados discursos e formas de vida, ao mesmo tempo que se altera a partir do aparecimento e desenvolvimento desses mesmos discursos. A arquitetura muda conforme o indivíduo e a sua esfera social, e os indivíduos veem o seu comportamento moldado pela arquitetura. Esta reciprocidade é reiterada, por exemplo, quando Edward Hall cita Winston Churchill afirma: "Nós moldamos os nossos edifícios, e eles moldam-nos a nós"; ou, por exemplo, quando Eleb-Vidal afirma: "Diz-me como habitas, dir-te-ei quem és"; ou, ainda, quando o antropologista Daniel Miller declara "Indivíduos ocupam casas, mas casas ocupam indivíduos." Ao longo da presente investigação, foram estabelecidas algumas premissas que definem melhor esta relação. Neste sentido:

- i) O género é performativo, querendo isto dizer que ninguém é realmente um género desde o começo. Assim, não existe uma identidade de género, tanto quanto não existe uma identidade cultural, religiosa ou social pré-estabelecidas. Tudo é construído e sedimentado ao longo do tempo. Assim, a performatividade pode e deve ser aplicada em função de todos os fatores culturais implicados na questão identitária do indivíduo.
- ii) Dizer que o corpo se torna útil, eficiente e funcional através da organização do espaço (Foucault) é também dizer que o corpo pode tornar o espaço útil, funcional e eficiente (Merleu-Ponty). O uso determina a função. Um espaço pode ser projetado, equipado e organizado para permitir a sujeição dos corpos, independentemente dos corpos *individuais*, mas tais espaços só podem cumprir a sua função política na medida em que são habitados por corpos que animam e executam essa função.

- iii) Os espaços nos quais uma determinada identidade é *produzida* é condicionado pelos mecanismos de representação (Neil Leach) e esses sistemas tornam-se possíveis a partir dos mecanismos espaciais (Monique Eleb-Vidal). O indivíduo medeia esta relação.

Considerar a identidade como fruto de uma performatividade – e, neste sentido, como uma construção cultural – aproxima-a da arquitetura. A questão é que nem todas as identidades de género ocupam a mesma posição dentro da sociedade. Neste sentido, a crítica arquitetónica feminista procurou demonstrar de que modo as mulheres foram fruto de exclusão na arquitetura. Se, antes do feminismo se debruçar sobre a arquitetura, não era possível questionar as conjunturas que eram consideradas como “naturais” – como o caso do isolamento feminino em casa –, o debate feminista demonstrou que a arquitetura era, considerando obviamente a questão da identidade de género, uma estrutura hierarquizada dominada por uma elite, repleta de armadilhas discriminatórias para os não privilegiados.

No entanto, durante todo este processo, o projeto feminista replicou a forma de exclusão que tentou condenar. Naturalmente, reconhecer determinadas estruturas ocultas que pautam a produção arquitetónica constitui um bom ponto de partida para qualquer teoria acerca do modo como a arquitetura fomenta a exclusão de uma determinada identidade de género. No entanto, esta perspetiva é redutora. A categoria do “outro” não precisa de ser expandida, deve ser anulada. Neste sentido, a teórica Jos Boys em *Beyond maps and metaphors? Re-thinking the relationship between architecture and gender* (1998), afirma:

Finalmente e talvez mais importante, o foco sobre a mera revisão dos valores alocados em oposições binárias existentes (por exemplo, criticar o lar suburbano como ‘obviamente’ opressivo para as mulheres limitou severamente a capacidade



de 'ver' e mais ainda de desafiar as limitações subjacentes ao pensamento estruturado dessa maneira.<sup>128</sup>

Assim, é necessário desafiar as abordagens tradicionais que “naturalmente” tendem a categorizar o mundo a partir de oposições binárias. O propósito da dissertação em curso foi repensar as teorias já existentes do espaço e ir além de dualismos como natural/cultural, ativo/sujeitado, representativo/espacial e, no limite, masculino/feminino. A perspectiva de Boys é, neste sentido, esclarecedora:

Na nova política cultural de diferença, o objetivo não é nem simplesmente afirmar a dominância do subalterno sobre a hegemonia numa ordem bipolar rigidamente mantida, nem mesmo promover determinados traços e tradições opostas. É desmembrar e desordenar o próprio binário, rejeitar a estrutura simples dos dualismos fechados por meio de uma desconstrução (simpatética) e de uma reconstituição que permite abertura, flexibilidade e multiplicidade radicais. O passo fundamental é reconhecer e ocupar geografias novas e alternativas – um terceiro espaço de escolha política – diferente, mas não inteiramente, das geografias definidas pelas oposições binárias originais *entre* e *dentro* do objetivismo e do subjetivismo.<sup>129</sup>

O que me parece importante ressaltar, neste sentido, é a “natural” *resistência* à superação desses dualismos e, ao mesmo tempo, a urgência em fazê-lo. Esta *resistência* é perpetuada pela perspectiva estruturalista. Classificar dicotomicamente pode ser útil enquanto mecanismo – foi-o inclusive na realização desta pesquisa – mas é necessário ir mais além e descobrir “o terceiro espaço”, o *espaço* fora dessa dicotomia. É necessário, não só expor esses dualismos, mas problematizá-los. No entanto, a problematização está

---

<sup>128</sup> BOYS, Jos – *Beyond maps and metaphors? Re-thinking the relationship between architecture and gender*, p. 204, citada em *Gender Studies in Architecture*, p.206, “Finally and perhaps most fundamentally, the focus on merely reversing the values allocated to existing binary oppositions (for example, criticizing the suburban home as 'obviously' oppressive to women) severely limited our ability to 'see' let alone challenge the underlying limitations of thought structured in this way.”

<sup>129</sup> Ibidem, “In the new cultural politics of difference, the aim is neither simply to assert dominance of the subaltern over the hegemon in a rigidly maintained bipolar order, nor even to foster some specified opposing traits and traditions. It is to break down and disorder the binary itself, to reject the simple structure of closed dualisms through a (sympathetic) deconstruction and reconstitution that allows for radical openness, flexibility and multiplicity. The key step is to recognize and occupy new and alternative geographies-a thirdspace' of political choice- different but not detached entirely from the geographies defined by the original binary oppositions between and within objectivism and subjectivism.”

comumente associada à confusão, ao equívoco, à dúvida. Neste sentido, apropriar-me-ei mais uma vez do ponto de vista de Butler, segundo o qual:

Talvez o *problema* [itálico colocado por mim] não precise de carregar uma valência negativa. Criar problemas era, no discurso reinante da minha infância, algo que nunca devia fazer-se, precisamente porque colocaria alguém em apuros. A rebelião e a sua reprimenda pareciam ser alcançadas nos mesmos termos, um fenómeno que deu origem à minha primeira visão crítica do ardil subtil do poder: a lei proeminente ameaçava a pessoa em apuros, colocava-a até em apuros, tudo apenas para manter a pessoa longe de apuros.<sup>130</sup>

A questão do *problema* deve ser instituída no âmbito arquitetónico – mais especificamente, a questão do *problema* das novas identidades do indivíduo. Deste modo, e apropriando-me do ponto de vista do antropólogo Edward Hall, o arquiteto precisa de ter em consideração os diversos fatores que condicionam a identidade do indivíduo: colocarmo-nos a todos em *apuros*. O antropólogo estabelece uma crítica à produção arquitetónica, alertando para o facto de não haver uma preocupação concreta com a nova condição identitária. Isto é, assumir que o indivíduo aprende com o que percebe e, posteriormente, repercute no seu entorno o que apreendeu de experiências e percepções anteriores. O que, na verdade, corresponde a uma performatividade. Afirma:

(...) o cliente individual não é minha principal preocupação. O *problema* [itálico colocado por mim] que enfrentamos hoje em projetar e reconstruir as nossas cidades é entender as necessidades de um grande número de pessoas. Construimos prédios enormes, de apartamentos e de escritórios gigantescos, sem entender a necessidade dos seus ocupantes. O facto mais importante do espaço de recurso fixo<sup>131</sup> é que ele é o molde onde muitos *comportamentos* [itálico colocado por mim]

---

<sup>130</sup> BUTLER, Judith - *Gender Trouble, preface, xix*, Perhaps trouble need not carry such a negative valence. To make trouble was, within the reigning discourse of my childhood, something one should never do precisely because that would get one in trouble. The rebellion and its reprimand seemed to be caught up in the same terms, a phenomenon that gave rise to my first critical insight into the subtle ruse of power: the prevailing law threatened one in trouble, even put one in trouble, all to keep one out of trouble.

<sup>131</sup> Segundo Edward Hall, são três as categorias de elementos que compõem o espaço, nomeadamente: os elementos de recurso fixos, semi-fixos e não fixos ou informais. Neste sentido os espaços de recurso-fixos são, usualmente, permanentes na localização e disposição. Um exemplo de um elemento de característica fixa é um chão ou uma parede.

são moldados.<sup>132</sup>

O modelo atual de sociedade promove as trocas culturais e a arquitetura deve, por isso, adaptar-se ao novo modelo *social*, a partir das mais variadas condições identitárias. O que Hall sugere é que, modelando e padronizando a sua própria cultura, o arquiteto deve questionar a natureza dos seus comportamentos e das suas práticas e compreendê-las como próprias de uma condição identitária. E, considerando que o espaço que projeta não se destina ao seu próprio uso (salvo raras exceções), deve ser capaz de reconhecer no “outro” um indivíduo que possui uma identidade própria e que, manifestada em práticas sócio-espaciais particulares, requer um *espaço* específico. A questão coloca-se: mas que *espaço* é este?

Hilde Heynen, em *Negotiating Domesticity* (2005) produz uma reflexão acerca da condição identitária do indivíduo e da sua relação com o espaço. O seu raciocínio parte das mesmas premissas apresentadas por Neil Leach quando institui o conceito de “belonging” – pertença – segundo o qual o mimetismo é parte do processo de constituição identitária do indivíduo. Heynen apresenta o estudo do antropólogo Daniel Miller, que determina que as práticas de consumo – por exemplo, a decoração da casa – se relacionam com o *conflito* (ou *não conflito*) da apropriação de bens e de serviços, produzidos em circunstâncias abstratas, a fim de transformá-los em algo que contribuía para a construção identitária do indivíduo.<sup>133</sup> Neste sentido, qualquer formulação de novos modelos espaciais deve abordar os próprios mecanismos do capitalismo – um campo de operações sempre renegociáveis.

---

<sup>132</sup> HALL, Edward, *The Hidden Dimension*, p.66, “However, the individual client is not my primary concern. The problem facing us today in designing and rebuilding our cities is understanding the needs of large numbers of people. We are building huge apartment houses and mammoth office buildings with no understanding of the need of the occupants. The important point about fixed-feature space is that it is the mold into which a great deal of behavior is cast.”

<sup>133</sup> Esta noção complementa obviamente a proposta de Bourdieu's, que enfatiza a necessidade da *praxis* para desbloquear o significado desses mesmos objetos.

O modelo atual da sociedade acelera, naturalmente, o ritmo destes processos, exigindo ao indivíduo uma *adaptação* – entenda-se que esta *adaptação* deriva de uma *performatividade* – mais frequente. Os modelos de identificação atuais, neste sentido, contrastam com os anteriores: afastam-se da utopia da vida quotidiana burguesa do século XVIII, em que os interiores, selecionados cuidadosamente, proporcionavam sistematicamente a sujeição de determinadas identidades; e do interior abstrato, *vazio* do movimento moderno, no qual o anonimato e a abstração também podem ser considerada como uma forma de sujeição. O que ambos os modelos parecem rejeitar, seguindo o ponto de vista de Heynen, é que “‘fazer uma casa’ é um processo contínuo, que exige muito esforço e trabalho, e isso obviamente nunca está 'terminado'.”<sup>134</sup> Heynen cita Walter Benjamin, que refere que “habitar” é um verbo transitivo, “[t]em a ver com a criação de uma concha para nós mesmos.”<sup>135</sup> E esta “criação de uma concha” é, no limite, uma performatividade. E, neste sentido, esta “concha” não é fixa nem estável: deriva da identidade subjetiva, ou melhor, fluída, do indivíduo que a habita. Neste sentido, Heynen afirma:

Uma vez que a subjetividade do indivíduo moderno é permanente, o seu interior deve ser capaz de responder a essa condição de transitoriedade e deve ser capaz de mudança e variabilidade contínuas. A versão mais radical disso consistiria num interior completamente anónimo que só é *apropriado* [itálico colocado por mim] temporariamente, como, por exemplo, um quarto de hotel. Para Benjamin, as experimentações russas iam nesse estado de direção de transição.<sup>136</sup>

Heynen refere-se às “identidades nómadas”, que são as identidades do viajante ou do refugiado, por exemplo. Como resposta espacial a estas novas identidades, Heynen afirma que estas “só podem ser acomodadas em

---

<sup>134</sup> HEYDEN, Hilde - *Negotiating Domesticity: Spacial Productions Of Gender In Modern Architecture*. p. 21 'making a home' is a continuous process that requires a lot of effort and work, and that is obviously never 'finished.'

<sup>135</sup> Walter Benjamin, citado em *Negotiating Domesticity: Spacial Productions Of Gender In Modern Architecture*, p. 21, “It has to do with fashioning a shell for ourselves.”

<sup>136</sup> Ibidem, p. 22, “Since the modern individual's subjectivity is in a permanent , his or her interior should be able to answer to this condition of transitoriness and should be capable of continuous change and variability. The most radical version of this would consist of a completely anonymous interior that is only appropriated on a temporary basis, such as, for instance. a hotel room. For Benjamin, the Russian experiments were heading in that state of transition direction.”

interiores que não as determinam, mas permitem a maior flexibilidade possível.”<sup>137</sup> Parece-me importante referir que, apesar de Heynen identificar a “flexibilidade” como parte do modelo espacial proposto para a nova condição identitária do indivíduo, esta flexibilidade afasta-se daquilo que, comumente, associamos à flexibilidade (formal) no âmbito arquitetónico, como é o caso da Casa Rietveld Schröder. Neste sentido, a flexibilidade presente Casa Rietveld Schröder já determina a própria identidade espacial da habitação, não sendo esta *negociável*. E sendo que, seguindo as premissas de Butler, qualquer identidade é sempre *performativa*, não podemos fixar nenhum carácter a estas mesmas identidades que não a sua *natureza transitória*. Neste sentido, identidade de género pode também ser considerada como uma “identidade nómada”, pois “está sempre a alterar-se devido à interação contínua com o mundo exterior”. Deste modo: não existe uma determinada identidade de género definida; mas qualquer identidade de género é uma identidade. Esta lógica aproxima-se da perspetiva de Neil Leach, quando cria um contraponto com a teoria do “Não-Lugar” de Marc Augés. Neste sentido:

(...) não é que qualquer lugar possa ser definido como um ‘não-lugar’, mas sim que qualquer lugar pode se tornar um lugar – um local de pertença – através das performatividades associadas a esse local.<sup>138</sup>

Diria: não é que qualquer género possa ser definido como um ‘não-género’, mas sim que qualquer género pode se *tornar* um género – uma identidade de pertença – através das performatividades associadas a esse género.

O Não-Lugar de Género estabelece-se, assim, como um lugar de liberdade. Um lugar que não tem nenhuma identidade que não a flexibilidade

---

<sup>137</sup> Ibidem, “(...) if peoples identities are all the time moving and shifting because of ongoing interaction with the outside world (...) they can only be accommodated in interiors that do not determine them, but rather allow for the greatest possible flexibility.”

<sup>138</sup> LEACH, Neil - *Camouflage*, p. 183, “(...) is not that anywhere can be ‘assigned’ as a non-place, but, rather, that anywhere can become a place - a site of belonging - through the performativities associated with that location.”

identitária dele mesmo. Quando Foucault, numa entrevista afirma que “a arquitetura pode e consegue produzir efeitos positivos quando as intenções libertadoras do arquiteto coincidem com a prática real das pessoas no exercício da sua liberdade<sup>139</sup>”, determina a liberdade como elemento mediador entre a arquitetura e o utilizador.

Iniciei esta investigação determinando que todo o trabalho desenvolvido acerca da questão de género assenta numa única premissa: o conceito de liberdade. Acrescentaria agora a dimensão identitária do espaço como preponderante para o “exercício da liberdade”. E é neste sentido que o Não-Lugar de género constitui paradigma válido que, de alguma forma, substitui os modelos espaciais anteriores, caracterizados por identidades espaciais fixas. Desta forma, O Não-Lugar de Género é um modelo fluido e transitório. É renegociável e efêmero. As mudanças acontecem e as identidades são frágeis. Apesar de tudo, deixam marcas da sua passagem: a questão da pertença através das performatividade é preponderante. O Não-Lugar de Género permanece como um processo ativo, como a liberdade, oferecendo um modelo mais compreensivo para entender os novos modos contemporâneos de identificação com o lugar.

PS. Considerando o período moderno como preponderante para uma reflexão mais profunda acerca da condição identitária do indivíduo na arquitetura, gostaria de admitir a seguinte hipótese: se as circunstâncias temporais o permitissem, a análise da habitação moderna poderia constituir uma parte importante do trabalho realizado.

---

<sup>139</sup> FOUCAULT, Michel - *Space, Knowledge, Power: Interview with Paul Rabinow*, em *Rethinking Architecture*, página 351, “I think that it can and does produce positive effects when the liberating intentions of the architect coincide with the real practice of people in the exercise of their freedom.”

BIBLIOGRAFIA:

AGREST, Diane e CONWAY, Patricia e WEISMAN, Leslie - *The Sex Of Architecture*. New York: Harry N. Abrams, 1996. ISBN 0810926830

BARRET, Michèle - *Women's Oppression Today: Problems in Marxist Feminist Analysis*. Thetford: The Thetford Press Ltd, 1980. ISBN 0860910334

BEAUVOIR, Simone - *Le Deuxième sexe 1*. Paris: Gallimard, 1991. ISBN 9782072442100

BUTLER, Judith - *Bodies that matter: On the discursive limits of the "sex"*. New York: Routledge Classics, 1993. ISBN 9781138834767

BUTLER, Judith - *Gender Trouble*. New York: Routledge Classics, 2006. ISBN 0415389550

BUTLER, Judith - *Imitation and Gender Insubordination*, em STOREY, John - *Cultural Theory and Popular Culture: An Anthology*. Pearson: Harlow, 2009. ISBN 0820328391

BUTLER, Judith - *Performative Acts and Gender Constitution, An Essay in Phenomenology and Feminist Theory*. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1988.

BUTLER, Judith - *The Psychic Life of Power*. California: Stanford University Press, 1997. ISBN 080472812

COLOMINA, Beatriz - *Domesticity at War*. Barcelona: Actar, 2006. ISBN 8496540111

COLOMINA, Beatriz - *Sexuality and Space*. New York: Princeton Architectural Press, 1992. ISBN 1878271083

CROSSLEY, Nick - *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty* London: Sage Publications, 1996.

CUTHBERT, Alexander - *The form of cities: Political Economy and Urban Design*. Malden: Blackwell Publishing. 2006. ISBN 9781405116398

ELEB-VIDAL, Monique - *Architectures de La Vie Privee: Maisons et Mentalités XVII-XIX siècles*. Bruxelles: Archives d'Architecture Modern. ISBN 2871430640

ELEB-VIDAL, Monique - *Art et savoir de la distribution des habitations - Les XVII et XVIII siècle*, consultado a 12/12/2017, disponível em:  
[https://lasur.epfl.ch/files/content/sites/lasur2/files/Images/stories/editions\\_du\\_lasur\\_pdf/AC/AC%20Vol%203%20No.2/ELEB-VIDALandDEBARRE-BLANCHARD.pdf](https://lasur.epfl.ch/files/content/sites/lasur2/files/Images/stories/editions_du_lasur_pdf/AC/AC%20Vol%203%20No.2/ELEB-VIDALandDEBARRE-BLANCHARD.pdf)

FOUCAULT, Michel - *Discipline and Punish, The Birth of the Prison*. New York: Vintage Books, 1995. ISBN 0679752552

MICHEL, Foucault, *The History of Sexuality, Volume I: An Introduction*. New York: Vintage Books, 1990. ISBN 0679724699

FOUCAULT, Michel - *Security, Territory, Population: Lectures At The Collège de France, 1977-1978*. London: Palgrave Macmillan UK, 2009. 978-1-4039-8652-8

FOUCAULT, Michel - *Society Must Be Defended: Lectures At The Collège de France*. New York: Picadilli Press, 2003. ISBN 0312203187

Michel Foucault, "Space, Knowledge, Power: Interview with Paul Rabinow", em *Rethinking Architecture, A Reader In Cultural Theory*.



GIORGIO, Agamben - *What Is an Apparatus?: And Other Essays*, Stanford, CA: Stanford UP, 2009. ISBN 978-0804762304

HARVEY, David - *The Condition of Postmodernity*. Oxford: Blackwell, 1989. ISBN 9780631162940

HEIDEGGER, Martin - *Ontology - The Hermeneutics of Facticity*. Indiana: Indiana University Press, 1999. ISBN 0253335078

HALL , Edward - *The Hidden Dimention*, Anchor Books Editions, 1969; ISBN 0385084765

HEYDEN, Hilde e GULSUM, Baydar - *Negotiating Domesticity: Spacial Productions Of Gender In Modern Architeture*. Oxon: Routledge, 2005. ISBN: 0415341388

KUHLMANN, Dorte – *Gender Studies in Architeture*. New York: Routledge, 2013. ISBN: 0415623006.

LEACH, Neil - *Rethinking Architecture, A Reader In Cultural Theory*. London: Routledge, 1997. ISBN 0415128250

LEACH, Neil - *Camouflage*. Massachusetts: The Mit Press, 2006. ISBN 0262622009

LEFEBVRE, Henri - *The Production of Space*. Oxford: Blacwell,1991. ISBN: 0631140484

LEMKE, Thomas - *Biopolitics: An Advanced Introduction*, New York: New York University Press. ISBN: 9780814752425

MARC, Olivier - *Psychology Of The House*. London: Thames and Hudson, 1977. ISBN 9780500011423

MCCORQUODALE, Duncan e RUEDI, Katerina e WIGGLESWORTH, Sarah - *Desiring Practices*. London: Black Dog Publishing, 1996. ISBN 09521773

Pallasmaa - *The eyes of the skin*. Chichester, John Wiley and Sons, 2005. ISBN 9781119941286

PONTY, Merleau - *Phenomenology of Perception*. New York: Routledge Classics, 2002. ISBN 0415278406

RENDELL, Jane - *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*. New York: Routledge, 2000. ISBN 9780415172530

SPAIN, Daphne - *Gendered Spaces*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1985. ISBN:9780807843574

SOJA, Edward, *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Social Theory*. London: Verso, 1989. ISBN 9780860919360

SIBLEY, David - *Geographies of Exclusion*. New York: Routledge, 1995. ISBN-10: 0415119251

YOUNG, Iris e ALLEN, Jeffner - *The Thinking Muse Feminism and Modern French Philosophy*. Indiana: Indiana University Press, 1989. ISBN 0253205026